

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

MARIA DE FATIMA LARANJEIRA

PRIMAVERA NÃO ESCOLHE JARDIM:

**O ENCONTRO DE JOVENS POBRES COM OUTROS
MODOS DE VER O MUNDO**

Niterói
2009

MARIA DE FATIMA LARANJEIRA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PRIMAVERA NÃO ESCOLHE JARDIM:
O ENCONTRO DE JOVENS POBRES COM OUTROS
MODOS DE VER O MUNDO

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre
em Estudos da Subjetividade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Livia do Nascimento

Niterói
2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

L318 Laranjeira, Maria de Fatima.

PRIMAVERA NÃO ESCOLHE JARDIM: o encontro de jovens pobres com outros modos de ver o mundo / Maria de Fatima Laranjeira. – 2009.

127 f.

Orientador: Maria Lívia do Nascimento.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2009.

Bibliografia: f. 118-127.

1. Juventude pobre. 2. Neoliberalismo. 3. Resistência. 4. Coletivo. 5. Amizade. I. Nascimento, Maria Lívia do. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 155.5

MARIA DE FATIMA LARANJEIRA

PRIMAVERA NÃO ESCOLHE JARDIM:

**O ENCONTRO DE JOVENS POBRES COM OUTROS
MODOS DE VER O MUNDO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Subjetividade.

Defendida e aprovada em 09/09/2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. MARIA LIVIA DO NASCIMENTO

**Universidade Federal Fluminense
Orientadora**

Prof^a. Dr^a. CECÍLIA MARIA BOUÇAS COIMBRA

Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Dr^a. ESTELA SCHEINVAR

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

Um dia um dos garotos se aproximou e disse:

- Mais de uma vez já ouvi você dizer que aprende muito com a gente. Mas não consigo entender... como pessoas tão jovens e simples podem ensinar algo a uma psicóloga que ajuda tanto a abrir nossas cabeças?

Já era tarde e não havia mais tempo para discussões. Apenas dei alguns exemplos de coisas que havia aprendido com eles.

Hoje, posso dizer àquele jovem e a todos os que estiveram nesta empreitada:

- Esta dissertação é apenas uma pequena parte daquilo que vocês me ensinaram. Por isso ela é total e completamente dedicada a vocês.

ALLINE

BÁRBARA

DIEGO

FLÁVIA

GABI

GEORGE

GIZELE

IGOR

ISABEL

ÍTALA

JONATHAN

LAISA

MANU

NAIÁ

NATHÁLIA

PRISCILLA

RAFAEL

TAÍZA

WEDSLLEY

WEVERSON

WILBER

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer pode ter vários significados.

O de reconhecer o recebimento de algo e demonstrar nossa gratidão por isso. O de retribuir coisas que adquiriram importância em nossa vida. O de corresponder a uma atenção. O de recompensar por um ato de generosidade e talvez outros que eu não consiga pensar agora. Mas com todos os significados que possa ter eu aproveito a oportunidade para dizer:

agradeço à Maria Livia, minha orientadora, pela atenção, cuidado e esforço por me auxiliar na compreensão de novas idéias que estão se mostrando tão importantes em minha vida;

agradeço à Cecília Coimbra que, apenas por existir e passar por nossas vidas já provoca terremotos e transformações. E ainda me chama de “florzinha” o que me deixa bastante feliz a esta altura de minha existência...

agradeço à Estela Scheinvar, profissional reconhecida, que não me conhece nem ao trabalho que realizo, e mesmo sem nunca ter me visto generosamente aceitou estar na banca examinadora alterando datas de compromissos anteriores;

agradeço ao democrático Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, em primeiro lugar por sua existência, que demonstra, como em nenhum outro lugar que eu tenha conhecido, que teoria e prática não se separam. E, em segundo lugar pelo esforço dos membros da Comissão de Seleção de 2007 em ler minha prova para o ingresso no Mestrado quando, acometida por uma forte tendinite, escrevi quatro páginas praticamente por rabiscos e símbolos matemáticos;

agradeço aos jovens alunos do Pré-Universitário Oficina do Saber que deram um novo colorido à minha vida nestes últimos anos;

agradeço aos Coordenadores do Programa Oficina do Saber pelo espaço de intervenção que sempre me foi dado e pelo incentivo do Professor José Nilton para que eu fizesse este Mestrado;

agradeço ao Professor Manuel Lozada, tão doce lembrança dos meus tempos de Universidade, e que me disse um dia, que ainda estaria em minha banca de doutorado. Não posso afirmar que isso vá ocorrer, mas sem sombra de dúvida contribuiu muito para que eu seguisse em frente;

agradeço à Cris (Cristiane Knijnik) pela leitura atenta do texto, que muito me ajudou a repensá-lo para a apresentação final. Porém, mais que isso, agradeço pela sensibilidade de todas as passagens por minha vida durante o curso; agradeço a todos os amigos que ao longo de minha intensa e louca vida produziram lindas experiências, descobertas e alegrias. Não posso nomeá-los aqui por medo de cometer injustiças devido a um eventual esquecimento. Mas eles certamente sabem quem são.

E finalmente quero e necessito agradecer e demonstrar o meu amor:

- aos meus pais, Azélio e Idelma, que me ensinaram a resistir e a não desistir frente aos obstáculos e injustiças na vida;
- ao Marcus, meu amado companheiro, que há mais de 20 anos incentiva e apóia todas as minhas loucuras e empreitadas;
- ao meu filho Breno, que segue sendo o meu mais belo poema, minha inspiração na busca de um modo mais doce e alegre de existir.

Gracias a la Vida¹

Violeta Parra

Gracias a la Vida que me ha dado tanto

...

me ha dado el sonido y el abecedario

...

me ha dado la marcha de mis pies cansados
con ellos anduve ciudades y charcos

...

me dio el corazón que agita su marco
cuando miro el fruto del cerebro humano,
cuando miro al bueno tan lejos del malo,

...

Gracias a la Vida que me ha dado tanto
me ha dado la risa y me ha dado el llanto,
así yo distingo dicha de quebranto
los dos materiales que forman mi canto
y el canto de ustedes que es el mismo canto

...

Gracias a la Vida
Gracias a la Vida.

¹ Letra e música de Violeta Parra gravada pela cantora argentina Mercedes Sosa (1971), por Elis Regina e Joan Baez, entre outros.



VISPERA*
(VÉSPERA)

Siempre somos la vispera de algo
y esse algo es sorpresa / flor de invierno
tierra que se estremece / paz em cieme
árboles / campo verde / matorrales
vientos reveladores de lo lejos
laberintos de um cielo tenebroso
noticias que espeluznan
niños que mató el hambre
candidatos al nobel o al patíbulo
vispera de otras visperas
la vida es um compacto visperario
y sempre habrá um futuro
dispuesto a confirmarlo

MARIO BENEDETTI

* Benedetti, M. (2005). Adioses y bienvenidas. Buenos Aires: Ed. Seix Barral

“Sempre somos a véspera de algo, e esse algo é surpresa/flor de inverno, terra que estremece/paz ainda em botão, árvores/campo verde/matagais, ventos reveladores do distante, labirintos de um céu tenebroso, notícias que estremecem, crianças mortas pela fome, candidatos ao nobel ou ao patíbulo véspera de

RESUMO

Este trabalho busca mostrar outros modos de ver a juventude pobre que nos é apresentada como sendo parte das chamadas “classes perigosas”, violentas e criminosas. Em tempos de globalização e atualização das relações de poder procura-se analisar modos de resistência ao individualismo e à competição desenfreada, a partir do trabalho onde se utilizou arteterapia com um grupo de jovens pobres de um curso pré-universitário, comunitário, da Universidade Federal Fluminense conhecido como Programa Oficina do Saber. Foi proposta aos jovens uma discussão sobre o tema desta dissertação o que possibilitou a criação de outros sentidos para o grupo e permitiu a construção de novos modos de ver e estar no mundo. A feitura de um Diário de Campo, no qual foram registradas as construções realizadas, permitiu a utilização de partes destas histórias e falas como apresentação dos temas aqui trabalhados e mostrou a sensibilidade, competência e potência de vida e criação destes jovens, que lhes permitem serem atores de suas próprias vidas. Ficam registradas também a criação de um coletivo e a amizade como um modo possível de resistência e transgressão nos dias atuais.

Palavras-chave: *juventude pobre - neoliberalismo e resistências - coletivo - amizade*

ABSTRACT

This labor is meant to show other ways of seeing the poor youth that is presented as being part of the so called "dangerous classes", known as being criminal and violent. In times of globalization and upgrading of relations of power, we seek to analyze modes of resistance to individualism and to non-stopping competition, using the work which art therapy was used with a group of poor young people of a communitarian pre-university course from Fluminense Federal University, known as Programa Oficina do Saber (Knowledge Workshop Program). It was proposed to these young people a discussion on the topic of this dissertation which allowed the creation of other meanings for the group and allowed the construction of new ways of seeing and being in the world. The creation of a field diary where they recorded their makings in the work period allowed the use of parts of these stories and speeches as the presentation of themes here worked and the sensitivity, competence and power of life and creativity of these new adults, enabling them to be actors their own lives. The creation of a collective and great friendship as a possible mode of resistance and transgression today is shown, as well.

Keywords: *poor youth - neoliberalism and resistance - collective - friendship*

SUMÁRIO

I - ENTRELAÇAMENTOS ESPAÇO-TEMPORAIS	01
1.1. <i>ver ver ter яеveя тeя яе-вiвeя</i>	03
1.2. <i>Paradoxos e possibilidades</i>	08
1.3. <i>“como se os olhos fossem feitos para concluir mas não para olhar”</i>	09
1.4. <i>Transformando ‘Halos de Inibição’</i>	11
1.5. <i>Ética, expansão da vida. Moral, encolhimento das singularidades</i>	16
1.6. <i>Embora a escrita seja “um polvo, um molusco versátil... um filtro da vida...”</i>	19
II - CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO	22
2.1. <i>Democracia e oportunidades iguais ou atualização das relações de poder e competitividade desigual?</i>	22
2.1.1 <i>“Nem tudo é o que parece”</i>	28
2.2. <i>Os novos gladiadores... ..</i>	30
2.3. <i>Só observamos quem somos na presença do outro... com ele formamos vínculos... mas, o que estamos fazendo com estes vínculos?</i>	34
III - TSUNAMES OU MAROLINHAS: RESISTÊNCIAS POR TODA PARTE	44
3.1. <i>Tecendo manhãs</i>	50
3.2. <i>“Dever amar é moral; querer amar é ética”</i>	58
IV - JOVENS POBRES E O ENCONTRO COM OUTROS MODOS DE VER O MUNDO..	61
V - AMIZADE COMO MODO POSSÍVEL DE RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO	83
5.1. <i>Amizade e história: diferentes momentos, diferentes formas... ..</i>	88
5.2. <i>Existem possibilidades do fazer conjunto nos dias atuais?</i>	98
5.3. <i>Amizades e possibilidades</i>	102
5.4. <i>Potência de transgressão</i>	103
VI - APRENDIZAGENS	109
6.1. <i>já que sentir é primeiro</i>	109
6.2. <i>Classes perigosas? Não. Sonhadores!</i>	112
6.3. <i>Coletivos são possíveis</i>	114
VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

I - ENTRELAÇAMENTOS ESPAÇO-TEMPORAIS

Primavera é início de algo novo.

Como termo originado do latim *'primo vere'* primavera significa começo do verão, momento em que os ventos frios darão mais espaço ao calor do sol e permitirão a germinação de sementes e o brotar de novas folhas. Momento que facilita a vida dos animais. Incentiva a reprodução. Aquece lentamente os oceanos. Permite aos pássaros cantar com outras intensidades. Abre novas possibilidades para a alegria na espécie humana.

Primavera é parte de um processo.

É um período que sucede o inverno e antecede o verão. Não existe sem eles. É parte do mesmo plano, juntamente com o outono. As transformações trazidas por um permitem as modificações realizadas pelos demais. Dias e noites têm sua duração momentaneamente mais equilibrada após o recolhimento das noites longas e antes dos espaçosos dias ensolarados.

“Primavera não escolhe jardim”²

Conheçamos ou não sua existência ou o significado de um jardim, lá está ela, metamorfoseando cores, paisagens, sonhos e poetas, tecendo outros arranjos, inquietando os que esperam a vida passar pela janela, dando lugar ao novo. Desconhecendo fronteiras.

O compositor e cantor cubano defende seu amor pela vida e a esperança de tempos melhores em um poema onde canta “mi amor no precisa fronteras; como la primavera, no prefiere jardín”. Por isso este foi o título escolhido para este trabalho, já que se espera mostrar que a sensibilidade, a capacidade de criar, de abrir passagem a outras possibilidades se faz presente em todos nós.

O texto apresentado consiste em parte do trabalho realizado com um grupo de jovens pobres, moradores de áreas pouco nobres das cidades de Niterói e São Gonçalo e que são tidos pelos discursos hegemônicos como pertencentes às ‘classes perigosas’ conforme apontado nas páginas 9/10.

² Frase da canção “Por quien merece amor” do cantor e compositor Silvio Rodriguez (1991)

Serão trazidas falas, histórias e poemas que mostram como o poeta cubano estava correto ao afirmar que primavera não escolhe jardim. Embora vivendo situações difíceis, ao realizarem outros encontros, em um espaço-tempo diferente do seu habitual, expuseram suas sensibilidades, questionaram querer e saberes pré-fabricados e criaram outras possibilidades de existência.

*O problema não é inventar.
É ser inventado hora após hora
e nunca ficar pronta a nossa edição convincente.*

Carlos Drummond de Andrade

Quando me vi sentada diante de dezenas de anotações, textos e livros, tendo que, finalmente, começar a escrever esta dissertação, não sabia por onde começar. Não era uma cena nova, já havia tido início em outros momentos e depois ficado inconclusa. Por isso, desta vez, tentaria fazer algo diferente.

O esforço por utilizar uma linguagem acadêmica “tradicional” não havia me permitido ir adiante. Assim, embora insegura, era necessário falar das coisas que me tocaram, e do modo como me tocaram, talvez, como em um diálogo comigo mesma, com os autores de todos aqueles livros e textos e, com os que porventura viessem a ler-me. Sem esconder os pontos de conflito, as dúvidas e, sem a ilusão de estar buscando verdades invariáveis, reproduzindo ou representando fenômenos ou estruturas determinadas.

A sensação inicial foi de estar caminhando para uma grande aventura, com todos os riscos aí embutidos, o medo e a insegurança, mas também o encantamento pela possibilidade de criar algo e poder ser modificada por essa criação.

Segundo Paulo Freire (1988) a leitura do mundo é anterior à leitura da palavra, dessa forma, sei que a minha leitura do mundo e dos temas trabalhados podem ter proximidades e semelhanças com outros, porém, não é a única interpretação possível e legítima, já que não existem verdades universais.

Construir algo no presente é rever e afirmar imagens, fatos e histórias do passado – partes constitutivas nossas e da vida – reordenando-as em outras lógicas, misturando-as com o que está sendo vivido e com aquilo que ainda é sonho

ou imaginação, refazendo formas e tempos, que por sua vez podem vir a reescrever ou recriar outras imagens, fatos, histórias, imaginações e sonhos.

Assim, nossas emoções e experiências vão dando significado e interpretações próprias às leituras dos textos (inclusive do que está sendo escrito), imagens e fatos que observamos – e vivemos – em nosso contexto, em nosso cotidiano.

Dessa forma, é necessário ter em mente que, ao produzir uma idéia, um texto ou um filme, por exemplo, estaremos sempre dentro de outros textos, imagens e contextos, carregando conosco leituras que, muitas vezes, já não sabemos como foram obtidas e que, portanto, não é possível citá-las da forma ética e recomendável.

1.1. *ver ver ter яeverя тея яе-вiвер*

Diferentes momentos históricos trazem consigo diferentes construções sociais.

O capitalismo contemporâneo não trouxe modificações apenas nas formas de dominação econômicas, políticas, sociais. Hoje, o poder busca estender seus mecanismos de dominação de forma cada vez mais ampla, atuando sobre nossa potência de vida (Foucault, 2001a), não apenas impondo questões às nossas subjetividades, mas fazendo com que as desejemos assim, fazendo-nos crer que possuímos uma identidade que aspira consumo e mais consumo em todas as áreas da existência, que acreditemos em seguranças pré-fabricadas e liberdade na maneira de viver. Ele captura nossos desejos e incide até mesmo sobre nossas formas de sentir, de perceber o mundo, de amar. O poder não é mais exercido de fora, ele agora é imanente, está em meio à própria vida. Formas de pensamento, modos de ver e dar sentido às coisas, formas de vida alternativas, tudo é transformado em novas formas de consumo.

“A vida, em sua potência de variação, constitui um dos alvos privilegiados do investimento do capitalismo contemporâneo. Tendo esgotado os horizontes visíveis para sua expansão, é no

invisível que o capital irá descobrir esta sua mina inexplorada: extrair as fórmulas de criação da vida em suas diferentes manifestações será seu alvo e também a causa de sua inelutável ambigüidade. É que se, por um lado, para atingir seu alvo lhe será indispensável investir em pesquisa e invenção, o que aumenta as chances de expansão da vida, por outro, não é a expansão da vida a meta de seu investimento, mas sim a fabricação e comercialização de clones dos produtos das criações da vida, de modo a ampliar o capital, seu princípio norteador.” (Rolnik, 2001, p. 3).

Neste momento em que vivemos imersos entre experiências genéticas, possibilidades de clonagem, transformações radicais da natureza, inteligência artificial e realidade virtual, entre tantos outros fatores, é necessário repensar muitas das questões ditas humanas.

Os ideais que conduziram as ações da geração dos anos 1960 e a posterior a ela, já não apaixonam multidões nem mesmo a juventude. E, nesta época de tanto individualismo e competição ficamos abalados, pois era mais confortável nos sentirmos fortes e unidos a ponto de crer que podíamos mudar o mundo.

Muitas pessoas daquelas gerações, a partir dos rumos da revolução russa, da queda do muro de Berlim e da globalização do capitalismo, se deprimiram e desistiram, acreditando que as formas de luta que haviam praticado eram as únicas possíveis. Ao mesmo tempo, uma pequena parcela insiste em continuar aplicando os mesmos métodos, sem grandes questionamentos sobre as transformações ocorridas e/ou sobre suas próprias ações.

Outros, como observa Rolnik (2007), caíram na armadilha do capitalismo cognitivo – que utilizou a potência de criação que explodia naqueles tempos para transformá-la em mercadoria e mais acumulação de capital – e se entregaram, com sua imaginação e forças criadoras, à fabricação de novos produtos e formas de ser neste outro momento do capital contemporâneo, fascinados com as possibilidades de altos salários e prestígio na mídia.

Muitos são os que terminaram por crer que o neoliberalismo será algo eterno e assim passaram a engrossar as fileiras dos que se adaptaram por terem fé nesta nova religião capitalista. Outros, ainda, mais jovens, não viveram aquelas experiências, mas acabaram sendo um produto resultante delas e, de forma geral,

vêm o modo de vida atual quase como algo inexorável e que tem sido assim desde sempre.

Porém, tanto fragmentos da história como vários elementos da situação atual mostram a possibilidade de novas transgressões e resistências.

Mesmo em tempos de nazismo, Walter Benjamin (1986), perseguido por ele, já nos ensinava que questões como

“confiança, coragem, humor, astúcia, firmeza ... manifestam-se na luta e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história” (*ibid.* p. 224)

Já no século XIX, Nietzsche (2005a, 2007) nos alertava que a fé inabalável em alguma meta e esperanças de salvação levavam a humanidade ao caminho da decadência. Que o que nos enfraquece é ficar falando e pensando sem ver o que acontece diante dos nossos olhos, no nosso presente. Que as quedas e os obstáculos têm um valor positivo porque estimulam a vida e nos obrigam a sermos melhores do que somos. Por isso, ao apontar a necessidade da transvaloração de todos os valores, este autor o fazia de forma afirmativa, alertando que esses novos valores não seriam como novos “ideais” e sim como novas produções, que reacenderiam nossa capacidade criativa, aumentando nossa força.

E, para este grande crítico da modernidade, é a vida a força que permite sermos atravessados pelo novo já que ela possui um movimento de auto-realização. Assim, ficar preso ao passado, ao que não deu certo, é não permitir que a vida se dirija para o seu horizonte de realização que é o futuro. O autor apresenta o mundo como uma interação de forças que ora se enfrentam e ora se articulam, em um eterno “vir-a-ser”, com transformações que criam e destroem.

Levando em conta este pensamento, vemos que é preciso jogar com as cartas que a vida nos oferece, não nos deixando levar pelo senso comum nem pelo ceticismo dos valores cristalizados do momento. Esse movimento de forças é maior que isso. Até mesmo as fraquezas e momentos de retrocesso trazem compreensão e possibilidades de criação do novo. Desta forma, sempre é possível resistir. Mas é

preciso um esforço para nos afastarmos de uma concepção naturalizada do que significa resistir pois nenhuma forma possui permanência eterna.

Heckert (2004) aponta, de forma poética, um modo de deixarmos de ver apenas as formas fixas:

“Se o fluxo do rio é imprevisível, as margens também o são. Parece uma imagem estática, igual, e que sempre se repete, mas não é bem assim. Olhando com atenção podemos ver que há variação nas margens. Em certas horas ela parece conter o rio, estabelecendo limites ao seu curso. Em outros momentos, ela adentra em seu leito ou é invadida por ele. As formas do rio e as margens se expressam de forma diferente: repetem-se e diferem-se. Quais são os limites dessas margens? As diversas formas constituídas neste encontro são uma ínfima parte, de outras tantas formas ainda possíveis de serem desenhadas pelas forças que percorrem o rio e suas margens. Se a posição do vento mudar, se a maré do rio subir, se alguma árvore deitar ao solo, se os barcos cruzarem rápido o rio, se houver fogo na mata... se... outras serão as formas delineadas” (Heckert, 2004, p. 13).

Para Foucault (1984, 2001a) não se pode falar em poder como regra, como Estado e instituições que sujeitam pessoas, grupos ou sociedades, já que estas são apenas formas finais e cristalizadas de sua manifestação.

Poder refere-se às correlações e jogos entre forças que estão por todo lado e em permanente confronto. Ele não parte de um único ponto focal que se dissemina para partes periféricas, nem tampouco junta tudo sob seu manto repressor. Se ele está sempre presente é porque se produz a todo instante pelas forças em confronto, não sendo, assim, uma estrutura ou uma instituição. Não é somente uma força negativa, é também produtiva.

As relações de poder são intrínsecas às demais relações como as econômicas, de saber, de sexo, familiares e outras que atravessam todo o campo social. Desta forma não são produto da cabeça pensante de um ou mais indivíduos, governantes, equipes econômicas ou políticas, mas linhas que ligam diferentes arranjos e objetivos, claros ou implícitos, e que são propagadas por muitos que as apóiam.

Assim, se poder são relações de forças em luta, as resistências, mais que parte, são um dos termos fundamentais da equação – não algo que vem de fora – e estão presentes por todo lado, naquilo que é provável, como respostas a situações difíceis, mas também no improvável e no inesperado, podendo atravessar pessoas, grupos e estratos sociais continuamente.

“Se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo resistência é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica.” (Foucault, 1984. p. 28)

Nós estamos sempre em relação a alguma coisa, a alguém, a uma situação, a uma instituição. Esta relação pode ser mais ou menos simétrica, o que vai influenciar a conduta ou não-conduta das partes. Assim, sempre existirá a possibilidade de mudar uma situação porque estamos dentro das relações de poder.

Dizer não, como diz Foucault (1984), é apenas uma das formas de resistência. Em determinados momentos, uma forma muito importante, mas uma forma que não basta, “é preciso dizer não e fazer deste não uma forma **decisiva** de resistência” (p.28, grifo meu). Deste modo, podemos dizer que práticas de resistência são modos de ação que fogem ao que é esperado e que, de forma geral, podem acabar se conectando com outras ações. Por isso, é necessário estarmos atentos tanto às que ocorrem como grandes processos instituídos e lutas importantes, quanto também às inúmeras outras que despontam nos nós das diferentes redes, porque as insurgências podem vir a partir de pequenas ações no cotidiano, que se conectam com outras, permitindo criações e reinventando modos de resistir.

1.2. Paradoxos e possibilidades

Feitas as considerações anteriores, um dos objetivos deste trabalho é mostrar que, mesmo no capitalismo contemporâneo e nas perversas conseqüências que carrega consigo, é possível resistir, criar e produzir algo diferente.

Há quatro anos atuo como psicóloga no Programa Oficina do Saber³, um projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense que, embora realize outras atividades, trabalha prioritariamente com um curso pré-universitário para jovens de classes pobres. Minha atuação se iniciou a partir de um trabalho de orientação vocacional/profissional, que foi seguido por uma pesquisa para verificar se a arteterapia⁴ poderia diminuir índices de estresse e ansiedade nos alunos. A partir dos resultados positivos desta pesquisa passei a trabalhar com diferentes grupos nesta modalidade. Atualmente sou responsável pelo trabalho de psicologia que, com um grupo de estagiários realiza atendimentos psicológicos individuais e coletivos a alunos e professores, oficinas de aprendizagem e memória, orientação profissional, arteterapia e, como temos um tempo de aula semanal, organizamos atividades e debates sobre temas decididos conjuntamente com os jovens.

No início de cada ano chegam cerca de 120 novos alunos que terminaram ou estão cursando o último ano do Ensino Médio em escolas públicas, moradores de bairros populares e que comprovam situação de baixa renda familiar. Também ingressam entre 10 e 20 pessoas, com as mesmas condições sócio-econômicas, não importa de qual faixa etária, que estejam afastadas da escola e que gostariam de ingressar em um curso universitário.

Além de fornecer o que tradicionalmente se espera de um curso pré-vestibular (aulas de português, matemática, história, física e outras disciplinas) tem como um de seus objetivos prioritários oferecer a estes jovens outras discussões, alternativas e possibilidades de vida. São realizados debates sobre os mais variados temas,

³ Este Programa da UFF, que nasceu a partir da realização de trabalho com “meninos em situação de rua”, hoje trabalha fundamentalmente em duas vertentes, por um lado fazendo um levantamento de dados sobre violações dos direitos de crianças e adolescentes junto aos Conselhos Tutelares do município de Niterói e, por outro, o trabalho no qual estamos inseridos, que é o de facilitar o acesso de jovens pobres às universidades públicas.

⁴ O termo arteterapia aqui utilizado refere-se ao trabalho realizado em grupo, com a utilização de outras linguagens que não somente a verbal e que busca possibilitar outros modos de ver a si mesmo e de relacionar-se com o outro e com o mundo.

aulas multidisciplinares em outros ambientes, como por exemplo a Floresta da Tijuca; ida mensal ao cinema, com debate posterior sobre o filme assistido; quando possível visita a museus e/ou centros culturais; assim como atividades de psicologia, pedagogia e serviço social.

É importante observar que projetos deste tipo originaram-se como parte de um movimento que, em seus primórdios, questionava a elitização do ensino, mas que hoje, de forma geral, vem sendo capturado para exercer a função de mostrar como o capitalismo dá oportunidades a todos e de que “chegar lá” só depende de força de vontade.

Contudo, existe uma abertura oferecida no ‘Oficina do Saber’ que permite diferentes formas de trabalho para os que ali atuam e, para os psicólogos, possibilita a busca de outras práticas, já que os saberes totalizantes e hegemônicos ensinados de forma geral nas universidades não são condizentes com modos de intervenção que procurem desencadear diferentes visões, ações e criações.

Porém, a batalha é permanente, pois também há períodos de retrocesso e cristalizações de idéias, momentos em que discussões e diferenças são vistas como ruins, e são sufocadas, silenciando conflitos, o que desvitaliza vários dos atores ali presentes.

Mas a intervenção nestes quatro anos tem me transformado continuamente. Sou instigada a pensar e repensar, a ceder, avançar, fazer acordos com colegas e coordenadores. O que faço com um determinado grupo de jovens geralmente é revisto em um outro grupo. Assim, me oxigeno, me recrio a cada dia e me produzo em outras, com muito mais vida...

1.3. “como se os olhos fossem feitos para concluir mas não para olhar”⁵

A pressa dos dias atuais rouba e leva consigo o nosso tempo de maturação dos olhares, das idéias e dos sentimentos. A dor e a alegria estão a cada dia mais fugazes, sendo substituídas por outras, pré-fabricadas pela propaganda.

⁵ De Clarice Lispector (2007) em *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

A expressão do olhar do outro nos foge, assim como suas alegrias e dores. Por isso, é necessário deslocar o nosso olhar, estar disponível àquilo que o vertiginoso tempo contemporâneo não nos permite observar.

Estes jovens, que encontro em meu trabalho, possuem encantos ocultos aos nossos olhares apressados e às idéias instituídas e pré-fabricadas que temos da pobreza.

Nosso olhar e nossa fala são produzidos e, ao mesmo tempo, produzem o que tomamos como realidade (Foucault, 1986). O senso comum ditado pelo modo de vida capitalista e a mídia em geral produzem a crença de que jovens pobres e sem uma boa escolaridade constituem uma massa homogênea que tende à agressividade e/ou criminalidade. Foi construído um discurso da existência de identidades fixas em que os mesmos são tidos como drogados, perigosos e que, portanto, têm que ser mantidos sob permanente vigilância e controle, quando não exterminados! (Arantes, 2003; Coimbra e Nascimento, 2004).

E quanto a nós? Fazer o quê, então?

Foucault (1994) já se perguntava:

“Como fazer para não vir a ser fascista mesmo quando (sobretudo quando) se crê ser um militante revolucionário? Como desembaraçar nossos discursos e nosso ator, nossos corações e nossos prazeres do fascismo? Como caçar o fascismo que se incrustou em nosso comportamento?”
(Foucault, 1994, p.83/84)

Entre os vários princípios que o autor aponta como introdução a uma vida não fascista podem ser extraídas questões relevantes como a necessidade de abandonar o desespero pela busca de formas totalizantes e hierarquizadas para nossos pensamentos e ações políticas. Estes não podem possuir o valor de verdades e sim de servir como intensificadores e multiplicadores de outros modos de intervenção. Também não podemos exigir que a política restabeleça os “direitos” do indivíduo da forma como foram definidos pela filosofia porque este mesmo indivíduo é produto de poder. Todos somos produtos do poder em maior ou menor grau. É necessário agenciar combinações diferentes para que os grupos não sejam apenas

um elo de união de indivíduos hierarquizados, mas sim um permanente gerador de neutralização dos efeitos do poder que se fizeram crostas em cada um de nós.

Assim, ao mesmo tempo que as subjetivações hegemônicas presentes na atualidade nos fazem seguir determinados raciocínios, como por exemplo aquele que afirma que jovens pobres são perigosos, elas também dificultam que vejamos outras variáveis e caminhos que fogem dos padrões estabelecidos. É preciso ter em conta que a intensidade do fluxo da vida contradiz tais crenças e seus conseqüentes modelos e discursos. É possível a existência de inúmeras outras versões, porque criações não deixam de surgir. Nada ou ninguém é sempre igual.

1.4. Transformando ‘Halos de Inibição’

A partir do pensamento exposto e desta prática de atuação, no período em que era necessário apresentar o projeto final de mestrado, decidi consultar os jovens sobre o que consideravam importante que fosse dito em relação a eles. Em um determinado dia, solicitei ao grupo de arteterapia, com o qual tinha maior contato, que me permitisse mudar a atividade para uma discussão sobre o meu projeto de mestrado.

Aceitaram, ficaram entusiasmados e fizeram muitas perguntas sobre o que é um mestrado, como funciona, sobre o que se fala e outras questões. Foi uma discussão excelente, surgiram muitas histórias pessoais e, ao final pudemos resumir o debate em três grandes temas:

1. O sofrimento a que estão submetidos por terem necessidades, medos, inseguranças e sonhos, difíceis de serem realizados pelas condições em que vivem,
2. Suas expectativas de passar no vestibular para buscar uma vida melhor, ter um amor, se casar e ter filhos,
3. A mudança que ocorreu em suas vidas ao entrar no Oficina do Saber e conhecer “pessoas que pensam diferente” e “outras formas de ver o mundo”.

Após sintetizar e recapitular cada um destes temas, perguntei qual acreditavam ser o melhor para ser trabalhado em minha dissertação de mestrado. Nova rodada de discussões até que alguém perguntou o que eu achava. Respondi que ficaria entre o primeiro e o terceiro e que, inclusive, o primeiro havia sido o tema do meu projeto anterior. Momento em que outro interrompeu e disse “Mas todo mundo sabe que sofremos e temos medo de não realizar os nossos sonhos”.

Depois de alguns segundos de silêncio outro concluiu “Então o terceiro é o melhor porque assim é possível falar sobre muitas coisas de nossa vida e as pessoas podem nos ver a partir de outras perspectivas, por exemplo, de como ficamos diferentes quando vemos outras possibilidades”

Houve acordo geral e assim, ficou decidido, conjuntamente por mim e por este grupo de jovens, sobre o que versaria o meu projeto de mestrado. Pode-se observar, já nesta discussão, que as questões que mais afligem estes jovens localizam-se em torno deles mesmos e não das condições de vida em geral, tema que será desenvolvido mais adiante.

Depois disto, continuamos nos vendo por mais alguns meses, conversando e realizando atividades juntos. Levantamos temas, visitamos museus, fizemos trabalhos usando outras linguagens, criamos dinâmicas e realizamos muitos debates.

A partir da discussão inicial, e após a autorização dos envolvidos, iniciei a feitura de um “*diário de campo*” que se transformou em parte fundamental da metodologia de trabalho desta dissertação. Ele foi sendo construído com os registros das informações concernentes às atividades, às falas, aos sentimentos e idéias de todos e cada um de nós; nossas vivências e experiências das pequenas marcas e das grandes pegadas que foram se constituindo durante o percurso ⁶.

O instrumento foi se tornando cada vez mais potente, pois os jovens começaram a ler essas anotações e em vários momentos quiseram também escrever, levando à criação de um outro diário, guardado em um lugar de

⁶ As frases ou textos inseridos como “Diário de Campo 1” ao longo deste trabalho foram retiradas destas anotações, feitas no período de outubro a dezembro de 2007, embora o trabalho com este grupo estivesse sendo feito desde março do mesmo ano e as relações estejam sendo mantidas nos dias atuais.

conhecimento de todos e à disposição de quem quisesse escrever algo que julgasse pertinente fora dos horários de nossos encontros ⁷.

A escolha deste modo de fazer o trabalho se deu pela necessidade de fugir da concepção que a modernidade incentivou na filosofia e na ciência, que é a da dicotomia em todos os aspectos. Teoria e prática. Sujeito e objeto. Ou melhor, sujeitos invariáveis em suas essências, estudando coisas e pessoas, na melhor das hipóteses, em suas variabilidades aleatórias, através de teorias de probabilidades.

Isso levou a que nas ciências humanas fosse dado à psicologia o estudo dos fenômenos individuais e à sociologia o estudo dos fenômenos sociais ou coletivos, com os fatos e modos de vida vistos em sua exterioridade, enquanto a psicologia deveria estudar apenas seus efeitos no subjetivo.

Esta forma dogmática de fazer ciência parte do pressuposto que existem verdades a serem desveladas e o pesquisador tem que buscá-las munido de um método que afaste qualquer força estranha ao pensamento, como por exemplo, os sentidos e as paixões. Como se conhecimento fosse algo afastado das forças que compõem a vida em seus inúmeros aspectos, como se essa verdade a ser encontrada fosse imutável, superior e tivesse mais valor do que aquilo que é julgado como falso.

“A **vontade de verdade** é a crença, que funda a ciência, de que nada é mais necessário que o verdadeiro. Nietzsche produziu o conceito de vontade de verdade com o objetivo de articular ordem moral e ordem epistemológica” (Machado, 1999, p. 75, *grifo meu*).

Este valor sobre o qual a ciência está assentada fundamenta-se na moral judaico-cristã que instituiu uma oposição entre verdade/essência e ilusão/aparência. Desta forma, conhecimento transformou-se em esquadramento da natureza, pessoas, fenômenos; assim como em ‘representação’ da realidade.

Porém, como diz Deleuze (2007), “o tempo sempre pôs em crise a noção de verdade”. Esta forma de ver e fazer ciência reduz o conhecimento a apenas um dos múltiplos modos possíveis de se conhecer. É parte do mito de que “a” ciência pode explicar tudo porque é “pura” e “neutra”.

⁷ Este diário, que chamamos “Diário de Campo 2”, não gerou muito interesse e contém poucas anotações.

A vontade de verdade gera impotência da vontade de criar. Sendo assim, é preciso buscar meios de implementar modos de fazer pesquisa e trabalho social que permitam a autonomia, a diversidade e a singularidade dos envolvidos, incentivando o respeito às diferenças e a valorização de outros sentidos para a existência, para a afetividade e para a prática coletiva, de maneira que se possa propiciar novos modos de ampliar, eticamente, as relações de cooperação e a produção criativa da vida. Para isso é necessário estarmos abertos e disponíveis para os múltiplos modos de ver, de ser e de viver.

Por isso nosso modo de fazer pesquisa foi diferente. Esteve inspirado no *método cartográfico*, que busca investigar não um ou mais sujeitos e sim acompanhar processos de subjetivação, com o engajamento nas experiências do coletivo e permitindo que elas atravessassem todos os implicados, sem lugares fixos pré-definidos e com as metas sendo construídas durante o processo. Em uma cartografia não se fala sobre o vivido ou o que se está vivendo e sim constrói-se junto, como parte. Dá-se a possibilidade de penetrar os '*Halos de Inibição*' que vamos construindo indiscriminadamente devido à necessidade de estarmos sempre nos defendendo.

Halo é um fenômeno ótico que se apresenta como um anel de luz que rodeia algum objeto como um cristal, a lua ou o sol. O tipo de halo depende da forma e orientação deste objeto e aparece devido a condições específicas, geralmente climáticas. Também pode referir-se a uma reação imunológica em nosso corpo contra um antígeno ou uma célula desconhecida.

O termo '*halo de inibição*'⁸, utilizado pela microbiologia, foi comentado para mostrar como, muitas vezes, construímos carapaças à nossa volta ou em torno de grupos que formamos ou fazemos parte e isso leva a que não consigamos ver ao que estamos sucumbindo nem tampouco construir outras possibilidades de vida.

Estar em um grupo e colocar em análise tanto as práticas desse grupo como as suas próprias permite problematizar as diferenças, os valores pré-estabelecidos e a multiplicidade dos sentidos, condição impensável quando o pesquisador se coloca fora do campo de pesquisa, em uma posição de pretensa neutralidade. É outro

⁸ Este termo foi usado por Hélios na reunião do grupo em 06/12/08, quando fizemos uma avaliação do texto escrito até então e do resultado da qualificação desta dissertação junto à Banca Examinadora.

modo de intervir, que leva em consideração a implicação⁹ do pesquisador, sempre presente em toda e qualquer pesquisa.

Assim, abre-se espaço para que as transformações possibilitem outro tipo de conhecimento, a partir do processo, das experiências, do viver.

“Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. Ao mesmo tempo, sustentar uma postura ético-estética de acolher a vida em seus movimentos de expansão segundo implicações políticas do tempo, do perspectivismo, da contingência e invenção” (Kirst *et al.*, 2003, p. 91)

O grupo em que estávamos inseridos, que seria conhecido como “objeto de pesquisa” pela ciência tradicional, em realidade transformou-se em um grupo-sujeito¹⁰ pois definiu seus objetivos, modos de funcionamento, produziu criações inesperadas e também tornou-se um grupo-pesquisador que se permitiu ser pesquisado, que fez experimentações e continua teorizando sobre os elementos que produziu.

Conforme o texto desta dissertação foi sendo feito, os membros do grupo que se mantiveram próximos ao Programa Oficina do Saber foram lendo e sendo consultados sobre o que vinha sendo escrito. Assim, em vários momentos temas tiveram que ser re-escritos, algumas partes modificadas, outras acrescentadas e assim por diante. Algumas coisas foram consideradas erros de compreensão de minha parte, em outro momento encontraram questões que acreditavam que não deveriam ser expostas e, em outros ainda, houve sugestões de como melhor colocar determinados pontos de vista.

⁹ O conceito de implicação aqui é o da Análise Institucional (Lourau, 1990) que não se refere ao ativismo, voluntarismo, produtivismo ou comprometimento com uma tarefa, instituição ou pesquisa. Tem um sentido diverso, relacionado a uma estratégia de intervenção desburocratizada, onde também são colocadas em análise as relações do próprio pesquisador, muitas vezes repleta de contradições, preconceitos, psicologizações, hierarquizações e tantas outras, dissimuladas em nossas subjetividades.

¹⁰ Termo usado por Guattari e Rolnik (2005) aos grupos que possam ter capacidade de ver a sua própria situação e o que ocorre em torno deles, possibilitando a criação e seu caráter de autonomia.

Também realizamos reuniões e em uma delas, posterior à sua saída do Programa, foram feitas propostas de manutenção e extensão do grupo, com encontros periódicos onde fossem discutidos não apenas os rumos da dissertação, mas também os novos processos que fossem ocorrendo na vida de todos.

*“Nossas vidas continuam entrelaçadas, embora cada um esteja num lugar diferente.
Você pode fazer um link, criar personagens para uma história.
Seria legal porque estamos vendo coisas diferentes,
vivendo mundos diferentes.”*

*“Estão acontecendo coisas novas em nossas vidas, há um espaço para cada um
e cada um influencia a vida do outro com suas histórias e experiências.
Poderíamos ampliar nossos horizontes a partir deste entrelaçamento.”*

“Poderíamos até escrever um livro.”

Pudemos observar a criação de um coletivo, não como dimensão oposta ao individual, mas como coexistência entre os diversos planos que se entrecruzaram, permitindo que deixássemos de ser a psicóloga e o grupo de jovens, para sermos um grupo de pessoas experimentando outras experiências, outras histórias, outras formas de pensar.

Coletivo que espera que os que leiam este trabalho possam sentir a presença destes outros possíveis, destes outros jovens, não perigosos, mas cheios de vida. Jovens que só percebemos quando transformamos nossas formas pré-concebidas de vê-los, quando nos permitimos ser parte de seus momentos de tensão, silêncios, lágrimas, gargalhadas. Quando nos abrimos a ser testemunhas e parte de suas presenças únicas e da indestrutibilidade da vida que existe neles.

1.5. *Ética, expansão da vida. Moral, encolhimento das singularidades.*

As sociedades são constituídas historicamente e cada época estabelece valores que são apresentados como verdadeiros, universais e que sempre foram assim, mesmo que possam ter existido alguns “desvios” de percurso.

Desta forma, vai sendo criada uma moral – passível de ser datada – que induz as pessoas a possuírem determinados interesses e a se submeterem a instâncias como leis, normas, hábitos, uma crença religiosa, um Estado e outros. ‘Devemos’ ser de determinada maneira, ‘devemos’ nos comportar de um determinado modo. Sempre há um ideal, um horizonte ou uma meta a ser atingida. A existência fica ligada a este dever ser. E aí, então, o cumprimento e obediência a esta moral é recompensado e sua transgressão é punida.

Assim, cada indivíduo vai perdendo sua capacidade de pensar e agir, sua potência de criar a própria existência, e torna-se, praticamente sem perceber, um escravo dos pensamentos, crenças, discursos, costumes, leis e “verdades” daquela época específica.

Em nossos dias somos escravos do tempo, das relações descartáveis, do desespero pela obtenção de sucesso, da autovigilância do corpo e de nossa ‘sanidade mental’, da justiça das ‘nossas’ idéias e ações, da defesa dos próprios direitos e interesses e de tantas outras questões que devemos obedecer e seguir.

Este é o modo como o poder enfraquece a vida que existe em nós. Ele oferece vantagens e nos seduz para que tenhamos esperanças de que haverá um futuro melhor, a ser provido por ele, é claro, e que estejamos sempre lutando para chegar até lá. Tornamos-nos cúmplices da diminuição e dispersão de nossa energia e potência de viver ao colocarmos nossas sensibilidades, pensamentos e ações em função desta colonização de nossas próprias almas.

Deste modo, se estamos dentro da honestidade instituída pela moral vigente, não há problema no fato de existirem mendigos por toda parte; desde que eles não roubem. Nem tampouco da faxineira que mal consegue comer e leva três horas para chegar ao trabalho em ônibus super-lotados coexistindo com o diretor-acionista que, entre inúmeras outras vantagens financeiras, ainda tem seu carro importado com combustível, estacionamentos e motorista pagos pela empresa.

As instituições justificam e legitimam as desigualdades com base em um sistema de meritocracia como explica Wacquant (2008). Os que se situam em um patamar financeiramente mais elevado têm a seu dispor um sistema de educação que lhes confere certificados para legitimar sua herança econômica e cultural, pois a merecem por serem mais inteligentes, possuírem maior conhecimento e outros

fatores. Já os mais pobres, carregam outras credenciais e atestados, os de mau caráter, perigosos, menos inteligentes, sem conhecimento e sem méritos para obter o mesmo sucesso dos outros. Ser pobre é ser potencialmente perigoso, podendo ser preso ou morto por uma ação que qualquer agente da lei considere criminosa mesmo sem justificativa alguma.

Tal situação é cada vez mais legitimada pelo Estado que ficha, prende, marca e distribui as informações para empresas públicas ou privadas, proprietários de imóveis e outros, o que rende conseqüências nefastas para a vida destas pessoas.

Obedecer às normas, viver segundo os paradigmas da “competição saudável”, seguir e disseminar os discursos de democracia e liberdade que vigoram nos dias atuais, submeter-se aos ideais e à moral capitalistas é o que torna o indivíduo integrado à sociedade e apto a obter vantagens, mesmo que sejam mínimas.

Porém, ignorar a complexa trama que induz a uma escolha e não a outra é impedir-se uma existência autônoma.

Viver sob os padrões morais vigentes não é possuir uma vida livre, é carregar consigo uma maneira triste de existir.

Mas existe a possibilidade de outras formas de estar no mundo. Para o relacionamento com elas é necessária a opção por outro modo de viver. Que seja ético, que permita que vinculemos nossa vida ao que ela realmente pode produzir, que seja marcado pela alegria proporcionada pelos bons encontros como diz Spinoza (1979), já que são eles os que aumentam a nossa potência de existir, de pensar e de agir.

Viver deste outro modo permite que não estejamos reduzidos ou atrelados “em relações contratuais legais ou institucionais, as quais buscam simplesmente silenciar os conflitos sociais ou deles extrair mais valia” (Fuganti, 2007, on-line).

Assim, em todos os momentos em que houver menção à ética neste texto, a referência utilizada é a que foi exposta anteriormente e a que está explicitada abaixo pelo mesmo autor:

“Chamamos ética não a um dever para com a Lei ou o Bem, nem tampouco a um poder de segregar ou distinguir o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal, mas a uma capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência condicionada pelo social ou pelo poder, na direção de uma experiência liberadora, como num aprendizado contínuo. Fazendo coexistir as diferenças, conectando-as ao acaso dos espaços e dos tempos que as misturam e tornam seus encontros, ao mesmo tempo, contingentes e necessários num plano comum de natureza adjacente ao campo social, (pois a vida não existe fora dos encontros e dos acontecimentos que lhe advém)...” (Fuganti, 2006, on-line)

1.6. Embora a escrita seja “um polvo, um molusco versátil... um filtro da vida...”¹¹

É difícil ultrapassar o intervalo entre o que se quer dizer, o que se escreve e aquilo que o outro lê, pois outras experiências estarão envolvidas, outras criações vão sendo feitas, a vida continuará escapando por novas fendas e mais de uma vez nos sentiremos confundidos em todo o processo. Mas, chega o momento em que é preciso saltar e deixar que a brisa ou as tempestades levem embora as palavras.

Assim, como produto das discussões realizadas, das idas e vindas, das atividades e do pensar sobre elas, nas próximas seções serão apontados alguns mecanismos sobre como o capitalismo globalizado atua sobre a sociedade e em cada um de nós. Não apenas em termos políticos e econômicos, mas também fragilizando e destruindo laços sociais, atomizando nossas vidas, buscando nos isolar de outras vidas e relações gratificantes. É o que se encontra registrado na *Seção II – Capitalismo Contemporâneo*.

Entretanto, ao mesmo tempo em que isso ocorre, a vida luta por se auto-defender e resistir. Sendo assim, existem possibilidades de transgredir¹², o que está

¹¹ Ana Hatherly (2006), poetisa, artista plástica e ensaísta.

¹² O termo ‘transgressão’ aqui está sendo tomado no sentido de questionamento e ultrapassagem de normas, valores morais, sociais e não apenas no sentido de leis ou do Estado dito de direito.

sendo apresentado na *Seção III – Tsunames ou marolinhas: resistências por toda parte*.

No trabalho do Programa Oficina do Saber, minha experiência tem mostrado que o encontro de jovens pobres com outras formas de ver o mundo, que não apenas aquelas que lhes impõe o cotidiano capitalista, permite que eles – e todos os que se dispõem a ver de modo diferenciado – podem resistir e transgredir.

Por este motivo, será trazida a questão dos encontros como possibilidades de afirmação de outros modos de existência. Encontros vistos no sentido geral da filosofia de Spinoza, que os apresenta como bons ou maus, dependendo de nossa capacidade de afetar ou sermos afetados por eles, o que pode aumentar ou diminuir o nosso poder de ação e possibilidades de resistência, acrescentamos, mesmo neste sistema competitivo e sugador da vida. Tais discussões são apontadas na *Seção IV – Jovens pobres e o encontro com outros modos de ver o mundo*.

Também buscamos tocar um pouco na questão da amizade, que desde a China antiga, passando pelos gregos, por Cícero em Roma e seguindo até os dias atuais é tema recorrente nas relações sociais da humanidade. E não tem sido diferente no trabalho desenvolvido com os jovens. Este assunto é sempre trazido com ênfase por eles, o que motivou o desejo de dedicar nestes escritos um espaço ao tema amizade, o que encontra-se na *Seção V – Amizade como modo possível de resistência e transgressão*.

Finalmente, a riqueza de toda essa experiência tem me movido a estar aberta ao novo e a sentir... pensar... praticar... aprender... buscar outros caminhos... o que está sendo apresentado na *Seção VI – Aprendizagens*.

Cabe ainda informar que em todas as citações das falas dos jovens e nas legendas das fotos apresentadas os nomes utilizados são fictícios.



Disse Deleuze (1999) que comunicar é transmitir e propagar uma informação. E que, particularmente na sociedade de controle, somos informados sobre aquilo que julgamos que devemos crer - ou mesmo não crer - mas para que nos

comportemos como se crêssemos. Porém, o autor também nos mostra que é possível a existência da contra-informação e que esta se torna eficaz ao se constituir em um ato de resistência.

“O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens. (Deleuze, 1999, p.14)

O que queremos com esta dissertação é servir de contra-informação ao que o capital, a mídia, o senso comum – e até mesmo nós, com nossos micro-fascismos – propagamos sobre a periculosidade dos jovens pobres.

Que este trabalho pelo menos possa exercer o papel de um pequeno ato de resistência.

II - CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

2.1. Democracia e oportunidades iguais ou atualização das relações de poder e competitividade desigual?

Durante muito tempo houve um esforço concentrado de diferentes setores sociais no sentido de fazer crer à população mundial que a globalização transformou em fumaça toda a ordem econômica e social anterior inaugurando um momento em que não mais existiriam exploração nem setores exploradores. Embora o debate sobre a expansão da 'democracia' já fizesse parte do repertório do capitalismo liberal, nos dias atuais é ponto de discussão obrigatório em jornais, revistas e debates televisivos, buscando torná-la a única forma de democracia passível de existência no mundo.

Este também seria o momento de oportunidades iguais para todos os seres humanos. Ter uma vida digna, melhor ou pior, só dependeria da motivação e empenho de cada um para conseguir agarrar essas oportunidades.

Tal discurso encontrou eco em todos os setores sociais, inclusive no acadêmico, e sobraram argumentos demonstrativos dessa nova "verdade" instituída no mundo. O sistema de meritocracia, já abordado anteriormente, rege a maioria das mais brilhantes mentes do mundo econômico, científico, filosófico e artístico. Pensamentos diferentes destes foram vistos como retrógrados, de gente que não conseguia visualizar o maravilhoso mundo propiciado pelas novas tecnologias, pela internet, moderníssimos celulares, avanços científicos que permitem combater o envelhecimento e tantos outros.

Mas como sempre, o próprio capitalismo vem dando conta de mostrar as armadilhas que engendra.

A crise econômica que veio à tona a partir de meados de 2008 deixou claro, em primeiro lugar, quem paga a conta que é deixada para a manutenção dos lucros dos bancos e setores empresariais. Os governos das maiores potências econômicas e dos países ditos emergentes saíram distribuindo dinheiro ou facilitando condições àqueles que necessitavam "socorro" e estes, por sua vez, achando insuficiente,

demitiram funcionários para minimizar as perdas ou ameaçaram fazê-lo para conseguir um pouco mais de verbas.

Foram milhões de trabalhadores demitidos no mundo todo, mais famílias jogadas na miséria, além da séria ameaça de uma catástrofe econômica ainda maior em todo o continente africano e outros lugares pauperizados no mundo.

Bauman (2001) aponta que com as sucessivas crises a quantidade de seres humanos existente no planeta torna-se excessiva para um sistema como este, tanto para a quantidade de alimentos e postos de trabalho que interessa produzir, quanto para o que se poderia classificar como seres “úteis” para a sociedade. Por isso, parcelas cada vez maiores da população são descartadas e jogadas à sua própria sorte.

Assim, podemos observar que, embora ainda estejamos em meio a um processo, a globalização andou espalhando aos quatro ventos as suas contradições.

Também, muito se fala a respeito de relações de comércio realmente livres e autônomas por parte das empresas, o ‘livre-mercado’, a grande Meca do capitalismo. Estas relações, os mercados de ações e outros, nos são apresentados pelos teóricos capitalistas e pela mídia como sendo algo que ocorre por si mesmo, de formas invisíveis e misteriosas. O “mau-humor” do mercado é explicado pela declaração de alguém que passou intranqüilidade e fez as ações caírem. O “bom-humor” volta porque os investidores vêem que o presidente da outra empresa ou organismo internacional garantiu que tudo está bem e as ações sobem... É como se houvesse a mão da divina providência agindo a favor ou contra determinados setores e o mercado flutuando ou batendo asas livremente, sem nada pré-estabelecido.

Porém, Negri & Hardt (2000) e Negri (2003) já se encarregaram de mostrar que não existe a ação de mãos invisíveis nem tampouco globalização sem regulamentação.

A crise econômica, aprofundada violentamente em 2008 a partir da questão das hipotecas imobiliárias nos Estados Unidos, espalhou-se por todo o mundo e, como ocorre nestes casos, os estados nacionais foram chamados a intervir com urgência no tal “livre-mercado”, para salvar empresários e banqueiros da falência.

Contudo, a grande discussão que ocorre no momento, cerca de um ano depois, é a da necessidade de criar e/ou discutir instrumentos regulatórios para este mercado e que isto seja normatizado globalmente. São reuniões do G-8, do G-20, outras entre distintos países para preparar as anteriores, fortalecimento da Organização Mundial do Comércio, pitacos do Fundo Monetário Internacional sobre o que pode ocorrer na África caso não existam medidas globais e muitas outras normas ainda em discussão.

Para defender suas posições sobre a noção de que o capitalismo transformou-se em um “Império”, estes autores (Negri e Hardt, 2000) apresentam, além da questão da regulamentação da globalização, várias argumentações importantes de serem analisadas em nossos dias pois muitas são as dúvidas suscitadas a partir das grandes mudanças pelas quais passa o mundo atual.

Uma proposição importante é a de que, embora não tenha desaparecido, a soberania dos estados nacionais se encontra em crise ao não mais conseguir controlar a reprodução do capital nas mesmas proporções anteriores dentro da sociedade. Capital e capitalismo são elementos de uma mesma relação e, economicamente, o controle desta relação de forças (quem comanda/explora/domina e quem obedece, é explorado/subordinado), que era exercido pelos estados capitalistas desenvolvidos, sofreu várias rupturas importantes a partir de 1968, com as lutas dos estudantes e dos trabalhadores, com a primeira grande crise do petróleo e outras.

Desde a derrota dos Estados Unidos no Vietnã há um desequilíbrio nas relações entre os estados expansionistas, o que põe em xeque a fase imperialista do desenvolvimento do capitalismo. E, mesmo que tenham permanecido tentativas neste sentido, se nos concentrarmos, por exemplo, no resultado da invasão americana ao Iraque podemos observar todas as contradições inerentes ao processo e a derrota de mais uma tentativa de expansão.

Ao mesmo tempo, com a globalização há uma alteração em relação às fronteiras e ao poder que os estados conseguem manter sobre elas. Já não há, por exemplo, territórios unidos por uma única cultura, assim como não mais podemos falar da geografia econômico-política da divisão em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos pois, o Segundo Mundo, o do “socialismo real” já não existe e, ao mesmo tempo a miséria extrema e a riqueza estão presentes por toda parte, dos Estados

Unidos e Europa à África e Ásia. É só nos recordarmos o que foi visto pelo mundo todo – inclusive por grandes setores da população norte-americana – sobre a situação de Nova Orleans após a passagem do furacão Katrina.

Em uma entrevista dada quando de uma de suas visitas ao Brasil, Wacquant (2008) relatou vários fatos mostrando que o Katrina foi uma dupla catástrofe, pois além de meteorológica foi também política. Ela revelou a enorme pobreza, a segregação racial que continua existindo entre negros e brancos nos Estados Unidos – com os primeiros vivendo em lugares com péssima infra-estrutura, estudando nas piores escolas, com poucos serviços de saúde e sobrevivendo com uma minúscula ajuda governamental acrescida de atividades econômicas consideradas ilícitas nas ruas da cidade. É a miséria no país que foi o centro do imperialismo.

As fronteiras hoje são outras, pois o que existe é um capitalismo globalizado. A realização de acordos, contratos e sanções se dão pelos organismos internacionais que já existiam e agora vão sendo fortalecidos bem como pelos que estudam criar.

Previsões feitas por Negri (2003) de que os Estados Unidos deixariam de ser o motor do projeto globalizante para ser apenas mais um dos grandes poderes - já que suas ações vinham sendo contestadas pelas demais potências e diferentes estruturas econômicas e políticas - estão se confirmando, particularmente após a atual crise, e o novo presidente, Obama, já vem dando sinais da necessidade de diálogo, e da construção de outras configurações.

Assim, toda a controvérsia sobre as atuais circunstâncias em que vivemos, é possível ser pensada apenas em termos de transformações dentro de um mesmo sistema que mantém a sua configuração básica, isto é, o exercício da exploração e da acumulação.

*“A mídia te leva em direção a coisas que não têm nada a ver com a realidade.
E as apresenta como se fossem o máximo.
Te induz, por exemplo, a trocar comida saudável por fast food,
a comprar roupas de marca, a ver apenas os rótulos.
A quantas coisas mais somos induzidos sem perceber?
É preciso pensar em outras coisas...”*

(Flora, Diário de Campo 1, 19/11/07)

A partir das primeiras décadas do século XX, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial e do aumento dos movimentos de resistência, o capitalismo começa a inventar e utilizar outros mecanismos de poder e controle para a sua manutenção enquanto sistema.

Foucault (1987) nos mostrou que o poder não é exercido apenas pela repressão e/ou sujeição das pessoas a um poder central ou estatal. Existem técnicas e mecanismos institucionais que podem exercê-lo de forma tão ou mais eficaz.

O poder, muito mais do que repressivo, é produtivo, já que cria sujeitos, realidades e pode agir sobre a ação do outro. Assim, para este autor, ao mesmo tempo em que o poder exerce uma ação, há uma atualização das práticas sociais e conseqüentes resistências contra ela, o que gera tensões e embates. Desta forma, para atualizar a força das relações de poder é necessário que quem o exerce reinvente novos mecanismos de controle incorporando as formas criadas pelas resistências.

Considerando estas e outras concepções, Deleuze (1990) buscou analisar diferentes mecanismos de poder na sociedade, atualizando-os de acordo com as transformações que foram ocorrendo no pós-guerra. Denomina sociedade de controle a que trouxe consigo as novas modalidades que se somaram às antigas formas disciplinares na produção de subjetividades e no controle social.

Se antes existiam modelos que poderiam ser aplicados às diferentes formações sociais, na sociedade de controle há adaptações constantes para a regulagem das redes sociais. Não se vê mais um poder central vertical, ele é cada vez mais ilocalizável, disperso, sem cara. A informação não está mais concentrada e sim dispersa planetariamente, interconectada em rede.

Moraes e Nascimento (2002) nos mostram que transformações na estrutura de produção alteraram a forma de obtenção do lucro fazendo com que o sistema produtivo funcione hoje da ponta final, isto é, do consumo, para a ponta inicial, a produção. Ou seja, quem puxa a produção é a sociedade de consumidores. Por outro lado, também há alterações no perfil do trabalhador ideal, que de disciplinado e especializado, tem que passar a ser múltiplo e flexível, para que possa acompanhar a produção que se dá com base nas transformações do mercado.

O consumo passa a ser, então, um ato fundamental da vida e, cada pessoa é valorizada pelo que possui. Há uma espécie de moral da felicidade: 'consumo, logo valorizo-me'. Assim, o poder criou mecanismos de controle da vida a partir da produção incessante de desejo. Salvo em alguns países periféricos – embora aí também já existam mudanças – o poder não mais limita ou proíbe, ele seduz e cria lógicas de obtenção de prazer para que as pessoas consumam produtos, afetos e modos de vida.

Em um seminário sobre os impactos da crise na América Latina, ocorrido no dia 25/03/09 em São Paulo, o embaixador Carlos Henrique Cardim – sociólogo que foi nomeado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso para substituir o diretor do IPRI (Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais do Itamaraty) que havia criticado a proposta do Brasil de adesão à ALCA – afirmou que a atual crise econômica é muito mais séria do que se imagina, por ser a expressão econômica de um fenômeno sociológico mais profundo, já que o fundamento social da crise se dá em função de uma pressão social que leva as pessoas a endividar-se ao querer consumir “acima” de suas possibilidades.

“Quando as pessoas querem atingir objetivos socialmente consagrados, como progresso material, prestígio e poder, no menor espaço de tempo, com o menor esforço possível, estamos falando de anomia. O sucesso econômico é um objetivo muito bom, em si. Mas quando não se tem um quadro institucional organizado para lograr esse objetivo, temos uma disjunção, uma quebra de normas, uma situação de vale tudo. Situações fora da realidade se tornam rotina” (Agência FAPESP, 2009, boletim on-line)

Deste modo, podemos observar, por falas sutis e outros procedimentos não tão sutis assim, que a vida vai sendo inserida no processo produtivo de forma diferente. Foucault (2001a) deu o nome de biopoder a essa intervenção e controle sobre a vida. Segundo ele, o biopoder foi indispensável ao desenvolvimento do capitalismo devido à inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e no ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos. Questões como qualidade de vida, liberdade, felicidade e busca de prazer, entre outras, passam a ser a norma e o poder busca se adaptar para passar a intervir sobre elas, investindo muito em estética, prazer e tudo o que possa significar uma ameaça às experimentações e outros modos de vida. Por isso, nos dias atuais, nada melhor,

mais simples e mais barato do que incentivar o autocontrole, a autovigilância e a autopunição com relação aos hábitos de vida, modos de se comportar no trabalho, nos relacionamentos e muitos outros.

Em uma discussão sobre preconceito ocorrida em sala de aula, Ulisses, aluno e membro de nosso grupo, defendeu que este já se transformou em “instinto” humano com a seguinte explicação:

“Eu sofro preconceito porque sou pobre, feio, baixinho, magrinho, por não ser de todo branco nem preto e por não ter um montão de coisas. Houve um ano em que eu apanhava de todo mundo na escola, inclusive das meninas, porque eu era o mais novo, o menor, o mais magro e o que nunca tinha coisas novas...”

Além disso, eu também tenho alguns preconceitos. Isso já não é instinto? Já não faz parte das pessoas? Nós mesmos já controlamos aquilo que não gostamos nos outros e tomamos até atitudes...”

(Ulisses, Diário de Campo 1, 10/10/07)

Será que são necessários muitos exemplos mais que ajudem a explicar como atua o biopoder?

2.1.1. “Nem tudo é o que parece”

*“Vj que a gente não pode aceitar tudo sem pensar.
É preciso ver os outros lados, diferentes ângulos.
Nem tudo é o que parece.”*

(Íris, Diário de Campo 1, 05/10/07)¹³

Obviamente que não se trata de deixar de ver avanços científicos e tecnológicos ou de simplesmente criticar mudanças. Trata-se de questionar o que provoca sofrimento e agride as pessoas. Por isso nos perguntamos: quem se apropria desses avanços e a quem eles servem?

Muitos argumentam que essa discussão é um *déjà vu*, a mesma suscitada com o início da industrialização nos séculos XVIII e XIX. E é verdade que existem

¹³ Esta foi a explicação que a jovem deu, em uma das atividades, de como somos induzidos a crer que a vida é assim mesmo e por isso é preciso aceitá-la, sem muitos questionamentos.

pontos semelhantes porque, por trás dessas maravilhas há uma importante questão ética embutida: quantos milhões de seres humanos são jogados na miséria todos os anos, para morrer de fome e de doenças há muito erradicadas de boa parte do mundo, para que setores privilegiados de países “avançados” ou “periféricos” possam viver os confortos, o anti-envelhecimento e todos os avanços tecnológicos?

A pergunta que tem que ser feita é: o que estamos construindo, sabendo que nossos modernos computadores permitem acesso a outras culturas e conhecimentos e os medicamentos que usamos podem retardar o envelhecimento, enquanto há incontáveis setores pelo mundo afora (e em nosso país, é claro!) que têm que sobreviver com US\$ 1 ao dia?

Porque é disso que se trata: não de produzir alimentos, remédios e casas para todos, mas sim de construir aviões que soltam bombas sozinhos, sem a presença humana, robôs ou possantes conversíveis ultra-confortáveis.

Existe um imenso descompasso entre os avanços tecnológicos e científicos e os recursos éticos para controlá-los, porque tais avanços encham os olhos de alguns mas continuam impondo formas de vida humilhantes e degradantes a outros.

Mais peso ainda adquire a discussão com a declaração “altruísta” dada a toda imprensa por Bill Gates em 2008 de que estaria doando a maior parte de sua fortuna e deixando a direção da Microsoft para se dedicar à caridade na fundação dirigida por sua esposa.

Pelo mundo afora entusiastas da globalização brindaram e festejaram a decisão de Gates e buscaram nos mostrar como os capitalistas podem ser humanitários. Trabalham a vida toda, se dedicam inteiramente às suas empresas, quase não têm lazer, não têm tempo para construir adequadamente suas famílias, enfartam aos quarenta ou cinquenta anos e, ainda, de quebra, nos oferecem conforto, novas tecnologias e altruísmo, ao mesmo tempo em que combatem os “efeitos colaterais” do capitalismo como a pobreza e as doenças.

Por isso, torna-se importante voltar às duas questões levantadas anteriormente, já que, valorizar ou não as mudanças que vêm ocorrendo, depende de que ponto de vista as olhamos. Os avanços científicos e tecnológicos – que poderiam e deveriam estar voltados aos interesses do bem-comum – são apropriados por uma parcela da população e servem àqueles que por eles podem

pagar (o que não é o caso de uma altíssima porcentagem da população mundial). Se não, como explicar que menos de 500 das pessoas mais ricas têm a mesma renda anual que 2,5 bilhões das pessoas mais pobres? Seria isso a democracia que tanto se propala? Poder efetuar denúncias quando sabe que vai-se morrer com fome de inúmeras coisas?

Assim, é preciso um marco menos entusiasta e um pouco mais realista para fazermos a discussão da atual situação do capital globalizado, um sistema que modificou suas armas e formas de atuação, mas sem deixar de lado o fundamental de sua base econômica e filosófica, isto é, o bem-estar e a riqueza de uma parcela em detrimento de outra muito maior que ela, a partir do incentivo a processos de subjetivação que possam garantir sua manutenção.

Desta forma, é necessário um esforço para não vivermos na nostalgia do passado mas também para não cairmos no engodo de que presente e futuro estão dados pelas maravilhosas criações das últimas décadas.

2.2. Os novos gladiadores...

*“As pessoas precisam entender que
você não consegue as coisas sozinho,
nós precisamos da ajuda uns dos outros.
Até prá morrer precisamos dos outros...
Senão quem vai empurrar o nosso caixão?”*

(Hélios, Diário de Campo 1, 06/12/07)

Os gladiadores, que tiveram seu apogeu entre os séculos II e V d.C., eram homens e mulheres que lutavam entre si (ou com animais selvagens) na arena do Coliseu e seus duelos só terminavam quando um morria, ficava desarmado ou ferido, sem condições para seguir combatendo.

Era um tipo de espetáculo organizado pelos imperadores para amenizar a revolta dos romanos com os problemas sociais e mostrar a força dos césares, assim como a sua “generosidade” quando com um simples gesto salvavam o lutador da morte. Era a política de “pão-e-circo” do Império.

Os filmes hollywoodianos sobre a Roma antiga procuram nos mostrar os gladiadores como sendo escravos e criminosos que eram jogados na arena apenas

para divertir uma platéia sedenta de sangue. Porém, ser gladiador podia ser a ponte para o enriquecimento, a popularidade, a honra e a obtenção de uma gorda pensão vitalícia paga pelo Império. Assim, muitos homens livres – estima-se que cerca de 50% - se esforçavam ao máximo para conseguir ali o que não conseguiriam durante toda uma vida.

Algo parecido ocorre nos dias atuais.

O 'livre-mercado' também tem como significado a 'livre concorrência' e esta, deve ocorrer em todas as ordens da vida.

Concorrer, pode significar basicamente duas coisas, segundo o Novo Dicionário Aurélio (1999), "juntar-se (para uma ação comum); contribuir, cooperar" e "ter a mesma pretensão de outrem, competir" (*op.cit.*, p. 359). Porém, o sistema capitalista quer nos fazer acreditar em apenas um destes significados, isto é, o de competir, termo originado do latim '*competere*', que quer dizer pretender uma coisa simultaneamente com outra(s) pessoa(s) e rivalizar com ela(s).

A super-valorização da concorrência promovida por ele induz a que as pessoas creiam que quanto mais se esforçarem para mostrar o seu melhor e quanto mais sua *performance* for superior à do outro, mais serão valorizadas e assim conseguirão obter tudo aquilo que a propaganda e a mídia prometem.

O gladiador romano passava a participar de uma "família gladiatória", na qual era dado o treinamento. Havia fidelidade ao mestre (que ganhava muito dinheiro) por parte do grupo, tal qual buscam fazer hoje as grandes empresas quando treinam seus funcionários para a formação de equipes, ou "times", que serão fiéis a ela e trabalharão muito para aumentar a sua produtividade, com a simples promessa de uma vida muito melhor.

Desta forma, nossas existências estão sendo cada vez mais fragmentadas e, convencidos de que ter sucesso e vencer na vida só depende de nós mesmos, de nossa vontade; cada vez mais vamos desvalorizando as ações coletivas. O projeto é que nos transformemos em uma pura sociedade de indivíduos, porém, não quaisquer indivíduos e sim indivíduos muito produtivos, criativos; com muita vontade de vencer e que, para isso não meçam esforços na acirrada competição, já modelada de forma perversa, mas que, mesmo assim está sempre defasada em relação ao que já desponta no horizonte.

As atualizações nos modelos de acumulação do capitalismo aprofundam a desigualdade, a insegurança e fazem aumentar o individualismo e a competição entre as pessoas.

Castel (1994) aponta que a situação de vulnerabilidade de amplos setores da sociedade não está dada somente pela questão econômica ligada à insuficiência de recursos materiais como alimentação, moradia ou saúde. Além disso, essa vulnerabilidade é decorrente, também, das transformações ocorridas no mundo do trabalho somadas à fragilidade dos vínculos sociais.

O pensador afirma que do ponto de vista do trabalho, não se pode pensar apenas no desemprego. As mudanças nas relações de trabalho – precarização, flexibilização, trabalho parcial, temporário e outros – também provocam transformações sociais já que as pessoas deixam de ter garantias trabalhistas, suporte, proteção e reconhecimento.

A atual crise, que já criou uma nova e imensa onda de desempregados, ameaça, inclusive as frágeis redes de proteção nas relações de trabalho, conquistadas durante mais de um século de lutas dos trabalhadores em todo o mundo.

Há mais de quinze anos, Castel (1994) já mostrava que além daqueles que se tornavam desempregados crônicos (pela falta de postos de trabalho ou por não terem condições de se adaptar à rapidez das mudanças e da conseqüente necessidade de flexibilidade), havia um processo que ia afastando os trabalhadores da produção. As alterações na condição salarial a partir da desestabilização dos que possuíam empregos mais estáveis e da terceirização para ampliar a lucratividade, criavam outro mercado de trabalho que não garantia a mesma proteção e nível de salário, aumentando o empobrecimento e a deterioração das condições de vida.

Ao mesmo tempo, essas mudanças provocavam alterações na própria relação com o trabalho porque a ameaça de rebaixamento salarial e/ou desemprego gera medos e angústias devido às incertezas quanto ao futuro.

Por outro lado, segundo Dejours (2001) já havia uma intensificação do trabalho - com pessoas deixando de faltar até mesmo estando doentes - assim como a produção de um imenso sofrimento psíquico.

Tais fatos acentuaram o individualismo e a negação das necessidades do outro, assim como a diminuição da mobilização coletiva.

Contudo, torna-se importante notar que hoje, com o grande aumento da quantidade de desempregados estes processos se acentuam ainda mais, já que a ameaça de desemprego torna-se tão assustadora, que não só as lideranças conciliadoras, mas os próprios trabalhadores acabam propondo e/ou aceitando situações de maior rebaixamento salarial ou desregulamentação de normas e leis de proteção conquistadas a duras penas

Porém, existe uma preocupante novidade nos dias atuais, que é a transformação no modo de operação das forças produtivas já que o trabalho repetitivo não é mais o elemento central de valor da mercadoria, pois foram incorporados, com extrema importância, outros elementos, relacionados à atividades intelectuais – como saberes, conhecimentos, inteligência, linguagem, memória, flexibilidade – que podem se reproduzir constantemente e determinam as ações do corpo, o que permite a exploração em seu grau máximo, pois, é a própria vida quem produz a intensificação da produtividade e o aumento da mais valia (Negri & Lazzarato, 2001).

Agora, mais do que nunca se confirma a definição de Marx (1971) para força de trabalho, isto é, de que esta é a soma e a mobilização de todas as ações físicas e intelectuais para o cumprimento das tarefas. Todos os elementos da vida são instrumentos de valor no capitalismo. Ao mesmo tempo, aquilo que era caracterizado como *cooperação objetiva* – aquela em que cada um realiza um trabalho diferente que depois é centralizado por um setor especializado – fica secundarizada frente ao imenso sistema de *cooperação subjetiva* em que o sujeito desenvolve não só a produção mas também novos modos de cooperação inventando melhores formas de atuação, de aceleração dos processos produtivos, de transposição destes para outras atividades e muitas outras coisas que fazem aumentar a produtividade capitalista. E isto podendo ser feito sem nem sequer haver proximidade física devido às novas tecnologias da informação.

Este conjunto de circunstâncias – desemprego, precarização, aumento na desigualdade da distribuição de renda, incorporação das atividades intelectuais nas relações de trabalho, a cooperação subjetiva dos trabalhadores e o consumismo,

entre outros – tornam a sociedade a cada dia mais individualista, com as relações sociais sendo mediadas quase que apenas pelas questões econômicas.

O deslocamento causado pelo consumo, isto é, pela necessidade de satisfação imediata, aprofunda este individualismo pois o único dever de cada um é para consigo mesmo, o que desenvolve a cultura do ‘ter’ e o ter que aproveitar todas as coisas e momentos da forma mais intensa possível.

E isso só cresce, porque a atualidade é feita de rapidez, efemeridades e descartabilidades.

Desta forma, estamos imersos em uma lógica de individualismo e competição que precisa ser rompida se quisermos criar um mundo diferente.

2.3. *Só observamos quem somos na presença do outro... com ele formamos vínculos... mas, o que estamos fazendo com estes vínculos?*



IMAGENS <http://images.google.com.br>

*“As pessoas estão muito “cheias” de si mesmas
e não olham o que está acontecendo à sua volta.
Meu desenho está mostrando mendigos, suicidas,
gente com fome, fazendo música na rua prá sobreviver...
E todos passam sem nem olhar ou se interessar pelo que está acontecendo...
Eu gostaria de ser diferente”*

(Ceres, Diário de Campo 1, 19/11/07)¹⁴

¹⁴ A jovem refere-se ao desenho que construiu após assistir a um vídeo que gerou a discussão sobre como saímos fazendo coisas sem que nos questionemos ou nem saibamos o porquê.

Em um instigante artigo intitulado “O que é ser humano?”, Andrade, Silva e Passos (2007), dois biólogos e um psicólogo, apresentam argumentos para mostrar a partir de qual momento de nossa história poderíamos dizer que entramos no processo de “humanização”.

Sua linha de raciocínio parte da *Biologia do Conhecer* de Maturana e Varela e mostra que existem várias discussões sobre quem seria o ancestral do gênero ‘*Homo*’; porém, seria possível afirmar que a diversificação e a proliferação da linhagem dos macacos bípedes conferem um lugar importante ao bipedismo nesta ancestralidade.

Por outro lado, existiriam dois outros fatores importantes para o surgimento já do ‘*Homo sapiens*’: o avanço das técnicas na produção de artefatos – para alimentação, proteção e aumento da sobrevivência – e a redução do dimorfismo sexual.

Este segundo fator teria possibilitado uma intensificação do comportamento cooperativo entre machos e fêmeas, o que, por sua vez, permitiria um aumento da atenção e cuidado com a prole, gerando o embrião de um núcleo familiar.

O que explicaria esta ocorrência seriam as observações de que, entre os primatas, quanto maior o tamanho do macho em relação à fêmea, maior também é a competição entre machos para o acasalamento. Ao mesmo tempo, a diminuição desta diferença contribui para a cooperação entre eles, o que teria gerado mudanças fisiológicas e comportamentais, como por exemplo, as fêmeas poderem se tornar mais receptivas às relações sexuais mesmo fora do período fértil. Este seria um dos elementos para o aumento da sociabilidade e reencontros posteriores.

Com o passar do tempo, essa disposição corporal, um tipo de emoção que poderia ser denominada *amor* segundo a *Biologia do Conhecer*, foi se intensificando, facilitando uma maior aceitação do outro e o desenvolvimento do prazer nos encontros e reencontros, permitindo a convivência, maior atenção com a prole e a criação de um ambiente apropriado para o desenvolvimento da linguagem.

Estes fatos apontam que existe um inacabamento biológico e histórico no homem. Porém, segundo os autores citados, o ‘vir-a-ser’ humano somente poderia ser pensado a partir do aperfeiçoamento da linguagem porque são as nossas próprias conversações que nos tiram de nossa clausura biológica e permite que nos

tornemos observadores da presença do outro, abrindo-nos ao indeterminado e à possibilidade de construção de novos mundos.

Tais constatações são apresentadas a partir destas e outras considerações que mostram que estes fatores teriam possibilitado o surgimento da linguagem e, conseqüentemente, do processo de humanização.

A coesão e a sociabilidade do grupo, associadas à utilização do fogo, podem permitir maior proteção, construção de abrigos coletivos (que facilitam o aquecimento, preparação do alimento, sono e elaboração de ferramentas, entre outros) e aumento da reciprocidade, ambiente favorável para o aperfeiçoamento da linguagem e sua conservação através das gerações.

Deste modo, essa rede de cooperação, baseada na emoção da aceitação e legitimidade do outro, se entrelaça com as conversações e vai aperfeiçoando a linguagem, produzindo uma explosão na inventividade e gerando uma dinâmica relacional que passa a ser própria do viver humano; que interfere em nosso ser, em nossas experiências e em nossas atuações, ou seja, em nosso processo de “vir a ser” humanos.

Sendo assim, podemos supor que desde que passamos a viver de forma coletiva foram estabelecidos laços sociais entre nós

Também sabemos que tais laços, que se iniciaram de forma cooperativa, sempre sofreram abalos e assumiram diferentes formas de acordo com os valores da sociedade em cada momento histórico e, sem realizar nenhum profundo estudo, apenas pelas informações gerais que todos conhecemos, podemos inferir que estes laços se deram, muitas vezes - particularmente nas diferentes sociedades escravocratas, de castas ou economicamente discriminatórias - de maneira muito desigual, levando dor e privações a grandes parcelas destas sociedades.

Entretanto sempre foi possível a existência de sentimentos de pertencimento a algo, seja no que diz respeito à relação dos indivíduos entre si (família, vizinhança, religião, amigos) e/ou laços mais coletivos (organizações sociais, sindicatos, agremiações culturais).

Assim, embora não se possa dizer que o individualismo tenha origem na constituição do capitalismo, pode-se dizer que é principalmente a partir deste

momento histórico que o processo de individualização assume um papel preponderante na sociedade.

O indivíduo foi sendo chamado a fazer escolhas de todo tipo. Porém, em uma sociedade que diz oferecer, mas efetivamente não estabelece direitos iguais, ao mesmo tempo em que não garante proteção econômica, política, social nem qualquer outra, o preço pago por isso é o aumento das vulnerabilidades, já que cada indivíduo vai ficando entregue aos riscos de todo tipo e a si próprio para tentar sobreviver à competição em que a sociedade foi transformada.

Por isto foi feita a pergunta que dá início a este item. *O que estamos fazendo com os nossos vínculos, aqueles que abriram a possibilidade de irmos a ser “humanos” e não apenas animais enjaulados em um corpo biológico? Por onde andam a cooperação, a aceitação e legitimidade do outro, a reciprocidade que permitiu nossa sociabilidade?*

Para falar da atual vulnerabilidade, outro ponto de vista apresentado por Castel (1994) é exatamente o da fragilidade dos vínculos sociais. Este autor apresenta duas variáveis que considera importantes para explicar este fato: a familiar e a cultural.

Na primeira, o empobrecimento acompanhado de transformações estruturais (como a dissolução de casamentos, um dos pais tendo que viver sozinho com seus filhos, todos tendo que trabalhar o tempo todo para sobreviver, entre outros fatores) levam a um maior isolamento e dissolução das redes de suporte, proteção e sociabilidade, com dificuldades cada vez maiores no desenvolvimento de vínculos afetivos. Em relação à segunda variável, que ele denomina cultural, já não existem as antigas redes de solidariedade, as econômicas, de troca de serviços e outras. Não há tempo para a transmissão de idéias pela família, escola ou sociedade; já não há planos para mais que alguns dias.

Assim, a combinação dos dois vetores – alterações nas relações de trabalho e fragilidade dos vínculos sociais – leva a diferentes zonas do espaço social, isto é, dependendo de onde as pessoas se localizam, elas podem ser colocadas em uma escala que vai da integração até a desfiliação, ou seja, ausência de trabalho e isolamento social com a perda de amigos e da posição que ocupavam anteriormente.

Tal situação gera sentimentos de exclusão pois é feita uma comparação, pelo próprio sujeito e pela sociedade, entre o que ele possui em relação aos demais, independente da satisfação ou não de suas necessidades básicas. E objetivamente, são diversas as formas de uma pessoa sentir-se excluída: pela questão da renda, pelo lugar onde vive (favelas e bairros periféricos), pelo aspecto cultural (não estar incluído na cultura hegemônica), por questões de gênero, raça, idade e outros.

Além disso, ao desqualificar, o sistema culpabiliza o indivíduo, apresentando-o como desajustado por sua não capacidade de integração, ou como incompetente por não conseguir atingir uma nova situação a partir das “condições iguais” que são oferecidas a todos.

A internalização dessa culpa é de fundamental importância para a manutenção da ordem social, pois desta forma se aprofundam ainda mais o individualismo e o sentimento de isolamento. Por outro lado, ao estimular a competitividade como forma de se chegar a algum lugar, gradativamente anula o estabelecimento de laços de solidariedade, diminuindo as possibilidades de pensamentos e ações coletivas.

A soma destes e outros elementos fazem com que o sujeito passe a não mais perceber o seu potencial o que aumenta imensamente o seu sofrimento psíquico. Deste modo, todo este processo também altera modos de existência, afetos e comportamentos.

Já no pós-guerra, Hannah Arendt (2007) previa o aumento do distanciamento social. E o capitalismo, realmente, tem ido muito longe nessa política, pois a solidão, a insegurança e a existência individualista são prontamente sustentadas pela sociedade de consumo a partir dos “delivery” de tudo – de pizzas, vídeos, presentes, remédios; da disseminação sem precedentes de animais de estimação como companhia, dos bonecos infláveis para a prática sexual, dos sites para encontros virtuais e tantas outras “modernidades” que produzem mais afastamento social.

Um exemplo atual é o do cientista japonês que criou um robô, com todas as características físicas humanas, que tanto pode ser usado como companhia quanto para substituí-lo em reuniões, festas e outros ambientes. No início de 2009, naquele mesmo país, já estava sendo testada uma professora-robô, que tem, entre suas funções, a de repreender os alunos que conversam em sala de aula!

Bauman (2007) discute que já não existem planejamentos de longo prazo, as ações são de curto prazo e levam à necessidade de constantes modificações de hábitos e habilidades sem nenhum alicerce sólido. A responsabilidade em resolver as contradições geradas por isso é jogada sobre os indivíduos, mesmo que os riscos de suas escolhas sejam produzidos por forças que estão fora de seu alcance. O resultado, uma vez mais, é a insegurança e o medo, que embora de diferentes formas e de acordo com o momento histórico há muito fazem parte da história da humanidade, agora adquirem proporções inéditas no mundo globalizado.

Como sabemos que, de forma geral, o medo nos predispõe a ações defensivas chega um momento em que já não são necessários muitos estímulos externos para que vivamos na insegurança. Se somarmos este fato à nossa incapacidade de reduzir o ritmo das mudanças ou prever minimamente sua direção entenderemos porque acabamos nos concentrando naquelas questões básicas que Foucault (2001a) nos alertou quando falou sobre o biopoder.

Aqui torna-se importante abrir um parêntese a respeito de duas vertentes fundamentais na atuação do biopoder nos dias atuais: a medicalização e a judicialização.

A ampliação do discurso médico para todos os domínios da vida – da escola à performance esportiva ou no trabalho – vem se tornando hegemônica e adquirindo ares de uma nova verdade.

Com base em experiências fragmentadas, pesquisas biológicas, genéticas e neurocientíficas buscam decifrar o funcionamento da vida, das manifestações e das ações humanas a partir da química, das moléculas e dos genes. Cada vez mais se diz que este é o século da predominância do cérebro e das ciências que o estudam.

A doença é vista como um conjunto aparente de sintomas e tratada como uma entidade universal que ultrapassa qualquer contexto e cada ser em particular.

Existe um valioso mercado de medicamentos que cada vez mais se expande, com os grandes laboratórios travando verdadeiras guerras entre si para disputar a atenção dos médicos e da população para produzir uma completa medicalização de todas as atividades humanas.

Professores são chamados com maior intensidade a terem um olhar de especialista para detectar problemas nos alunos e orientar a família na busca do

tratamento correto, médico e/ou psicológico. A criança mais inquieta ou transgressora torna-se uma criança “ritalínica”¹⁵ e a que possa ter dificuldade de aprendizagem, em meio à atual metodologia de ensino e ao contexto em que vive, pode receber medicação para aumentar sua capacidade de concentração e memória ou para transformar sua timidez e tristeza em alegria. Desta forma a escola, pais e professores se acalmam e a criança pode voltar a ser exigida dentro dos padrões ‘normais’ estabelecidos.

“O discurso da saúde fortemente veiculado na mídia cria um sistema de alerta para todos. Todo mundo se preocupa em aprender a reconhecer os sinais das doenças para manter uma vida saudável.

Aqui há uma articulação importante entre as especificidades do mercado de medicamentos e o funcionamento da clínica psiquiátrica marcada pelo DSM e pelo discurso da psiquiatria biológica. Impedida de vender os medicamentos diretamente ao consumidor, que só pode obtê-los através da prescrição médica, a potência midiática da indústria farmacêutica se esforça para estabilizar fortemente na sociedade o discurso biológico e o conceito das doenças fazendo com que a população aprenda a reconhecer em suas experiências de vida os critérios diagnósticos de determinados transtornos mentais, como por exemplo a depressão.

A difusão social do conceito da doença tem o objetivo de fazer com que o próprio paciente possa fazer seu diagnóstico e sugerir o tratamento ao médico.” (Aguiar, 2003, p. 9)

Estamos nos tornando especialistas em diagnóstico e, nossas existências estão sendo transformadas para serem completamente medicalizadas.

O outro braço importante do biopoder é o da judicialização. A justiça penetra em nossas vidas e sem nos darmos conta, vamos querendo que ela se faça cada vez mais presente (Coimbra, 2008).

Para evitar riscos à nossa segurança física e de nossas casas, passamos a exigir mais leis e penas mais severas. Queremos mais prisões para que qualquer um possa ser preso – do agricultor que polui aos pais que não enviam seus filhos à escola. Não criticamos o Senado, sua existência, suas normas ou seu funcionamento; o problema – ensina a mídia – são os que lá atuam desde sempre, e assim fazemos coro gritando apenas: corruptos na cadeia!

¹⁵ Alusão ao medicamento mais utilizado em caso do popular diagnóstico de TDAH.

Deste modo, vamos querendo ficar a cada dia mais parecidos com os Estados Unidos, no sentido de defender obsessivamente o direito à segurança, aumentando o número de prisões, endurecendo as penas e aprofundando a política de ‘tolerância zero’ (que já vem sendo bem aplicada pela polícia brasileira) para tentar administrar a insegurança social.

Dados mostram que no ano 2000 o número de presos naquele país já batia o recorde mundial: 2 milhões – uma população maior do que a de vários países do mundo – e cerca de US\$ 40 bilhões para a construção e manutenção dos presídios (Jornal Folha de São Paulo, 2000), gasto duas vezes maior que o valor do PIB do Uruguai. Números divulgados à imprensa pelo Departamento de Estatísticas do Ministério da Justiça mostram o aumento para 2,4 milhões em meados de 2008, ou seja, existe 1 preso em cada 131 adultos, sendo 1 em cada 21 negros norte-americanos!

Para Wacquant (2001) a movimentação do capital em tempos de globalização dirige-se para áreas opostas às de política social produzindo um aumento ainda maior de segmentos pauperizados pelo sistema. A grande massa de miseráveis criada pelas reestruturações do contemporâneo tem que ser coagida a aceitar o papel de rejeitada e a aceitar a parte que lhe cabe no processo. Para tanto, o Estado vai tendo seus objetivos transformados a fim de facilitar a vida das corporações transnacionais e do capital financeiro, dismantelando seu lado social e aumentando sua face penal tornando-se apto a manter sob controle a grande massa pauperizada, criminalizando assim, cada vez mais, a pobreza.

Tal política recebe o apoio não só dos setores mais poderosos mas também da classe média já que, à permanente insegurança trazida pelo trabalho precarizado e flexibilizado soma-se o medo provocado pela falta de um mínimo de estabilidade, assim como pelos roubos, assaltos, seqüestros e outros tipos de violência. E o modo como o Estado promete compensar tais problemas é com mais polícia, mais leis e mais prisões, transformando-se em um Estado Penal.

Isto mostra como vamos vivendo sob os efeitos da medicalização e da busca por evitar riscos criando “alvos substitutos para descarregar nossos medos visíveis e invisíveis” como diz Bauman (2001, p.17) enquanto o capital da saúde e do medo continuam sendo usados para obter lucro comercial ou político.

“Neve, argila e palitos”

*Cinco bolas de argila espetadas nos palitos.
Foi assim que criei o boneco de neve de argila e palitos.
Sem a cenoura, os gravetos e a neve.
Meu boneco era mais um “nada” do que um boneco de neve.
Mas com argila e palitos, dei forma a um boneco de neve de argila e palitos,
um boneco de neve de argila e palitos.
Nossa! Repeti tantas vezes que ele era de neve que olhando até parece!*

(Hélio, Diário de Campo 1, 26/10/07)

Ao fazer uma análise sobre as conseqüências das mudanças sobre os seres humanos, Sennett (1999) coloca que a natureza flexível do atual momento do capitalismo afeta o caráter pessoal dos indivíduos.

Apresentando o trabalho como um valor ético importante pelo qual nos pautamos para construir nossas vidas e laços, o autor defende que ao vivermos em uma sociedade de curto prazo torna-se difícil a manutenção de relações saudáveis. Um dos exemplos que cita é o dos trabalhadores de ofício como os padeiros de Boston que, com a introdução da automação e das novas tecnologias organizacionais viram sua profissão se transformar em virtual rompendo históricos laços sociais e familiares, além dos próprios laços com o trabalho em si.

Essa flexibilidade é exigida em inúmeras situações. É clara, por exemplo, a necessidade de reestruturação do tempo – já não se trabalha somente na empresa, mas lá e também em casa; nunca “sobra” tempo para estar com amigos, filhos ou em outras atividades de lazer; tudo é feito no mesmo ritmo alucinante da mensagem dos *outdoors* que lemos pela metade ao passar de carro, ônibus ou metrô. Porém Sennett (1999) vai além e apresenta argumentos sobre como tantas flexibilizações levam também à flexibilização do caráter.

Definindo caráter como “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros, ou se preferirmos ... os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem” (Sennett, 1999, p.10), o autor nos mostra que hoje não existem condições para a construção de uma narrativa de vida baseada na experiência que antes nos permitiu dar sentido tanto aos fatores corriqueiros, do dia-a-dia, como às questões culturais, sociais e políticas.

Todo este cenário gera ansiedade diante das mudanças, dos riscos e das incertezas, do que chama de moderno fenômeno social do “sentimento de fracasso”, assim como diante das relações sociais descartáveis que não permitem narrativas de vida partilhadas, laços de confiança, de lealdade e de compromisso.

Porém, aqui torna-se importante observar que, embora ainda estejamos tateando na compreensão dos novos fenômenos que vêm ocorrendo, podemos dizer que os processos ocorrem de forma paradoxal. Há integração de coisas e atomização de outras, todas misturadas de formas inusitadas e que geram tensões, conflitos e contradições.

E, assim como cada um de nós, as relações sociais possuem múltiplas dimensões. Desta forma, se o biopoder intervém e busca controlar a vida é porque ela é um valor fundamental - como já nos havia mostrado Nietzsche (2005a) – cujas forças em movimento trazem a possibilidade do novo e, por mais que o capitalismo tente, é difícil incluir e subjugar as multiplicidades.

Porque, se é feita a propaganda que a liberdade é importante, as pessoas vão querer manifestá-la de diferentes formas, não apenas as pré-fabricadas. Se viver com saúde é fundamental, há muitas outras condições – além do autocontrole e da autovigilância – que são necessárias para isso, como por exemplo, o questionamento de todo o sistema de saúde, o preço dos medicamentos e outros.

Portanto, se houver questionamentos, também são possíveis as ações contrárias a valores instituídos como a fé cega na ciência, em seres transcendentais que venham nos salvar, assim como no individualismo e na competição acima de tudo.

*“pois a vida não é um parágrafo
E a morte a meu ver não é um parêntese”
e. e. cummings¹⁶*

¹⁶ Estes são os versos finais de Cummings (2007) no poema 9 do livro ‘O tigre de veludo’. O modo de apresentação gráfica é característico do autor.

TSUNAMES OU MAROLINHAS...



REVOLUÇÃO OUTUBRO/1917 - URSS
CEM MIL - RJ/1968



PARIS - MAIO/ 1968



PASSEATA DOS



DIRETAS JÁ
SEATTLE/ 1999



METALÚRGICOS DO ABC - 1989



© creative commons



HIP HOP

"CARAS-PINTADAS" - DEPOIS DA VITÓRIA NA CAMPANHA PELO EMPEACHMENT DE COLLOR VOLTAM ÀS RUAS EM MANIFESTAÇÃO

... RESISTÊNCIAS POR TODA PARTE!

III - Tsunames ou marolinhas: resistências por toda parte...

*“É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.”*

*Morte e Vida Severina
João Cabral de Melo Neto (1994)*

Arendt (2007) já apontava que para ser humano e não possuir somente uma existência corpórea o homem necessita do discurso e da ação, pois é isto que lhe permite estar inserido no mundo humano e, ao mesmo tempo, ser singular e não apenas diferente.

Não basta apenas nascer, ter um aparecimento físico, é preciso iniciar, colocar algo em movimento (discurso e ação) e, este início é sempre algo novo, que não pode ser previsto, tão imprevisível como o que surge de qualquer criação.

É na imanência do discurso e da ação que nos apresentamos e vamos mostrando quem estamos sendo na vida. O discurso anuncia, a ação nos torna atores, isto é, agentes do ato. Se o discurso for apenas uma “conversa” e nada revelar, a ação pode perder a qualidade e o sentido. Deste modo, o testemunho do outro joga luz sobre nós e, conseqüentemente, nossos discursos e ações, somente permanecerão se forem testemunhados e guardados pela memória de outros.

“a pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prover as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas” (Arendt, 2007, p.188/189)

O paradoxo que percorre a espécie humana desde que passou a viver em coletividades, isto é, o de cada um de nós viver como um ser singular em meio a uma infinidade de iguais, sempre complexificou o plano de nossas relações já que a imprevisibilidade, que é inerente à ação de seres singulares, também carrega consigo uma tendência a extrapolar fronteiras e limites, o que nos remete às contradições existentes na história humana e às dificuldades relativas às questões éticas, o que nos obriga ao permanente esforço de questionar as regras e práticas vigentes na sociedade.

Diz Foucault (1992) que o discurso é uma manifestação prática do pensamento relacionada a uma determinada época histórica e que produz formas de poder (1987). Deste modo, a autocriação de nós mesmos enquanto seres

singulares torna-se fundamental como modo de resistir a este poder já que para isso são necessários outros tipos de relações e sociabilidades (2001a).

Assim, embora com formas de dizer distintas, Foucault e Arendt parecem concordar que o que ilumina a existência humana e a tira de sua clausura biológica é o seu discurso, a sua ação e a capacidade de produzir histórias e tornar-se histórica.

Entretanto, são inúmeros os elementos e forças que ocorrem em nosso dia-a-dia ou em um mesmo momento histórico. E é a combinação deles que permite a produção de determinadas formas que ao se constituírem, muitas vezes fazem com que as vejamos como se fossem as únicas possíveis. Contudo, Marx (1971) já nos alertava sobre a necessidade de vermos que existe a possibilidade de outras combinações e formas a partir do conjunto de elementos em um processo.

Porém, foi Foucault (1987, 2001a) quem nos mostrou de maneira clara que a existência do caráter heterogêneo e histórico de um processo permite infinitas variações e que isso ocorre na história, na vida e... nos modos de resistência.

Levando em consideração a discussão apresentada por Nietzsche (2007, 2007a) de que a vida e o mundo são conformados por forças que se relacionam, enfrentando-se ou articulando-se em diferentes momentos, Foucault (1987, 2001a) passa a analisar as relações de poder sob outro ponto de vista, deslocando-as da visão de algo localizável e facilmente visível, “um” único poder, uma estrutura fixa e geral de dominação de um grupo sobre outro, para outra visão onde uma multiplicidade de forças desiguais enfrentam-se a partir de inúmeros pontos, estando disseminadas em redes onde participam, não só o aparelho de Estado e outras instituições, mas também os sujeitos e suas relações.

Porém, para o autor, as relações de poder são exercidas em forma de ação sobre a ação do outro ou outros. Assim, elas são materializadas nas práticas sociais, atualizando-se cotidianamente, criando novos sujeitos e novas realidades. E, se existem forças conflitantes, enquanto algumas buscam manter o mundo e as normas instituídas, outras resistem a elas, criando diferentes possibilidades, desejos, discursos e subjetividades. Desta forma, não se pode pensar nas relações de poder apenas como algo homogêneo e repressivo, é necessário, também, vê-las como presentes em nosso viver cotidiano. Contudo, embora seja assim, se há

conflito é porque existe confronto de forças e se há luta também existem reações, resistências, possibilidades de outros modos de existir como parte desta mesma rede.

Isto nos mostra que os processos de resistência podem ocorrer de muitas maneiras e de onde menos se espera, assumindo formas que também podem se transformar, não podendo assim ser hierarquizadas. Podem provocar grandes movimentos coletivos, mas também movimentações tímidas, pequenas ou individuais, que são sempre processuais, e que vão sendo tecidas, contagiando, provocando rupturas.

Mas, tais movimentos, também são passíveis de captura pelo próprio sistema, motivo pelo qual temos que estar permanentemente questionando suas possíveis cristalizações.

Em sua monografia de conclusão de curso, Carvalho (2008) faz considerações sobre o conceito de resistência na obra de Michel Foucault. A partir do pensamento deste autor, de que as determinações históricas são frutos de uma produção coletiva e não de relações de causa-efeito de agentes externos a elas, a autora se questiona: se nossas ações são parte dessas determinações, é possível resistir e realizar mudanças no atual contexto histórico, já que o modo de produção capitalista se expandiu de tal forma que muitos setores o colocam em um patamar imutável e irreversível?

Ao buscar respostas a este questionamento apresenta pontos importantes. Um deles é que o poder não é uma substância e sim um exercício em meio a conflitos. E, se há conflito é porque existe disputa entre forças/experiências que são possíveis. Assim, se uma for subjugada em um determinado momento, isto não significa eternidade, já que é apenas uma forma provisória de forças em constante luta, ou seja, resistências são inerentes aos conflitos, à história e à formação de nossas subjetividades e não exteriores a eles.

Em outra formulação a autora (Carvalho, 2008) busca suporte no filósofo francês Alain Badiou, para quem a humanidade do ser pode ser relacionada à de um "Imortal", conceito que parte do fato de que ser singular, isto é, criar outro sentido para o que já estava atribuído a si, independe das circunstâncias.

O homem pode não aceitar o papel de vítima das diferentes situações a que está exposto ou que diferentes discursos lhe conferem e, ao fazer isso, mostra ter a capacidade de resistir ao que ele mesmo pensava ser. Quando resiste, e se transforma em outra coisa, entra em contato com o seu “Imortal”, algo em sua existência que lhe permite ser sempre uma experiência, estar em permanente constituição. Desta forma, nenhuma circunstância pode afirmar que um homem é algo e muito menos que sempre será de uma forma determinada ou que aceitará uma determinada coisa.

Então, a concepção do homem como ser passível de singularização e transformação se conecta com a de Nietzsche e Foucault de que existe uma potência do ser humano de vir a ser outra coisa. Isto é, em contextos diferentes o homem tem a possibilidade de tornar-se diferente, já que ele se constitui através da trama de poderes, das relações de poder-saber que são as forças em conflito permanente e que podem gerar reações, respostas ou efeitos diferentes.

Assim, além de estarmos atentos ao que ocorre com os grandes processos instituídos e grandes lutas, é necessário observar que o novo pode vir a partir das pequenas ações que resistem no cotidiano e que se conectam com outras, permitindo criações e reinventando modos de resistir. Em nossas vidas, por exemplo, se sabemos que cada vez mais somos produzidos pelo biopoder, não temos que estar resistindo, também, aos outros aspectos que nos conformam, além de nossa atuação profissional e/ou social? Não é necessário um questionamento constante de nossas ações, que muitas vezes nos fazem sucumbir a exatamente aquilo que queremos combater?

Por exemplo, muitos dos amigos que tive em minhas décadas de militância, ao mesmo tempo em que buscavam – e muitos ainda buscam – ter posturas ditas “revolucionárias” em suas organizações políticas, nos demais aspectos de sua existência agiam – e agem – das formas mais “reacionárias” que podemos imaginar, seja com seus companheiros de militância, de vida conjugal e filhos, seja em seus trabalhos e relações de amizade...

Não é fácil resistir, mas se nos preocuparmos em estar atentos conseguimos perceber, pelo menos em parte, nossos “pré”-conceitos, paradoxos e atitudes marcadas de forma clara ou sutil pelas forças do biopoder. E, assim, fazer um esforço para desviar estes caminhos e buscar novos universos para agir, criar e

estar no mundo, já que as resistências abrem outras possibilidades de pensamento e intervenção.

3.1. *Tecendo manhãs*

Tecendo a Manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele deu
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

João Cabral de Melo Neto (1996)

Nas últimas décadas movimentos de resistência têm ocorrido em diferentes partes do mundo. Alguns se dão nos moldes tradicionais, porém, muitos deles ocorrem de uma forma diferente daquelas que conhecemos em períodos anteriores.

Se pensarmos a ‘manhã’ apenas como algo que resulta do sol que se levanta, deixamos de ver todo o entrecruzamento dos gritos dos diferentes galos com os finos raios de sol que vão surgindo a cada dia e que permitem que saibamos que algo novo está chegando, mesmo estando na escuridão de nosso quarto.

Lutas vêm ocorrendo em todos os continentes. Só para citar algumas, na Europa vemos greves (como a dos transportes na França) e movimentos de resistência dos imigrantes (como as rebeliões de jovens em Paris e ameaças em

outros países). Na Itália, atualmente, vêm aumentando as mobilizações contra a política de Berlusconi e o mesmo ocorre em outros lugares do velho continente. No México destacaram-se as fortes manifestações e a organização do Exército Zapatista de Libertação Nacional. No Oriente Médio os problemas entre judeus e palestinos estão longe de terminar. No restante da América Latina tivemos os “cacerolazos” e “piquetazos” na Argentina, os conflitos na Colômbia, os movimentos e debates sobre questões de propriedade e poder na Bolívia e tantos outros.

Poderíamos seguir listando dezenas de movimentos importantes que vêm ocorrendo pelo mundo afora, porém, lutas contra a miséria e a opressão nunca deixaram de existir e, mesmo nos lugares onde elas atingiram um alto patamar e se chegou ao ponto de derrubar o poder do Estado, a experiência mostrou que não se trata apenas de substituir o setor social que dirige tal instituição e sim de inventar e criar novos mecanismos e alternativas a ela, já que o poder se ramifica e se estende por toda a sociedade, atingindo a própria vida. Assim, temos que estar atentos e acompanhar, também, outros tipos de movimentos de resistência que surgem nestes momentos de biopolítica e que não necessariamente se darão pelas vias conhecidas anteriormente ou por setores sociais e formas tradicionais.

As margens do nosso rio estão em constante transformação. Somos muitos os que não concordamos com os rumos perversos dos dias atuais. Alguns compartilham e atuam em diferentes lutas do cotidiano e as tornam mais visíveis, outros ainda não as expressam de um jeito claro, mas criam, de forma muitas vezes ousada, outros modos.

A forma de produção capitalista, que hoje está totalmente atravessada pela questão da comunicação, se esforça por produzir e/ou influenciar todos os aspectos da vida social. Setores importantíssimos do capital globalizado e dos próprios estados nacionais buscam investir em grandes conglomerados da mídia, de forma a concentrar os meios de comunicação e poder auxiliar-nos a formar “nossas próprias opiniões”¹⁷

As formas de controle que são exercidas por meio de mecanismos mais difusos, que seguem os fluxos criadores da vida e incidem diretamente sobre corpos

¹⁷ No Brasil a Família Marinho/Globo mantém o monopólio das transmissões e audiências televisivas e de rádio, seja através de concessões diretas, seja através de afiliadas e repetidoras. E, acompanhada por poucas outras famílias controlam o que vemos e ouvimos nestes meios. O mesmo ocorre com a mídia impressa. (Coimbra, 2001)

e mentes – seja pelos sistemas de comunicação, pelas redes de informação ou por enquadramentos – leva à interiorização e à ação por parte dos próprios sujeitos, numa configuração biopolítica.

Tal configuração eleva a vida a uma dimensão nunca vista anteriormente. Porém, se o império exerce o poder sobre a vida, vimos que ao mesmo tempo existe a possibilidade de que ela resista, que a sua força e potência também se revelem de maneiras inéditas, seja através do trabalho, de diferentes formas de combate, da descoberta de fissuras pautadas na atualidade ou na criação de novos sentidos.

Em uma palestra proferida no Rio de Janeiro, Negri (2005) cita o interessante exemplo dos *hackers* que ao mesmo tempo em que valorizam muito sua relação com o trabalho - que não é de obediência, sacrifício ou dever - possuem uma grande paixão intelectual por sua atividade e ainda agregam o compromisso social de tornar aberto e comum o uso de produtos que seriam restritos. E o fazem de forma voluntária e auto-organizada, com programadores conectados em rede pelo mundo todo o que lhes permite criar continuamente. Cita o desenvolvimento do sistema Linux como uma dessas criações geniais.

Dando continuidade a estas idéias, em sua tese de doutorado, Malini (2007) fez um interessante estudo no qual mostra, que apesar dos grandes conglomerados existentes na comunicação dita “oficial”, emergiu um novo modo de informação e conhecimento vindo de dentro de outro meio tecnológico criado pelo próprio sistema que é a internet.

Através de mecanismos de colaboração, auto-organização e de livre troca de saber e informação, os internautas estão produzindo mercado para produtos e serviços, sem a intermediação do mercado capitalista, a partir das redes livres ou *freenets*, que permitem, além de outras formas de comércio, copiar, apreender e reinventar outros conhecimentos.

Esta forma de resistência permite uma interconexão generalizada que altera não só a relação totalmente desigual em termos de comunicação e conhecimento, como também realiza deslocamentos em questões econômicas, gostos e estilos sociais.

Como tentativa de dar uma resposta rápida a esta situação, já que as idéias e o conhecimento tornam-se cada vez mais importantes para sua sobrevivência

econômica, o capital busca endurecer as leis de propriedade intelectual como forma de manutenção da norma de “todos os direitos reservados”, isto é, de criações só com permissão dos criadores antecedentes e/ou dos poderosos.

Porém, também a isto se resiste e, entre outros exemplos Malini (2007) cita o do “*Creative Commons*”, um movimento alternativo que busca fugir da cultura da permissão para dar liberdade e autonomia aos autores e redes criativas fundadas de maneira colaborativa, de forma que os conteúdos produzidos possam ser apropriados por pessoas que queiram acrescentar, misturar ou reinventar obras intelectuais e científicas (livros, filmes, áudios, fórmulas, material educacional), modelos de negócios e tecnologias digitais, entre outros.

Esta e inúmeras outras produções e micro-audiências, se forem somadas podem nos mostrar um importante movimento de resistência de pessoas cansadas de receberem informações limitadas, comprometidas e que estão construindo outros sentidos sociais.

Por outro lado, fazendo uma análise de pessoas e grupos que vivem em mobilidade, ou seja, migrantes, refugiados, deslocados por questões profissionais e outros, Clemente (2005) constata que a alteração do ponto de referência relacionado ao local geográfico vivido anteriormente leva a que estas pessoas tenham a necessidade, também, de novas referências e vinculações sociais.

Ao sentirem seus vínculos desestabilizados há uma nova inserção em redes comunitárias, relações de amizade, familiares, amorosas e outros fluxos solidários. Segundo a autora, que é antropóloga, existe uma maior plasticidade do que a encontrada em comunidades autóctones, pois estas pessoas e grupos, além de estarem em mobilidade geográfica possuem limites e referências que lhe são absolutamente singulares.

Deste modo, passam a construir relações a partir de memórias de natureza coletiva, redes de troca, compartilhamento de saberes comuns e atividades de solidariedade entre outras.

Tais relações podem levar à constituição de guetos fechados, mas também já observou redes abertas a pessoas de diferentes nacionalidades e aos nativos do lugar onde foram acolhidos ou tolerados, o que mostra a possibilidade de outros

modos de relações sociais transnacionais, o que na era da globalização pode ter um significado bastante importante.

“Uma professora separou os alunos entre os de escola particular, escola pública e os que fizeram Pré-comunitário. Éramos só 2. Hoje, é prá ela que os alunos olham diferente. Não prá nós.

Outra, na discussão com uma aluna, disse que sabia muito mais que ela porque tinha mestrado e doutorado. A aluna se sentiu mal e saiu da sala. A turma toda saiu junto. Aí, quem ficou mal?”

(Ares, hoje aluno da UFF, 06/12/08)¹⁸

Também há muitas formas de resistência em nosso país. Ao não ser objeto do estudo ora pretendido, não estarão sendo feitas referências às lutas por melhorias salariais, qualidade de vida ou outras tradicionais, mas não menos importantes. Nos deteremos em outras formas de resistência, aquelas que muitas vezes não são levadas em conta mas que podem transformar os contornos de nossos limites.

Heckert (2004), em sua tese de doutorado, realizou um estudo sobre escolas públicas onde mostra a importância de se desnaturalizar o modo como estas são vistas hoje – apenas como sucateadas, com professores desvitalizados e alunos carentes e fracassados.

A autora aponta que os processos de resistência na escola não passam somente pelas lutas salariais e pela adesão ou oposição às diferentes propostas de reforma educacional. Estas últimas, por exemplo, por ambos os lados podem assumir formas globalizantes e neoliberais com promessas modernizadoras, mas que em realidade acirram as desigualdades e incentivam o “treinamento” para uma busca individual de resolução de problemas.

¹⁸ Na reunião para discutir o texto que foi apresentado à Banca de Qualificação em 2008 e a continuidade desta dissertação.

Em suas pesquisas surgiram muitos pontos de tensão e exemplos de como a vida “insiste e persiste nas escolas públicas deste país” (Heckert, 2004, p.273) através de invenções, jogos, lendas que são transmitidas, perguntas que se ousa fazer, estranhamentos, experiências que são compartilhadas e lutas persistentes e diferentes das formas conhecidas, mas todas, lutas por uma escola que crie outras espacialidades e temporalidades.

Por outro lado, podemos dizer que, de forma geral, a juventude sempre teve um papel protagonista no sentido de alertar a sociedade sobre questões a serem observadas com atenção e/ou detonar processos que de alguma forma estavam latentes socialmente. Assim, olhos e ouvidos atentos são necessários em nossos contatos com ela.

Talvez caminhem esses jovens por caminhos que não vemos, mesmo quando seus deslocamentos se fazem nas ruas que vemos, nas praças nas quais sentamos, conversamos... talvez cantem esses jovens realidades que não conseguimos sequer imaginar, compreender... talvez essas outras realidades, cidades, estejam no limiar de suas experiências e reflitam essa ambigüidade” (Damasceno, 2007, p.237)

Assim, podemos observar movimentos um pouco mais amplos, mas também outros, mais pontuais e/ou processuais como por exemplo os de resistência dos jovens nas favelas e periferias de várias grandes cidades que se juntam através da música e da dança e protestam contra a pobreza, o racismo e a violência.

O movimento que mais tem se tornado visível nos últimos anos é o do Hip Hop que apresenta marcantes características de resistência às práticas sociais vigentes.

Amaral e Heckert (2007) realizaram um estudo onde reuniram vários elementos deste movimento que embora tenha como traço mais conhecido o ritmo e a vocação musical dos jovens, também agrega a poesia, o grafite e a dança.

Chama atenção o fato de existir uma preocupação para que não haja hierarquia entre seus membros assim como a que não se pratique violência entre os diferentes grupos. No primeiro aspecto, não existe o que sabe mais, que canta ou compõe melhor, e sim um estímulo a que cada um construa e transmita sua mensagem pessoal, buscando sempre ser diferente dos que o antecederam.

Seu palco é a rua ou beco de seus próprios bairros e seus temas são de denúncia, políticos, relacionados à pobreza, à indiferença, à sua situação de rejeitados socialmente, à etnia, à educação. Valorizam suas próprias experiências de vida. Ou seja, embora possam existir capturas de suas músicas, desenhos, passos e até mesmo de vários deles, o movimento caminha na contramão das subjetivações hegemônicas de nossos dias.

De outro ponto de vista, tornou-se comprovado pelo último censo do IBGE (2000) aquilo que já era de conhecimento público, o crescimento das comunidades evangélicas no país que, como sabemos, sempre se pautaram por regras de comportamento bastante rigorosas e restritivas.

Acredita-se que tal fato deve-se, entre outras variantes, às inseguranças e incertezas predominantes nos dias atuais, que levam uma parcela importante da população a buscar segurança em algum projeto que de alguma maneira possa nos salvar no futuro.

Este crescimento tem sido possível graças à adaptação de suas crenças e práticas às exigências dos dias atuais e aos próprios novos membros que aí vão se inserindo. Mas, por outro lado, tem havido, também, uma intensa e consciente busca por contingentes juvenis que, com toda a sua energia, são fontes em potencial de busca de novos adeptos.

Jungblut (2007) fez um interessante estudo sobre a relação de uma parcela considerável desta juventude que curiosamente se choca com os padrões e comportamentos das igrejas, que mesmo estando mais *lights* para acompanhar a modernidade, ainda são bastante rígidas em relação aos jovens.

Um dos efeitos dessa política é o crescimento, nos últimos anos, de grupos de música gospel, assim como de inusitadas bandas de “rock gospel” ou mais ainda, de “heavy gospel”. O estudo mostra as contradições que estes jovens vivem ao buscar conciliar um universo totalmente *underground* de sexo livre, álcool, *piercings*, tatuagens e símbolos satânicos com suas crenças, valores religiosos e outras formas de ser dos freqüentadores dos cultos a que se submetem.

Como esta, outras combinações inusitadas aparecem e podem continuar surgindo dos inúmeros processos de resistência vividos particularmente pelos jovens, mas certamente não só por eles.

Em outro estudo, Castro (2008) apresenta dados de duas pesquisas que apontam que a participação de jovens brasileiros em atividades grupais é de apenas 15% e que somente 8,5% dos pesquisados consideram-se politicamente participantes.

Por outro lado, existe uma imensa descrença em relação à política e aos políticos, com argumentos que dão ênfase à corrupção, desorganização e projetos que não geram resultados.

Estes jovens vêem o cenário de desigualdade social no país e os que se dispõem a realizar ações contra ele apontam as ações voluntárias e comunitárias como as formas mais importantes para sua participação no grupo.

A partir de tais dados, que poderiam mostrar uma aparente inércia com relação à política, a autora (Castro, 2008) decidiu realizar uma pesquisa com jovens que atuam em duas diferentes áreas: militantes de organizações estudantis e partidos políticos por um lado e, por outro, com jovens que realizam trabalho social voluntário.

Considerando a privatização da experiência, agravada pela cultura globalizada do consumo, Castro (2008) constata que o que coloca estes jovens em movimento é sua percepção das desigualdades sociais. O seu inconformismo com o mundo injusto os impele à ação de transformá-lo, ainda que por diferentes caminhos.

As duras críticas que dirigem à corrupção do fazer político nas instituições formais levam uns à militância em organizações estudantis (como grêmios, centros acadêmicos e/ou outras mais abrangentes como UBES e UEE) e partidos políticos e outros em movimentos sociais ligados à dança, música, ONG's e trabalho voluntário.

Daqueles que militam em partidos ou organizações estudantis, muitos já haviam participado como voluntários em causas humanitárias e/ou serviços prestados à população pobre. E os que ingressaram em partidos políticos o fizeram por acreditar que isso lhes daria possibilidade de uma intervenção mais direta na sociedade e, independente de sua filiação partidária (PT, PSDB, DEM, PCdoB ou PSOL), todos manifestaram o desejo de participar ativamente de uma transformação social. Entre estes, foram apresentadas confusões políticas, as mesmas históricas acusações e eternas polêmicas entre os diferentes grupos de militância política, mas

também um investimento nas causas coletivas, mesmo que isso traga dor e contradições na vida pessoal.

Dados interessantes também foram obtidos junto àqueles que realizam trabalho social e voluntário, porém, antes de apresentá-los é importante abrirmos um parêntese para dizer algo a respeito deste tipo de trabalho.

3.2. “Dever amar é moral; querer amar é ética”

Ferreira, Amauri (2006, on line)

Embora seja um processo mundial, em nosso país torna-se cada vez mais forte a convocação do capital e do Estado para que cada um de nós, individualmente, sejamos cidadãos “conscientes” e nos integremos em alguma atividade voluntária para ajudar a diminuir a desigualdade social.

Este chamado se utiliza daquilo que já se tornou senso comum, isto é, o fato de todos saberem da incapacidade do Estado em resolver tal situação. Para isso apela-se para os “bons sentimentos” de cada um, mas também revitaliza a velha máxima do “é dando que se recebe”, já que praticar ações voluntárias traz paz interior, sentimento de dever cumprido, responsabilidade com o outro e realização pessoal.

Lobo *et alli.* (2002) mostra que antes do século XIX, o incentivo dado a quem praticasse boas ações era o de que poderia salvar sua alma depois da morte. Hoje, em dias de individualização, transformou-se em um tipo de auto-ajuda para os que se consideram privilegiados nesta sociedade tão desigual, ou seja, a salvação da alma pode dar-se aqui mesmo.

Podemos observar que o que existe de políticas públicas, geralmente se concentra em ações autoritárias, exigindo que os assistidos cumpram com determinadas obrigações estabelecidas nos altos escalões e muitas raiam à humilhação como lembra Rodrigues (2008) sobre os programas de refeições, medicamentos e dormitórios a R\$ 1,00 no Rio de Janeiro.

Porém, como forma de eximir-se de suas obrigações, o Estado - assim como setores importantes do empresariado - coloca-se como parceiro dos bem-intencionados voluntários ao invés de desenvolver e implementar políticas públicas que seriam obrigações suas no sistema capitalista. Porém, pior que isso, é que deste modo tenta diminuir a resistência daqueles que não se conformam com as injustiças. É mais um exercício de poder sobre nossas vidas.

Mas, como já foi visto, as forças estão sempre em conflito e se existe poder também há uma resistência que é primeira e isso vem se revelando também no trabalho voluntário.

O percurso daqueles que aderiram ao trabalho social e comunitário na pesquisa de Castro (2008), em muitos casos estava relacionado com suas próprias histórias pessoais de pobreza, relações com drogas e outras. A possibilidade de mudança de vida e da visão das desigualdades sociais os motivaram a realizar o trabalho para que outros pudessem mudar também.

Muitos deles disseram reconhecer que isso é uma obrigação do governo, mas que, se este não o faz, eles não podem se calar e dizer que o problema não existe. Todos os entrevistados se colocaram na posição de trabalhar na transformação de outros que tiveram destruídas suas condições sociais e econômicas “em um movimento subjetivo de retribuir o que ganharam e em um processo de objetivar uma “reparação” da dívida social brasileira” (Castro, 2008, p.263). Sendo que alguns percebem um sentido político neste trabalho por permitir uma emancipação e outros recusam este sentido para poder afastar políticos ou partidos vistos como corruptos ou manipuladores e assim se negam a ter vinculação partidária.

Embora possamos fazer muitas críticas em função da utilização que vem sendo dada a este tipo de trabalho, apelando para o caráter moral e caritativo das atividades; o que me parece interessante nos dados obtidos com esta pesquisa é que, embora sejam minoritários na sociedade atual, estes jovens estão buscando outros sentidos em sua relação com o mundo procurando uma ação coletiva, o que vai na contra-mão do individualismo.

Por outro lado, assumem responsabilidades por problemas coletivos, sem deixar de criticar aqueles que “legalmente” deveriam estar cumprindo suas obrigações. Há os que encaram seu trabalho como parte de uma luta emancipatória

que, de alguma forma permitirá mais liberdade àqueles que, nas condições em que se encontram, nem sequer são capazes de pensar nisso. E ainda adiam momentos de satisfação pessoal, vencendo a apatia e o conformismo de outros jovens e até daqueles que um dia lutaram por transformações sociais e hoje estão sentados “no trono de um apartamento, com a boca escancarada e cheia de dentes... esperando a morte chegar...”¹⁹

Sendo assim, podemos perguntar: não seria possível a existência de outros modos de ser solidário com o outro, fora do atual modelo de filantropia? E nas organizações que praticam tais métodos, não se pode cooperar com este outro, atuando de modo transgressor, questionando e denunciando a dependência e a tutela lá mesmo, onde ela ocorre?

Acreditamos que sim. É possível construir coletivamente outras alternativas pois, sejam tsunames ou marolinhas, as resistências estão por toda parte. Cabe a cada um de nós, buscar resistir, deslocar o que está tido como sagrado, profanar, como diz Agamben (2007), restituir ao uso coletivo aquilo que nos foi subtraído, não para restaurá-lo da mesma forma de antes, mas sim tirar deles as possibilidades de uso que puderam ser capturadas, abrindo-os a outras possibilidades.

*“Posso continuar a fazer o que aprendi esse ano ... questionar sempre!
 Se o mundo está em paz ... eu quero a guerra!
 Se a vida diz sim ... eu digo não!
 Se as pessoas amam ... eu odeio!
 Se todo mundo é lindo ... eu não me importo em ser feia!
 Se alguém for o primeiro ... eu serei a última!
 Afinal, não existem verdades absolutas!”*

(Diana, Diário de Campo 1, 21/11/07)

¹⁹ Canção “**Ouro de Tolo**” de Raul Seixas (1992).

IV- JOVENS POBRES E O ENCONTRO COM OUTROS MODOS DE VER O MUNDO

Não é Séri²⁰

Vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério

Sempre quis falar, nunca tive chance
Tudo que eu queria estava fora do meu alcance
Sim, já, já faz um tempo mas eu gosto de lembrar
Cada um é cada um, cada lugar um lugar
Eu sei como é difícil, eu sei como é difícil acreditar
mas essa porra um dia vai mudar
se não mudar prá onde vou?
não cansado de tentar de novo
passa a bola, joga o jogo

Vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
Vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério
Não é sério

Polícia diz que eu já causei muito distúrbio
Repórter quer saber por que eu me drogo, o que eu uso
Eu também sentia dor
Por isso fiz a rima
Agora tô por conta, pode crer que eu tô no clima
Eu tô no clima, eu tô no clima, eu tô no clima, segue a rima

Evolução na sua mente, você pode, você faz
Quem sabe menos é quem sabe mais

...

Charlie Brown Jr. & Negra Li

²⁰ Música do CD Acústico-MTV Charlie Brown Jr., Gravadora EMI Brasil (2003). Foi cantada espontaneamente pelos jovens durante uma das atividades e depois registrada por eles mesmos no Diário de Campo.

Nos dias atuais são muitos os trabalhos sobre juventude porém, os que se referem à juventude pobre além de terem seu número reduzido, em sua maioria são estatísticos, um tanto recentes, e tratam principalmente de questões relacionadas à marginalidade, tráfico de entorpecentes, abrigos, situações de conflito com a lei e outros neste sentido.

A visão predominante é a que apresenta estes jovens como problemas sociais, seja como praticantes de ações criminosas seja como vítimas da situação socioeconômica do país e do mundo.

Esta visão termina por sustentar as poucas políticas públicas ou ações desenvolvidas pela iniciativa privada cujo principal objetivo é fazer com que ocupem o tempo ocioso afastando-os das tentações do crime.

Há projetos específicos destinados a questões como gravidez na adolescência, prevenção de DST's, diminuição da exploração sexual e outros ligados ao reforço escolar, aulas de informática, esportes, dança e música, mas com atividades que têm por objetivo fundamentalmente tirá-los da rua.

Poucos são os programas que se dispõem a ouvi-los em suas necessidades e interesses, e quase inexistentes são os que os colocam como protagonistas nas escolhas das atividades e na direção dos projetos.

Assim, tais ações, ao considerarem estes jovens como problema social e não como sujeitos, terminam propondo programas pouco relevantes à resolução de seus reais problemas, a incentivar a espera na caridade dos voluntários bem-intencionados e a não permitir que sejam eles a administrar as ações e projetos que podem torná-los produtores do coletivo e do novo.

Contudo, é importante marcar que deixar de vê-los como problemas sociais também nos incita, muitas vezes, a cobrar deles e da juventude em geral, a responsabilidade pela resolução das mazelas deixadas por outras gerações, eximindo-nos, enquanto coletivo, da parte que nos cabe.

Levando em consideração que a maioria da população jovem brasileira não está dentro do perfil, das chamadas 'classes perigosas' e do contato facilitado pela intervenção no Programa Oficina do Saber, busca-se neste trabalho, conhecer e ouvir os "outros" jovens, isto é, os que são pobres, mas não são nem querem ser "criminosos" ou "violentos" como a mídia os apresenta, nem tampouco aquelas

caricaturas de *office boys* que, num golpe de sorte transformam-se em diretores de grandes multinacionais.

Buscamos, no esforço conjunto para a feitura desta dissertação, pensar em que partes ou momentos de nossa existência podem ser vislumbradas aquelas forças e traços de vida que o biopoder insiste em anular ou arrancar de nós.

E aqueles meninos e meninas, embora inseridos no modo de pensar dominante que os faz, muitas vezes, ter formas de ver e atitudes que jogam contra si mesmos, estiveram empenhados em pelo menos tentar afirmar um pouco daquilo que lhes é singular e trazer novas questões sobre outros modos de ver a vida.

*“Temos que decidir se queremos continuar sendo como nossos avós,
pais, irmãos, vizinhos, etc. ou se queremos ser diferentes.
Optar por seguir sendo como todos dá uma história com final pré-definido.
A decisão por ser diferente leva a pressões e a ter que ser muito bom para resistir.
O diferente na escola fica isolado (exemplo, uma pessoa usa óculos e fica tachada de nerd).
E depois de isolado tem que falar sozinho. Na minha classe tinha um aluno que conversava
com o dalmata desenhado na parede”*

(Hélios, Diário de Campo 1, 05/10/07)

O Programa Oficina do Saber é um trabalho de extensão universitária muito interessante do ponto de vista da relação da universidade, seus professores e alunos com a população pobre. Porém, por outro lado, muitas vezes, cai na visão puramente assistencialista incentivada pelo sistema, o que gera confusões entre os próprios profissionais que ali atuam e, ao mesmo tempo nem sempre colabora com a necessária visão crítica dos jovens em relação às políticas públicas.

Mas, ainda assim, como vimos anteriormente, são inúmeras as formas de resistência, e a cada ano, surgem novas possibilidades, discussões e ações que terminam por escapar das cristalizações.

*Para mim, o mais importante este ano foi aprender a criticar,...
...e encontrar gente que me ouve.*

(Vênus, Diário de Campo 1, 05/10/07)

“Eu pintei uma menina com cabelos crescidos e “sem leucemia”.

Eu mesma no futuro.

*O sonho não tem representação específica,
está no alto e ultrapassa a folha porque não tem fim”²¹*

(Gaia, Diário de Campo 1, 12/12/07)



Os jovens que constituíram o grupo a que nos referimos – que variaram entre 15 e 20 durante o período em que estivemos juntos – fazem parte do perfil geral de alunos do Programa, ou seja, renda familiar total de até três salários mínimos, moradores de favelas ou bairros pobres e oriundos de escolas públicas.

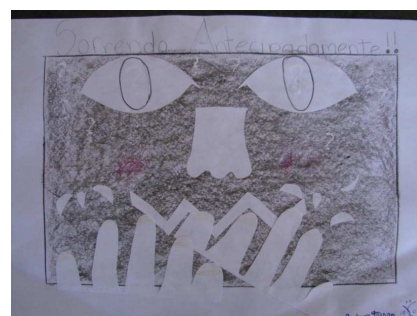
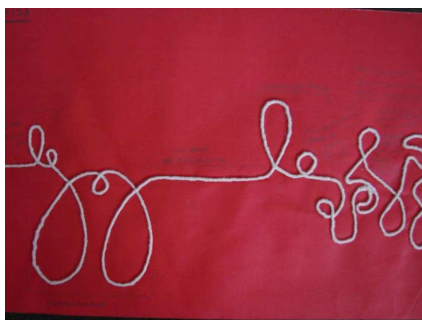
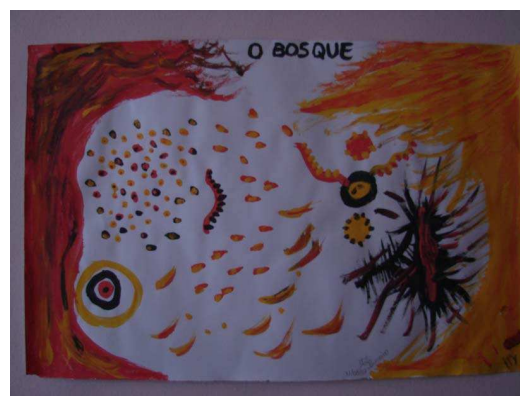
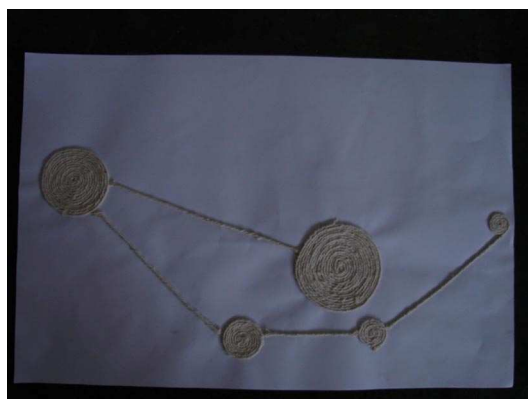
Os componentes do grupo, assim como a maioria dos que lá ingressam, chegam apresentando como sua grande meta de auto-realização, ter uma profissão que lhes permita comprar uma casa para si e a família que constituírem, um carro que permita um pouco de conforto em suas idas e vindas, um amor com quem compartilhar bons momentos, tanto entre si como em festas e atividades inter-familiares e com amigos. Também relatam o sonho de comprar uma casa para a família de origem, embora normalmente apenas a mãe seja citada.

Ao serem alunos de um pré-vestibular, o peso maior sempre se dá nas colocações relacionadas a uma profissão e não a um emprego qualquer que possa garantir a sobrevivência ou a sonhos de ser jogador de futebol profissional, policial ou oficial bombeiro como apontam várias pesquisas com jovens em condições sociais similares.

²¹ A expressão “sem leucemia” está relacionada ao fato de ser uma garota extremamente magra.

Muitas são as dificuldades apontadas em suas vidas:

1. Falta de dinheiro – questão que se desdobra em problemas de alimentação, locomoção, moradia precária, dívidas e outras;
2. Problemas familiares – ou seja, questões como brigas, ausência do pai, mãe sempre estressada, casos de espancamentos e alcoolismo, abuso sexual, falta de incentivo aos seus projetos (pais que não dão importância à escola e precisam do salário do jovem para melhorar a sobrevivência familiar) ou excesso de cobrança (deles mesmos ou dos pais que só conseguem vislumbrar a alternativa da universidade para eles);
3. Preconceito e discriminação – na busca de emprego, em *shoppings*, bancos, e até mesmo por jovens de seus próprios locais de moradia, que não entendem o porquê de estarem tentando obter vaga na universidade, já que isso não é para gente como eles e, que, portanto, não vão conseguir.



IMAGENS DA VIDA²²

²² Trabalhos realizados com diferentes materiais em momentos nos quais passavam por dificuldades

Uma das grandes contradições que apresentam quando chegam é a distância entre a percepção de sua vida presente – cheia das adversidades que têm dificuldade de contornar em seu cotidiano – e os grandes sonhos que aparecem deslocados desta realidade. Chegam acreditando que o fato de terem conseguido uma vaga em um Pré-universitário já é a garantia de estar na faculdade no ano seguinte e de um futuro promissor pela frente.

Nas primeiras semanas, nem sequer pensam na dificuldade que será conseguir o dinheiro da condução durante o ano inteiro para que possam continuar indo às aulas – dinheiro que é dado por alguém da família, que muitas vezes perde o posto de trabalho logo em seguida, ou pelo próprio emprego que possuem, geralmente informal e com risco permanente de demissão. Tampouco pensam nas dificuldades que terão que enfrentar para entrar, cursar a universidade e depois, ainda ter que continuar batalhando para conseguir trabalhar.

O momento em que começam a “cair na real” não é vivido sem crise. Muitos não agüentam as pressões e privações e sucumbem. Outros não desistem, mas observa-se que aumenta a sua fragilização e se, quando chegam, acreditam que podem tudo – depois de haver conseguido a vaga no Oficina do Saber –, passam a se questionar o tempo todo sobre suas reais capacidades de aprender aquelas coisas “difíceis”, muitas das quais nunca haviam visto em suas escolas, e que serão exigidas nas provas do vestibular.

Com relação ao grupo citado, a situação não foi muito diferente. Embora tenham começado o ano muito felizes por terem conseguido aquela vaga em um pré-vestibular respeitado e muito requisitado o que, de alguma forma, os fazia sentirem-se mais próximos de obter uma vitória em seus objetivos, foram muitas as dificuldades que surgiram ao longo do ano. Muitos sofreram pressões para parar de estudar e sair em busca de um emprego, outros ficavam deprimidos por não serem respeitados em seus momentos de estudo em casa, apesar de já terem realizado as tarefas domésticas pelas quais eram responsáveis. Houve dois casos de espancamento por parte de familiares e outro bastante grave, que não tenho autorização para citar aqui.

No início do trabalho, muita ênfase era dada à crença e ao discurso de que sua força de vontade e o esforço para estudar são a única garantia de vencer os obstáculos que enfrentam. E isto geralmente é reforçado por muitos dos professores que lá atuam. Porém, com o passar dos meses começaram a se referir à importância do apoio familiar e de amigos, a criticar a falta de ações governamentais ou a ineficácia delas e, posteriormente à necessidade de autonomia e de projetos mais coletivos.

*“Meu monstro não tem ouvidos nem olhos.
Porque não ouve nem vê.
Tem alfinetes na razão.
Vou substituí-lo por um pássaro com ovos,
Pássaros podem dar cria...
... é liberdade”*

(Flora, Diário de Campo 1, 26/10/07)²³



ALGUNS DOS DIVERSOS MONSTROS CONSTRUÍDOS

²³ Trabalho feito com argila em dia cuja proposta foi confeccionar um monstro, colocar nele tudo o que incomodasse e depois destruí-lo para construir algo novo em seu lugar.

Embora sejam múltiplas as dimensões que nos constituem, estão sendo abordadas aqui, apenas algumas daquelas que estiveram presentes nas falas dos jovens, foco deste trabalho, e que abriram perspectivas para a concretização do objetivo que nós, enquanto grupo, nos demos no momento em que discutimos o tema da dissertação.

“Ser jovem é:

apostar sempre no amanhã
 sempre se mostrar valente, mesmo temendo,
 viver cada dia como se fosse o último
 passar horas sem fazer nada e achar que foi ótimo só pela companhia do amigo
 dar valor às coisas mais insignificantes do mundo.
 É sempre estar perdido
 é achar que nunca envelhecerá
 é na solidão, esperar o príncipe encantado em um cavalo branco.
 Nunca estar saciado
 ter sempre “razão”
 É ouvir música alta
 querer tudo prá ontem
 É fazer tempestade em copo d’água.
 É questionar sempre Deus”

(Atena, Hermes e Luna, Diário de Campo 1, 19/10/07)

O texto acima foi composto por três jovens, em uma tarde chuvosa na qual foi solicitado que, utilizando a linguagem artística que quisessem, individualmente ou em grupo, criassem algo em que pudessem mostrar sua visão do que é ser jovem. No momento em que conversávamos sobre os trabalhos realizados, os três disseram que seu poema falava por si mesmo e que, portanto, não seriam necessárias explicações.

Somente duas pessoas resolveram trabalhar sozinhas.

Uma garota fez uma pintura cujo título era “*Ser jovem é ser eu*” (Téia, Diário de Campo 1, 19/10/07). Disse que seu trabalho era como uma propaganda das “Casas Bahia” porque falava de muitas coisas ao mesmo tempo, mas que o principal

era mostrar que é preciso ter “*malícia*” para sobreviver neste mundo, porque é necessário se jogar num mar cheio de perigos e onde existem tubarões. E que, mesmo as pessoas que te amam oferecem modelos de vida (representados por nuvens) e o jovem tem que tomar decisões difíceis. Ela gostaria de poder seguir o seu próprio caminho, representado pelo sol, pois queria brilhar do seu próprio jeito.

Nesta intervenção é possível observar como importantes contingentes destes jovens, embora queiram muito poder criar seus próprios modos de ser, acabam tendo medo do que podem encontrar pela frente – já que as perspectivas para eles são quase inexistentes – e, em meio às inseguranças, suas subjetividades acabam sendo marcadas pelo individualismo reinante e procuram formas “*maliciosas*” de sobrevivência que podem levá-los tanto para o caminho da competição desenfreada como para outros que possam colocar em risco sua própria existência física.

Os “ensinamentos” da cultura global sobre os modos de ser atravessam as subjetividades juvenis com lançamentos musicais, marcas de tênis e roupas, programas de TV, revistas específicas e, cada vez mais pela internet, instrumento pelo qual as informações recebidas são trocadas à ‘velocidade da luz’. Esta juventude constitui o alvo preferencial da propaganda que massifica, de maneiras não muito sutis, as diferentes formas de ser jovem.

O incentivo ao consumo, ao desejo incessante do novo e ao descartável atinge proporções inusitadas para esta faixa etária. Até ‘Che’ Guevara, quem diria, virou objeto de consumo ao lado de celulares e palavras que possuem múltiplos significados, mas que são tornados populares com apenas um deles, como por exemplo, ‘diversidade’, liberdade’ e ‘coletivo’.

Diversidade é ter muitos objetos e “estilos de ser” à disposição, mas sempre os que beneficiam o mercado e que criam a ilusão da diferença. *Liberdade* é a crença de que as escolhas feitas são individuais e podem ser ilimitadas enquanto o que se faz é apenas consumir as criações do mercado e reproduzir modos de existir.

A propaganda atinge a todos, porém, como os jovens pobres não podem consumir as mesmas marcas e nem com a mesma avidez, as marcas que

consomem são falsificadas, os CD's e vídeos são piratas e as revistas são outras, ou seja, são "coisas" como a Ti-Ti-Ti e não a Revista MTV²⁴.

Fazer algo pelo coletivo também é incentivado pelo mercado e pela propaganda basicamente de duas formas diferentes. Uma delas, a que já nos referimos anteriormente, é o trabalho voluntário, que atinge as camadas com menor poder aquisitivo e a outra, é a educação do consumidor para que possa reclamar melhor sobre produtos com defeito, já que esta, além de ser uma forma de 'defender' os seus direitos, é uma maneira de ajudar "aos que virão depois de nós".²⁵

No mesmo dia das discussões sobre 'Ser Jovem', outro rapaz fez um trabalho que ocupava duas folhas de cartolina que continham uma pintura espelhada, embora com cores diferentes, onde podiam ser vistas muitas manchas e linhas curvas²⁶. A explicação que deu para o trabalho foi que é muito difícil representar o que é "ser jovem" porque ser jovem é ser muita coisa; que existem confusões e busca de vários caminhos diferentes, que nunca serão linhas retas, mas tortuosas, por isso as linhas curvas que havia desenhado.



Nos dias atuais existe uma série de imagens sobre a juventude, que vêm sendo construídas historicamente, mas que, de maneira geral a apresenta em uma condição de transitoriedade. Estes jovens já não seriam crianças, mas também não adultos e isto lhes confere certo grau de negatividade. Isto é, por um lado há algo

²⁴ Ambas são revistas dirigidas à juventude sendo que a primeira é mais barata e baseada em fofocas sobre artistas e a outra é dirigida a jovens das classes média e alta, com informações sobre o mundo da música, notícias e novidades tecnológicas em geral.

²⁵ Alusão ao famoso poema do poeta e dramaturgo alemão Bertolt Brecht

²⁶ A foto acima se refere ao trabalho citado.

que não serve mais e, por outro há um futuro que um dia chegará – que se mostra totalmente incerto, particularmente com a globalização – transformando o presente em algo que deve ser apenas de preparação para o que virá, ao invés da afirmação de outros modos de existência.

Muitas das discussões que tivemos no grupo se dirigiam para esta visão, particularmente porque as dificuldades vividas ao longo de suas vidas os empurravam para o esquecimento de si mesmos enquanto seres de desejo, chegando ao ponto de um deles afirmar que

“somos obrigados a nos tornar adultos aos seis anos ou - quando há uma família que permite -, em apenas um ano, quando chegamos aos dezoito” (Perseu, Diário de Campo 1, 05/10/07).

Com isto procurava explicar que desde muito jovens têm que assumir a responsabilidade pela casa e pelos irmãos mais novos para que os pais possam trabalhar ou então, quando chegam a uma determinada idade são obrigados a buscar trabalho para ajudar no sustento da família, não restando tempo para muitas outras possibilidades de vida..

Um dos “tímidos” do grupo desenhou uma igreja com uma fila de pessoas cabisbaixas dirigindo-se até ela e depois nos explicou:

“As pessoas vão para lugares e situações sem saber porque estão indo, simplesmente seguem o que alguém diz. Como é bom perceber que podemos pegar outros caminhos”

(Hermes, Diário de Campo 1, 19/11/07)

Apesar de todas as inovações nas diferentes áreas, apesar de todo o avanço tecnológico, ainda temos muita incapacidade para compreender a complexa trama de relações de forças que se manifestam e compõem nossas vidas. Muitos de nossos jovens, totalmente envolvidos pelo mundo do consumo de mercadorias e formas de vida, acabam sendo alvos fáceis da política das paixões tristes²⁷ do neoliberalismo, tendo visões equivocadas de si mesmos e da vida, tornando-se

²⁷ Termo utilizado por Spinoza para se referir ao que leva à redução da capacidade de agir e da força de preservação do indivíduo. Este tema será melhor abordado mais à frente, nesta mesma seção.

impotentes para questionar-se sobre seus desejos e para buscar seus próprios caminhos como mostrou Hermes com seu desenho, embora sua fala mostre a percepção da possibilidade de pegar outros caminhos.

*“O tempo é uma incógnita da vida.
Uma variação, uma passagem, uma onda do mar que toca as areias da praia
para que possamos sentir a maravilha que é saber viver”²⁸*

Porém, existem outros, que permitem inquietar-se, buscar ver a vida com olhos mais críticos e enfrentar a angústia das desestabilizações.

Estes, quando realizam bons encontros, conseguem ultrapassar o muro do individualismo e da competição, construindo novas relações de cooperação, observadas muitas vezes, por vários de nós, profissionais do Oficina do Saber.

Uma das coisas que nos perguntamos sempre é: ‘Como é possível que aqueles jovens que vêm de uma escola pública de má qualidade, sem nem mesmo conhecer questões básicas da educação formal, consigam apreender, em poucos meses de estudos, o suficiente para disputar com uma maioria de alunos de colégios privados, alcançando uma vaga na universidade pública?’²⁹

A única explicação que posso arriscar é que as relações de convivência que se estabelecem naquele local ao longo do ano, e que envolvem – não sem tensões – confiança, amizade e cooperação, entre eles e com a equipe de profissionais – permitem que se sintam mais incentivados a pesquisar e aprender, a partir do ambiente de cortesia, das trocas, das dúvidas que conseguem expressar com menos insegurança, dos grupos de estudo que se formam, e de várias outras coisas que se tornaram raras nos dias atuais.

Talvez uma boa ilustração disto, seja o texto conjunto, construído após uma dinâmica de grupo, já no final do ano letivo:

²⁸ Construção anônima, parte de um poema coletivo criado a partir da discussão sobre folhas de uma árvore que já se encontravam vermelhas e caindo quando ainda estávamos em plena primavera.

²⁹ Os índices de aprovação alcançados por alunos do Oficina do Saber giram em torno de 31%, número considerado bastante alto em se tratando de alunos oriundos de escolas públicas, que possuem renda familiar abaixo de 3 salários mínimos, que moram em bairros pobres e que efetivamente tornaram-se estudantes de universidades públicas e não apenas foram aprovados na 1ª fase do vestibular conforme as estatísticas apresentadas pelos cursos pré-vestibulares particulares que, ainda somam em suas estatísticas, várias vezes o mesmo aluno que foi aprovado na 1ª fase de universidades diferentes.

“O caminho se faz ao caminhar”

Vimos gente desistir e sair,
 teve gente que perdeu o emprego
 teve gente que não quis um emprego para poder estudar;
 houve discussões, até brigas;
 mas teve gente que descobriu o amor.
 Conhecemos pessoas insuportáveis,
 pessoas que falam demais,
 pessoas malucas,
 pessoas diferentes,
 pessoas sem explicação;
 também aprendemos a ter mais paciência,
 a ser mais tolerantes,
 a não ter medo do desconhecido.
 O bicho-papão diminuiu de tamanho.
 Fizemos novas experiências,
 fizemos novas amizades,
 descobrimos novas oportunidades.
 Podem ser muitos os caminhos,
 são diferentes as formas de ver cada um,
 obstáculos estarão sempre presentes.
 Mas o que valeu mesmo foi aprender...
 ... que o caminho se faz ao caminhar.

AUTORIA COLETIVA³⁰

Deste modo, tão claro e simples, estes jovens nos mostraram estar colocando em prática, mesmo sem conhecer, a sensível proposta de aumento de nossa capacidade de agir feita por Abreu e Coimbra (2008) quando nos disseram que precisamos afirmar

“os pequenos gestos cotidianos de cuidado e delicadeza com a beleza singular de tudo que existe e insiste em pulsar... porque... no cuidado e nos gestos aprendemos que só há vibração nos encontros e que a vibração é um modo diferente de perceber a vida que enfatiza a potência e não os poderes” (Abreu e Coimbra, 2008, p. 74)

³⁰ Dinâmica realizada em 07/11/2007

*“Aqui no Oficina do Saber tenho aprendido que
somos únicos, ... mas entre aspas”
(Hélios, Diário de Campo 1, 05/10/07)*

Nesta intervenção, o jovem Hélios nos explicou que aquilo que vinha observando e aprendendo como algo novo em sua vida é que cada um de nós tem suas próprias particularidades e por isso somos diferentes e únicos, mas que, ao mesmo tempo, só existimos como parte de um todo, que é injusto porque traz desigualdades, mas não há como dizer que não participa de nossas vidas.

Este modo de pensar a vida vai de encontro com a Biologia do Conhecer de Maturana e Varela (2003) no sentido de que nós somos produtores e, ao mesmo tempo somos produzidos pelo mundo do qual fazemos parte.

Estes autores nos mostram que nosso organismo não distingue ilusões de percepções antes de confrontar um evento com outra experiência. Assim, não existe um mundo em si mesmo, objetivo e externo a um observador, porque ele não tem como fazer a diferença entre o que é intrínseco ao meio e aquilo que experiencia.

Portanto, a percepção não é uma captação de informações. Nosso cérebro não recebe passivamente as informações externas a nós, não é um espelho do que existe em uma “coisa” chamada “natureza”. Somos um organismo vivo, parte de uma natureza³¹ viva e cheia de outros seres vivos.

Nosso complexo organismo interage com o meio, que também está em constante transformação, e sofre modificações em seu sistema nervoso. E, ao se modificar, também modifica este meio a partir das novas relações estabelecidas. Deste modo, vamos vivendo novas experiências e construindo novas relações com o mundo, ao mesmo tempo em que vamos sendo construídos por ele. Ou seja, somos sempre influenciados e modificados pelo que vamos vendo e sentindo, ao mesmo tempo em que as pegadas, rastros, idéias e coisas que deixamos vão modificando o mundo a nossa volta.

Nossas condutas não são respostas, mas parte de uma construção compartilhada de mundo. Somos autônomos e produtores ao mesmo tempo em que dependemos de nossas relações com o meio e os demais seres.

³¹ Termo aqui usado em seu aspecto biológico.

Sáimos modificados de cada experiência e na interação seguinte já estamos realizando outras transformações neste meio. É um processo circular. Nossas percepções vão sendo diferentes porque são relacionadas com as experiências que tivemos anteriormente e assim os objetos e situações vão tendo outras configurações devido às nossas condutas. Se houver similaridades e/ou confirmações entre experiências pode-se dizer que há uma percepção e não uma ilusão. Quando as mudanças são mais instáveis podemos estar só sonhando, pensando ou devaneando.

As coordenações de nossas condutas com os outros seres humanos com os quais coexistimos são organizadas pela linguagem, através do mapeamento que o nosso sistema nervoso vai realizando para manter o nosso modo de vida. Desta forma somos seres de linguagem antes de sermos seres de consciência, já que fazemos nossas experiências em nossas conversas, que vão transformando as distinções que fazemos em nosso ato cognitivo básico.

Assim, o ato de pensar não nasce do reconhecimento de algo, mas de um estranhamento do mundo. Não pensamos quando queremos e sim quando somos forçados a isso. Mas de que forma?

Rocha (2007) nos explica que quando encontramos algo diferente, isto é, quando “estranhamos” uma coisa que vemos, sentimos o efeito disso e fazemos um esforço para encontrar um sentido para ela. Deste modo,

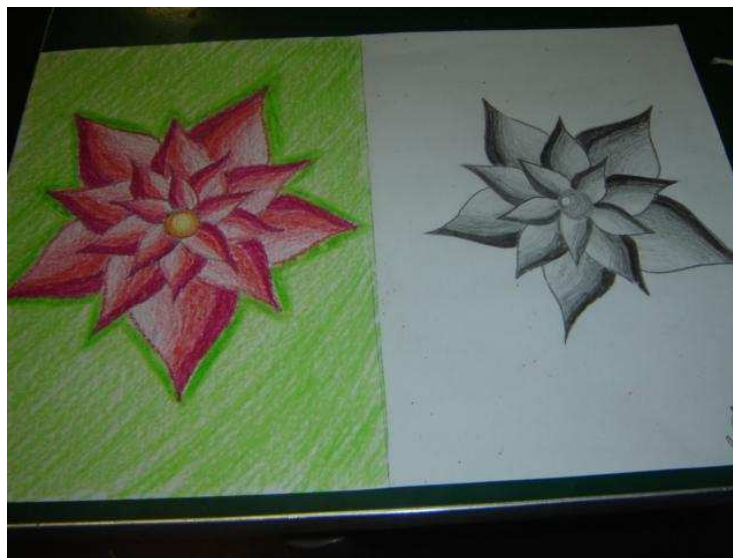
“antes de um objeto ser concebido, imaginado ou reconhecido, ele é somente sentido. O ato de pensar pressupõe um encontro, um impacto afetivo. Assim, o afeto não se acrescenta ao pensamento como um colorido, mas cria as condições para que o ato de pensar ocorra” (Rocha, 2007, p. 248)

Embora há muito a emoção venha sendo objeto de estudo, esta forma de vê-la como primordial é uma reviravolta naquilo que vem sendo estabelecido pela ciência, principalmente a partir da teoria cartesiana. Porque, se nossa inteligência trabalha separada de nossas emoções, nosso pensamento transforma-se em deduções e generalizações mecânicas, hipotéticas e descontextualizadas, um mero computador. E nosso mundo fica cada vez mais empobrecido.

Deste modo, nossas experiências unem emoção e conhecimento em um mesmo plano, o que pode explicar, por exemplo, porque sorrimos quando um bebê nos olha com curiosidade, porque sabemos que alguém está chateado conosco apenas pelo seu olhar, nossa indignação frente ao espancamento de uma criança ou nossa alegria quando alguém que amamos supera um obstáculo.

“Estou me transformando em uma flor colorida”

(Diana, Diário de Campo 1, 12/11/07)³²



Existe uma pré-disposição afetiva que se desdobra em emoções e cognições que se entrelaçam e nos impulsionam a agir. Portanto tristezas e alegrias se constroem em nós nos estranhamentos que o outro nos causa, no envolvimento que vamos tendo com a vida.

Mas, se ao contrário de Diana, as disposições afetivas que vamos formando nestes encontros forem de ressentimento, por exemplo, nossas cognições também terão este colorido e podemos tender a ser como a hiena do desenho animado “...Oh

³² Neste dia os jovens escolheram o material a ser usado e o tema “SONHAR” para trabalhar. Diana, uma garota com um histórico de vida bastante difícil, pintou 2 flores, uma preta e uma bastante colorida, explicando que aquilo era para mostrar a sua transformação.

céus! ... Oh vida! ... Oh azar!...” e ir construindo nosso mundo desta forma, porque estamos atentos apenas a estes sinais.³³

Aqui torna-se importante destacar que não podemos nos esquecer que esta discussão deve ser entendida historicamente pois se não há uma essência em nossos sentimentos ou nos objetos que existem no mundo, são as experiências e práticas humanas que os produzem. Assim, nossas inseguranças, medos, formas de interpretar o mundo e de agirmos nele, indiferença frente ao outro e tantas outras coisas a que vimos nos referindo ao longo deste trabalho, sempre estarão relacionadas ao tipo de sociedade e momento histórico que vivemos. Por isso toda a discussão apresentada anteriormente sobre o capitalismo contemporâneo.

Porém, o que parece importante na visão apontada por Rocha (2007) é que se nossas emoções possuem uma potência criadora e não são apenas o resultado de algo externo ou interno, existe uma carga de indeterminação em nossos encontros que irão nos perturbar e provocar impasses que permitirão deslocamentos. Se forem apenas emoções superficiais poderão simplesmente agitar nossa sensibilidade, mas se forem fortes e estremecedoras poderão provocar transformações.

Assim, podemos concordar com Guattari e Rolnik (2005) quando dizem que os processos de subjetivação não são centrados em agentes individuais nem em agentes grupais, ou seja, nem no funcionamento de instâncias intra-psíquicas nem em moldes sociais. Essas subjetivações são fabricadas por e nas práticas sociais realizadas no cotidiano, em um permanente processo de produção de sentidos que podem apenas reproduzir modelos existentes como papéis sociais e valores estabelecidos ou produzir novas práticas, criar novos atos para cada situação vivida, desconstruir valores e permitir o surgimento de outras intensidades³⁴ e fluxos, reinventando a própria existência.

A reprodução de modelos e valores aprisiona os fluxos de vida mantendo subordinados o desejo e a criação de novas experiências que permitem a invenção

³³ "Lippy & Hardy", desenho de Hanna-Barbera, criado em 1962 que fez muito sucesso em todo o mundo nos anos 1970 e 1980.

³⁴ Intensidades vistas como forças que nascem do fluxo vital do indivíduo, que possuem um grau de potência que é singular a cada um, constituindo, portanto, diferenças.

de uma vida mais ética, mais livre de entulhos, mais abertas a outras sensibilidades (Deleuze & Guattari, 1977).

O esforço por mudar nossos caminhos mostra que passado, presente e futuro coexistem em cada uma de nossas experiências já que os afetos vividos retornam nestas experimentações do presente e participam da criação de outros horizontes.

Assim, vamos descobrindo que **somos muitos de nós mesmos** e que podemos ser muitos outros mais, porque, somos como o mundo que, como diz Nietzsche (1978) eternamente se cria, se destrói e se recria pelas diferentes forças que existem por toda parte.



SARRACENIA³⁵

³⁵ Planta carnívora que se multiplica por caules que crescem na horizontal (rizomas), de onde nascem lindas flores coloridas e folhas que são armadilhas para prender insetos que a alimentam.

Foto obtida no site www.karnivoras.com

*“Quando percebemos que há pessoas que realmente se importam com a gente, vamos percebendo que nós também nos importamos com os outros e isso é o que dá segurança prá vida. Prá mim há uma vida antes do Oficina do Saber e uma vida depois do Oficina do Saber, ou seja, **a.O e d.O.**”*
(Hélios, Diário de Campo 1, 03/12/07)

Agora nossas trocas estão se ampliando devido aos encontros que cada um está fazendo por aí na vida. Não dá prá falar sobre isso na dissertação?
(Hélios, Diário de Campo 1, em 06/12/08)³⁶

Ao longo de nossa existência podemos sofrer inúmeras transformações. De acordo com Spinoza (1979) não existem “Bem” e “Mal” e nenhum de nós é simplesmente bom ou mau. Para ele, o que existe em nossas vidas são os bons e os maus encontros.

Segundo o autor isso ocorre porque somos singulares – isto é, seres cuja única essência é o desejo de preservação e de afirmação da existência do corpo (Spinoza, 1979, livro III), aquilo que nos move a fazer as coisas - e, ao mesmo tempo, estamos constantemente sendo afetados por outros seres singulares, exteriores a nós, o que ocorre através dos encontros que vamos tendo pela vida .

Quando nos encontramos com uma pessoa, com uma idéia ou com uma situação, sofremos afecções, isto é, passamos a ter idéias que afirmam ou reduzem, aumentam ou diminuem a força de existir e a capacidade de agir de nosso corpo.

“O encontro que tivemos aqui abriu nossas cabeças e nos permitiu ver outras possibilidades. Foi um bom encontro”
(Luna, 06/12/08)³⁷

³⁶ Na reunião para discutir o texto que foi apresentado à Banca de Qualificação em 2008 e a continuidade desta dissertação.

³⁷ Na citada reunião em que foi discutida a continuidade da dissertação.

São considerados “*bons encontros*” aqueles que nos trazem alegria que é “a paixão pela qual a nossa alma passa a uma perfeição maior” (Spinoza, 1997, p.184), o que significa que a nossa potência fica aumentada e nos fortalecemos. Os “*maus encontros*” são os que geram tristeza, “a paixão pela qual a alma passa a uma perfeição menor”, que vão diminuir nossa potência e nos enfraquecer.



PINTURAS DE JUNO E JASÃO SIMBOLIZANDO ALEGRIAS POSSÍVEIS

Spinoza ainda nos explica que somos ativos, ou seja, agimos, quando algo produz em nós uma afecção que pode ser compreendida e, que somos passivos, no sentido de sofrermos uma ação, quando algo produz em nós uma afecção que não compreendemos, uma paixão. Como estamos sempre sujeitos a um grande número de paixões, seremos mais ativos quanto mais elas forem adequadas à nossa potência ou aos nossos desejos e mais passivos quanto mais contrários a eles elas forem.

Se é o desejo que faz com que nos esforcemos por nossa auto-preservação, aquele que nasce da alegria sempre será mais forte do que o que nasce da tristeza, já que é a alegria quem faz aumentar a nossa potência.

Porém, podemos ser afetados de diferentes maneiras pelo outro porque nós somos variáveis em nossas paixões e em diferentes momentos e, este outro também, o que faz com que seja necessário o uso da razão para compreendermos o

que nos traz alegria ou tristeza e poder buscar o aumento de nossa potência de ação e repelir a tristeza que mina nossas forças.

Aqui é necessária uma pausa para explicitar que a razão para Spinoza é a idéia que permite que possamos reconhecer os desejos que nos são próprios (e não exteriores) e que originam nossas ações, ou seja, paixões e razão não são opostas e sim coisas que nos fazem mais ativos ou reativos. É a razão que nos permite comparar uma potência externa com a nossa para podermos buscar o que é útil ou prejudicial para a conservação do nosso ser.

E, o que é útil para nós é viver de acordo com o que nos faz bem, mas sem causar danos ao outro já que vínculos e relacionamentos são necessários para a nossa sobrevivência e crescimento.

Portanto, aquilo que fazemos movidos apenas pelas paixões pode ser bom ou ruim, e isto requer permanente atenção para aceitar o outro em sua diferença e não causar-lhe danos, o que estaria fora das leis de nossa razão e de nossa natureza.

*Quando cheguei (à UFRJ) fui batizado como Dexter³⁸ por causa dos óculos (no trote dado aos calouros). Tivemos que calçar o sapato de outra pessoa para visitar os laboratórios e outros lugares.
Fomos ver a imensa fábrica da Petrobrás e a favela que fica do outro lado.
Aí me disseram, não importa de onde você veio, queremos que veja que aqui somos todos diferentes, o sapato de um não serve no outro, mas é preciso que nos respeitemos para também sermos iguais”
(Hélio, 06/12/08)*

São muitas as cenas que podem vir à nossa mente com esta fala.

Hélio estava realizando novos encontros - com a universidade que tanto sonhou, com os que passariam a constituir novas relações em sua vida, um desvio em sua existência que o transformava em Dexter. Por outro lado, estava calçando sapatos desconfortáveis a seus pés, enquanto os seus estavam causando desconforto em outros pés, embora todos caminhassem, entre intrigados e curiosos, rumo a coisas com as quais já haviam imaginado e outras que poderiam trazer incertezas e desestabilizações.

³⁸ Personagem de um “menino-gênio” em desenho animado.

Cenas que foram fortes para Dexter, mas que também nos tiram do conforto de muitos de nossos momentos cotidianos. Que lindo exemplo nos deram esses jovens do curso de Biologia da UFRJ, “o sapato de um não serve no outro”, mas se nos colocarmos no lugar dele podemos passar a entendê-lo e respeitá-lo. Ao mesmo tempo, todos os ‘diferentes’ juntos puderam ver a grande desigualdade entre a favela e as moderníssimas instalações, em um momento em que lhes foi feito um convite para pensar na necessidade de fazer algo pela ampliação de seu poder de ação frente a isso.

Se estamos inseridos no mundo e vivendo em relações, em encontros, de nada adianta conhecer nossos afetos se não os vivemos nestas relações reais e cotidianas, se não damos um sentido às nossas ações. Isto nos remete à importância da constituição de uma ética política no relacionamento entre os homens.

Esta ética política pode se originar da compreensão dos nossos próprios afetos pessoais, com a afirmação de nossas singularidades e em torno da generosidade, da cooperação, da prática criativa e de objetivos que possam ampliar a vida e o poder de ação dos grupos em que participamos.

Ao fazer isso, temos a possibilidade de conhecer caminhos bastante diversos daqueles que estamos trilhando nos dias atuais.

V - AMIZADE COMO MODO POSSÍVEL DE RESISTÊNCIA E TRANSGRESSÃO

*À Joice,
Um encontro tão bom que,
mesmo depois de três décadas
continua provocando deslocamentos em minha vida.*

Mas me foi perguntado, por quê falar sobre amizade?

Em primeiro lugar porque no trabalho com os jovens do Programa Oficina do Saber, ao longo dos anos e particularmente neste referido grupo, este tem sido um tema abordado sempre com ênfase, o que me fez repensar e atualizar outro contexto vivido, assim como minha maneira de ver o assunto.

Com base em uma experiência extremamente gratificante com início na adolescência e que se mantém nos dias atuais, minhas impressões sobre a amizade foram se fortalecendo ao longo da vida.

A amiga Joice, com seu modo particular de ver o mundo, e com sua forma carinhosa de buscar mostrá-lo, me transportava para outros tempos e lugares. Me abria portas. Levava-me a caminhar por trilhas outras. Alguns anos depois, quando seguimos caminhos diferentes e a distância física se impôs eu travava diálogos imaginários com ela para dar vazão às discussões sobre minhas novas experiências e descobertas. Com esta relação aprendi a questionar valores e a buscar outros modos de ver a vida. Até hoje, em nossos contatos – que infelizmente agora são muito mais virtuais que presenciais – me descubro, me questiono, me transformo.

Aqueles jovens, em vários momentos contaram histórias e relataram as novas relações que estavam estabelecendo, geralmente com um misto de alegria e perplexidade, e isto sempre me fazia voltar àquele fértil período de minha própria vida. Então, por que não falar sobre isso, já que considero, assim como escreveu

Nietzsche (2005 b), que nenhum aspecto da existência pode ser desconsiderado porque nada nesta vida é supérfluo?

Não estará em questão a amizade romantizada, apenas serão apresentados alguns elementos de como este tipo de relação teve um papel importante em diferentes momentos da história como, por exemplo, na criação do movimento modernista no Brasil, fato praticamente inexistente em nossa literatura e naquilo que nos é transmitido na escola.

O que se buscará mostrar é que embora a amizade, assim como outros tipos de relação, seja uma construção histórica, ela pode abrir possibilidades de ser um fator de criação do diferente e, nos dias atuais, pode ser uma forma transgressora de resistir ao individualismo e competição capitalistas.





DIFERENTES MOMENTOS EM SEUS RELACIONAMENTOS



“TRIO TERNURA”³⁹

“Honestidade é o desejo que leva o homem

³⁹ Nome substantivado por elas ao relacionamento que construíram.

*que vive sob a razão
a unir-se a outros por amizade”*

(Spinoza, 1997, p. 248)

Falar sobre a existência do homem é falar de algo que está em constante transformação. Isto porque, como já vimos, existe em nós uma potência que pode nos permitir, sempre, vir a ser outras coisas.

Porém, poder vir a ser outras coisas não é garantia de aumento desta potência já que nos referimos anteriormente aos maus encontros que geram em nós paixões tristes e passividade, com conseqüentes sentimentos e ações que podem nos ser prejudiciais e diminuir nossa força de existir.

Deste modo, subjetividades e formas de sociabilidade vão se construindo e revelando-se de distintos modos, podendo, em diferentes momentos históricos, acompanhar os grandes processos massivos e tomar uma forma homogênea ou assumir características mais regionais ou locais. Nestes processos de subjetivação, em que somos atravessados por diferentes forças, as resistências aos poderes que se instauram sobre a vida estão presentes de modo imanente, o que nos permite questionar a moral e as práticas dominantes assim como inaugurar outras possibilidades de existir. Sendo assim, um modo ético de existir, tal qual abordado anteriormente, assume um papel fundamental em nosso viver.

O total predomínio da razão sobre a vida buscou excluir as nossas emoções e sensibilidades das nossas ações, problemas e experiências concretas levando-as ao patamar de questões abstratas, sem vínculos com nossas escolhas e nossas práticas.

Hoje está se tornando moda dizermos que somos seres singulares – o próprio capitalismo tenta nos capturar, incentivando-nos com o sentido que dá à singularidade, que é o de *individualismo* (“ter estilo”, “dar seu toque pessoal”, “ser original” e outros).

Mas, ser singular é, como diz Lévinas (2008), o reconhecimento de que o outro é absolutamente outro, ou seja, é diferente, também é singular e não um espelho daquilo que sou; um outro eu. Em realidade é o que questiona o absolutismo do eu. É o outro que nos causa estranheza e aguça nossas

sensibilidades, gerando as paixões alegres ou tristes nos encontros que vamos fazendo pela vida como apontou Spinoza (1997).

A racionalidade do mercado englobou a política vista como discurso e ação compartilhados em um espaço comum e a transformou em um instrumento para alcançar um objetivo determinado. E é isso que vem sendo espalhado como liberdade na contemporaneidade. Liberdade de escolha e consumo de mercadorias e modos de existência pré-fabricados; liberdade de decidir quem serão nossos governantes segundo normas e leis que não garantem que façam aquilo que se propuseram; liberdade de fazer reclamações ou de gritar sem ter ouvidos que nos ouçam; liberdade de reproduzir os sutis e os não tão sutis discursos transmitidos pela mídia e tantas outras “liberdades”.

Porém, para Arendt (2007) a liberdade só existe no domínio da política, isto é, quando abandonamos o âmbito da satisfação de nossas necessidades imediatas, do meio mais adequado para a preservação biológica da espécie e passamos a vê-la como ação conjunta com o outro com o qual nos relacionamos, com o outro que é singular mas também igual porque fala, age e constitui a nossa dita “humanidade”.

Portanto, liberdade não depende do indivíduo isolado, mas também do outro e do conjunto, da pluralidade de seres que somos. Por isso mesmo, crer que ser livre é resistir sem uma dimensão pública que possa ver e reconhecer essa resistência leva a uma prática ineficaz.

Por outro lado, Foucault (2002) nos propõe o cuidado de si como uma das formas fundamentais de resistência. Embora possa parecer paradoxal, sua proposta coloca que o cuidado de si e o cuidado do outro são inseparáveis já que nos constituímos em relação com este outro e não apenas encerrados em nós mesmos.

Este cuidado de si é apresentado como um processo que parte da necessidade de algumas questões fundamentais. Uma delas é a de ter atitude, isto é, um modo de estar no mundo no qual se pensa em como estabelecer relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo em geral. Além disso, é necessário um modo atento de olhar para si mesmo, observando e questionando nossas idéias e modos de agir, para finalmente buscar ações que possam levar à própria transformação, já que assim torna-se possível ter liberdade para fugir da servidão a

si mesmo, de ser escravo dos apetites que levam ao apego, arrogância e ao poder com relação ao outro.

Estas práticas permitem autonomia, modos de libertar-se dos poderes que buscam dominar a vida, maneiras de cuidado com o outro, formas de buscar transformações sociais e políticas.

Outro pensador que nos leva a pensar em relações diferentes e livres é Spinoza (1997) que nos ensinou que nossa existência é um problema ético e não moral. Assim, só nos tornamos livres quando nos tornamos éticos, isto é quando produzimos encontros alegres nos quais fortalecemos nossa potência de agir e passamos a conhecer, isto é, a conquistar o nosso próprio conhecimento. Os valores, engendrados pela nossa imaginação, quando regem a nossa vontade, trazem as paixões tristes (rancor, ressentimento e outros) e nos envenenam.

Somos mais livres, não se podemos resistir ou superar limites e obstáculos, mas quanto mais conhecermos o funcionamento de nosso bem estar e o das coisas que existem.

Deste modo, podemos passar a pensar a amizade como uma relação ética, vinda de uma paixão alegre, de um bom encontro que fortalece nossa potência de ação e nos torna mais livres.

É possível vê-la a partir de diferentes pontos de vista ao longo da história e, também, a partir de outras dimensões, mas o que estamos tentando defender aqui é que, nos dias atuais, podemos vê-la como um modo possível de resistir e transgredir a moral vigente e ao biopoder que enfraquecem nossa capacidade de agir.

5.1. Amizade e história: diferentes momentos, diferentes formas

*“Se você quiser 1 ano de prosperidade, cultive grãos.
Se você quiser 10 anos de prosperidade, cultive árvores.
Se você quiser 100 anos de prosperidade, cultive amigos.”*

Confúcio, filósofo e político chinês.

O significado e as práticas da amizade, assim como de outros tipos de relações humanas são produzidos historicamente.

Embora não tendo encontrado estudos específicos sobre essa relação na China Antiga, em uma atitude um tanto atrevida e superficial, poderia dizer que naquela parte do mundo, o ser coletivo tinha maior importância que o ser individual.

No clássico *Tao-te King*, Lao Tzu (1978) que criticou as condições políticas e sociais de sua época, poetiza que “o (homem) sábio não tem coração próprio; ele faz seu o coração das pessoas” (p.88), porque para ele a vida é algo espontâneo que toma uma aparência individual mas não é individualmente limitada. “Ter” a vida é se relacionar sem desconfiança e com segurança, sem egoísmos, já que a vida vive no indivíduo e também no outro. Assim, existe uma motivação para a bondade devido à fidelidade a essa vida. No aforismo XX (p.56) há, inclusive, uma queixa por conta da solidão individualista em meio a um mundo que poderia ser completamente alegre.

Para Lao Tzu não existe nada que seja bom em todos os tempos e lugares, por isso seus aforismos mostram que a moral não é absoluta e sim condicionada; é ela quem ameaça as pessoas, se desenvolvendo com força nos períodos de ‘decadência social’ já que ela precisa do seu oposto para brilhar, isto é, quando o comportamento bom e natural entre os homens deixa de ser lógico, perdendo a inocência e a simplicidade nas relações o que os afasta da natureza, tornando-os, portanto, hipócritas.

Confúcio (2005), partindo da tradição anterior e dos ensinamentos de Lao Tzu, também se direcionou às condições sociais e políticas de sua época (571 a 479 a.C), porém, como foi mais um legislador do que um filósofo, sua doutrina teve forte influência em toda a Ásia Oriental. Pregou a necessidade de um governo que assegurasse o bem-estar dos súditos e suas idéias baseavam-se em valores que afirmava já estarem perdidos como altruísmo, cortesia, sabedoria moral, integridade, fidelidade e justiça com retidão e honradez.

Para isso, buscava a utilização da razão (“conceitos”) para discorrer sobre a problemática das relações na organização social. Afirmou, já no início dos *Analectos*, que a grande dor da vida é não ser compreendido e, introduziu a questão

dos desejos como possibilidade de medida para tratar o outro, secundarizando o “ser bom” em si para lançar a idéia de reciprocidade nas relações.

Referiu-se a cinco tipos de relações. Em quatro delas existiria hierarquia (relação homem-mulher, pai-filho, irmão maior-irmão menor e imperador-súdito), porém, haveria uma única onde a relação seria entre iguais, a da amizade, que se basearia na possibilidade de compreender e ser compreendido.

Já com relação ao Ocidente, embora vários autores falem sobre as relações de amizade, Ortega (2002) buscou aprofundar o seu estudo a partir dos últimos escritos de Foucault. Assim, além de nos apresentar importantes elementos para análise, os quais serão abordados mais à frente, este autor fez um longo estudo sobre a amizade através da história, aqui apresentado apenas brevemente e com a simples finalidade de nos situarmos no atual momento do neo-liberalismo.

Na Grécia Antiga, em tempos homéricos, embora existissem relações mais institucionalizadas e ritualizadas, não havia uma definição clara sobre amizade, coexistindo noções de “hospitalidade” como possível forma de segurança aos estrangeiros e viajantes com “camaradagem” entre homens da mesma camada social.

No período clássico a cultura da *polis* amplia o espaço e a mobilidade social do indivíduo permitindo a criação de novos vínculos sociais, embora tenham se mantido formas ritualizadas e institucionais com normas e obrigações para as relações, inclusive as de amizade.

Platão apresenta a amizade como uma forma de busca do conhecimento. Suas reflexões sobre o amor o levam a apresentar aspectos emocionais como paixão e ternura relacionadas às relações entre homens já que na *polis* as mulheres ficavam afastadas da vida pública e condicionadas ao espaço doméstico. Naquelas relações eróticas era possível haver preferências e escolhas baseadas em uma afeição recíproca, assim como a possibilidade de valorização de atitudes como bravura nas batalhas, honra, façanhas nos esportes, educação dos jovens e inspiração filosófica recíproca para a busca conjunta da verdade. Nessas relações seria possível, ou melhor, deveria haver amizade.

Mais tarde, Aristóteles buscou descrevê-la de acordo com diferentes tipos assim como em seus vínculos sociais e políticos. Para isso, dissociou o amor (que

era uma paixão e, portanto, distrairia e perturbaria a harmonia da alma) de uma disposição natural do caráter, um hábito, uma atitude moral, que seria a amizade. Esta, seria um afeto temperado pela razão e que, desta forma, poderia ser analisado e classificado. E, ele o fazia com base em três elementos: virtude, agradabilidade e interesse (ou utilidade), sendo apenas o primeiro, o responsável pela forma perfeita da amizade.

Aristóteles cria, assim, uma nova doutrina, baseada na virtude, em que a identidade de um, ou a consciência de si, se dá através do outro e, a amizade é o espaço onde essa virtude pode ser expressa a partir da percepção do amigo e, conseqüentemente de si mesmo. Dessa forma, Aristóteles expande as relações de amizade para quase todas as relações humanas, criando, inclusive, uma perspectiva de vida política comunal e de justiça com base nisso.

Na Roma Antiga, ao mesmo tempo em que a amizade tinha como base uma afeição livre – e, portanto, excluía associações econômicas, religiosas e de parentesco – considerava-se como tal as relações políticas entre nobres. Esse foi um dos motivos (ao lado do desinvestimento erótico-emocional na homossexualidade e da valorização do matrimônio) pelos quais a amizade não teve o mesmo grau de envolvimento social, diminuindo sua importância em relação à Grécia. Ao mesmo tempo, houve um aumento do caráter utilitário da mesma, isto é, tornou-se uma espécie de relação onde há um caminho para se atingir a glória, o que pede obrigações e reciprocidade.

O primeiro discurso específico conhecido sobre amizade é encontrado em Cícero (2001) onde já existe uma grande distância entre reflexão teórica e prática social, com ênfase no acordo e no consenso devido à necessidade de instâncias pacificadoras nas relações com os nobres. Para Cícero a amizade possui limites e estes estão relacionados aos deveres para com a sociedade e o Estado Romano pois, os homens honrados e virtuosos são os que são leis a ele.

Porém, é no cristianismo, com a incitação às leis de obediência, que o amor passa a ser hierarquicamente superior à amizade. E, o amor a que este se refere é o amor à Deus como dever incondicional, afastando a afetividade individual como elemento importante das relações. Os vínculos são relegados a segundo plano pois o “amor ao próximo” os levam para o plano espiritual gerando um aumento da passividade social. Amizade passa a significar um amor universal a Deus e a um

próximo virtual, não mais a um próximo concreto, de carne e osso. Esse próximo virtual, o único que pode ser amigo verdadeiro, é o irmão também cristão, “fraterno” em Cristo. Os demais estarão sob suspeita e não deverão ser amados por si mesmos, somente por amor à Deus.

Depois de altos e baixos trazidos pelas concepções das diferentes ordens religiosas, a partir do século XI a amizade volta a ser ponto importante da reflexão monástica. As cidades começam a surgir como centros de desenvolvimento cultural e, com o declínio das relações de vassalagem, desloca-se o lugar do exercício da amizade. No século XII a palavra amigo começa a ser usada em outros contextos, como sinônimo de parente e, mais tarde, com o acréscimo de uma acepção afetiva. Os vínculos sociais vão se alterando e o amor cortês e cavalheiresco surge como predominante nas relações interpessoais. A mulher e a família têm a prioridade sobre a amizade. Surge uma grande intolerância e hostilidade à homossexualidade, é criada a Inquisição com todas as conseqüências que conhecemos.

No século XVI Montaigne separa definitivamente o vínculo entre amizade e política e passa a reforçar o discurso do amigo como sendo a figura do irmão já sugerida desde Platão. Ela volta a ser colocada acima do amor (devido à concepção de que na família não existe livre escolha e no matrimônio há obrigações e a imposição de uma duração indeterminada) e passa a ter o significado de plenitude afetiva com localização no espaço privado. Mas, por outro lado, segue a concepção de Aristóteles e Cícero, do amigo como figura ideal, enquanto um outro eu. Para ele, esse outro age como um espelho que reflete a própria imagem.

Pensando a partir do capitalismo, uma das características importantes da modernidade é a desvalorização do espaço público, a privatização da vida e a politização do biológico.

Mais recentemente, em uma obra já clássica, Sennett (1988) mostra como o advento do capitalismo industrial e a mudança nas formas urbanas de coexistência alteraram a fronteira entre a vida pública e uma vida privada, esvaziando a primeira e privatizando a segunda. Para o autor, “público” se refere tanto ao que trata do bem comum como da atividade política e das relações sociais.

No século XVII, com o crescimento das cidades a partir da migração de pessoas que buscavam novas oportunidades de vida foram se formando grandes

conglomerados de pessoas estranhas entre si, que não se conheciam. Isso trouxe a necessidade de um novo tipo de relação, de uma nova sociabilidade, a partir dos encontros que se davam no cotidiano – os produzidos pelo acaso mas, principalmente, aqueles necessários para a comercialização de produtos que aumentava a cada dia.

Tais fatos passam a gerar contradições, pois havia famílias que enriqueciam, investiam mal e faliam, assim como a multidão de pessoas desenraizadas que ameaçavam a ordem nas cidades ao mesmo tempo em que ocorriam as novas oportunidades. O mundo público tornava-se cada vez menos estável. Nasce a concepção de espaço público com esfera de sociabilidade que se opõe ao espaço privado da família.

Assim, o capitalismo transformou as relações comerciais e econômicas entre as pessoas, mas também foi responsável por uma privatização na vida, no sentido que as pessoas passaram a medir seu comportamento em público e quando em contato com estranhos (setores mais abastados tinham que se mostrar cada vez mais sofisticados, isto é, educados e de boas maneiras), passando a representar papéis diferentes de acordo com o ambiente. Civilidade e distância.

A expressão direta deveria se dar apenas no âmbito privado, isto é, da família, lugar onde o homem poderia realizar o que era considerado como sendo sua natureza e esta precisava ser secreta. Dessa forma, a vida íntima passa a ser vista como moralmente melhor e a pública como um lugar onde é necessário se proteger dos estranhos.

Só que essa crença na necessidade do segredo enquanto se interage foi se estendendo a todas as relações levando à retração face ao sentimento para que o mesmo não fosse mostrado a outros e que a segurança fosse mantida. Porém, quanto mais aumenta o recuo frente à expressão, mais existe a pressão do outro lado para saber o que se pensa ou o que se quer, o que acaba valorizando demasiadamente a intimidade.

Um fator importante que contribuiu para a consolidação dos elementos que levaram ao enfraquecimento do domínio público como espaço de interação foi a alteração na relação dos homens com as coisas do mundo trazida pelo Iluminismo pois, se antes um fato ou evento poderia ser colocado em um esquema geral, a

partir daí ele passa a ser compreendido e parece real em si mesmo e por si mesmo. Se antes a crença era um ato real em si mesmo, uma categoria social, agora passa a ser um produto social. A crença nos deuses foi substituída pela crença na ciência, que define em quê se pode crer, desmistificando os deuses e mistificando a condição humana. Assim, no século XVIII, o importante era a obediência a regras de conduta, com certo distanciamento do outro, seja entre grupos, homens e mulheres ou crianças e adultos. Em outras palavras, convivência sem invasão.

Mas, com a mistificação da condição humana há um aumento na decomposição da sociabilidade e a criação de uma “personalidade” que é quem explica as diferenças de sentimentos, percepções e comportamentos e dão a base à existência assim como o pensar sobre o sentido implícito da vida.

A partir daí, explica Sennett (1988) a “personalidade” entra na vida pública, isto é, no domínio público, criando uma sociedade intimista, isto é, onde a valorização é dada à “noção de intimidade e a preocupação com a preservação do eu como algo precioso que a vida competitiva e turbulenta das grandes cidades ameaça desintegrar” (Rago, 1993, p.16) As pessoas passam a ter que mostrar traços dessa sua personalidade quando estão com o outro ou em grupo como se tais traços fossem formas reais e fixas. Os intercâmbios sociais passaram a ser vistos como demonstrações dessa personalidade o que levava as pessoas a infundáveis buscas de pistas sobre como os outros eram realmente. Então, uma pessoa passa a conhecer *verdadeiramente* a outra somente quando a compreende mais concretamente, mais intimamente.

Ouvir o que o outro diz é se concentrar em saber quem ele é, o que por sua vez se relaciona com mostrar o seu lado “autêntico” em público. Assim, as relações sociais vão sendo esvaziadas de conteúdo e os códigos de credibilidade vão se perdendo em função dos pontos de referência comuns.

Por outro lado, a vida social passa a ser pensada em termos de “estados de personalidade” e símbolos pessoais, que como não eram fáceis de serem lidos, possibilitaram a formação de um “senso de personalidade comum” em público, mantido por atos de fantasia e projeção, o que tem uma relação direta com a perda do interesse de agir para o avanço dos interesses coletivos, isto é, da ação compartilhada.

A clara demarcação entre espaço público e privado desaparece e surge uma confusão entre ambas as esferas. No domínio íntimo e afetivo há sinceridade e honestidade, no público há impessoalidade e dissimulação para exercer a cidadania. Assim, há uma busca de intimidade e psicologização das relações e um esvaziamento do espaço público que passa a ser procurado com objetivos privados, ou seja, a busca de relações como forma de obtenção de crescimento individual.

Porém, o preço disso é bastante alto, pois o aumento da decomposição das formas de sociabilidade ocorre ao mesmo tempo em que se dá a tiranização da vida íntima e, quanto mais íntimas as relações menos sociáveis elas são. Desta forma, a família burguesa adquire força, estende-se e passa a ter, cada vez mais, o papel de resguardar o capitalismo e proteger seus membros dos males da sociedade.

Assim, surge a concepção de que amizade só pode se dar no seio das relações que se pautam a partir do modelo familiar, onde existe proteção, e a dimensão pública desaparece. Cada vez mais se percebe as relações de amizade distantes do que é público e pertencentes à esfera íntima.

Foucault (1984) foi mais longe nesta discussão. Apontou que a amizade se tornou uma relação social importante nos séculos posteriores à Antiguidade por tratar-se de uma relação onde os indivíduos dispunham de uma forma relativa de liberdade de escolha, que possibilitava a vivência de relações afetivas mais intensas além de ter implicações sociais e econômicas como dar e receber auxílios e ajuda.

Segundo o autor, este tipo de amizade foi desaparecendo a partir do século XVI já que as novas instituições desenvolvidas como universidades, escolas administrações, exércitos e outras não poderiam funcionar diante da intensidade daquelas relações e passa a haver um esforço por minimizá-las.

A partir do século XVIII a amizade desaparece enquanto relação culturalmente aceita trazendo conseqüências para a questão da homossexualidade masculina que passa a tornar-se um problema médico, jurídico e policial pois ficava difícil a explicação sobre o que poderiam fazer dois homens juntos. Ou seja, as duas questões fariam parte do mesmo processo.

Posteriormente, as transformações econômicas e sociais que ocorreram principalmente a partir da segunda metade do século XX, levaram a que houvesse também alterações na estrutura familiar burguesa, com a desagregação do modelo

tradicional e a configuração de vários outros. Porém, se ela também se “flexibilizou” enquanto estrutura, o mesmo não ocorreu em outros aspectos, pois todos os segmentos sociais e profissionais, principalmente a partir do trabalho da mídia, a colocam como a cura para todos os males da sociedade com o argumento que se a família estiver estruturada tudo se resolve, não há violência, e todos podemos ser felizes.

As técnicas de poder e controle aplicadas pela sociedade disciplinar, nos explica Foucault (1987), esquadriham ainda mais o indivíduo, fazendo-o passar de um espaço fechado a outro – família, escola, fábrica e outros – cada um com suas próprias normas e regras pré-estabelecidas para sua normatização.

Somos seres singulares, temos desejos e nos movemos por eles. Estamos o tempo todo agindo e imersos em relações sociais, assim construímos o mundo e vamos sendo construídos por ele, num incessante movimento de descoberta e criação de potencialidades e outras possibilidades.

Com a sociedade de controle (Deleuze, 1990) e o desenvolvimento de uma lógica social cada vez mais utilitarista, se acentuam os processos desvitalizantes na sociedade, onde os interesses são cada vez mais especulativos, diminuindo compromissos de qualquer outro tipo. O mercado e o consumo impregnaram as instituições sociais assim como nossa vida e nossos pensamentos, alterando nossas memórias culturais, nossas crenças e nossos laços, fazendo-nos passar por uma intensa vivência do incerto, inclusive em nossas relações como o outro.

Assim, se o aumento da intimização da vida e a decomposição do espaço público de interação social tiveram seu início com o capitalismo, nos dias atuais, em tempos de globalização, o que observamos é uma completa sobreposição dos interesses privados sobre a vida pública. O respeito ao público foi trocado pela submissão à publicidade e ao consumo individual.

O importante para os humanos globalizados passa a ser o “próprio” emprego, a “própria” saúde, a “própria” vida, a “própria” tranquilidade. É melhor não ver nem ouvir o que está fora disso. Se no período anterior felicidade significava respeito, amor e compromisso com o outro, hoje o mercado transformou felicidade em sinônimo de consumo de coisas que supostamente podem ser obtidas a qualquer momento. O que é público ou privado está subordinado aos interesses do mercado.

Deste modo, além das questões sociais advindas do atual modelo econômico, essa necessidade de satisfação cada vez mais volátil poderá terminar nos transformando em insatisfeitos crônicos porque nada do que possamos ter em nossas vidas terá algum tipo de valor por muito tempo.

E, quanto mais individualistas nos tornamos, mais ficamos expostos às dores do mundo e suas seqüelas sociais, como por exemplo, a violência.

Se o cristianismo em seus primórdios transformou as relações em “amigos de e em Cristo”, nos dias atuais temos os “amigos voluntários” – abordados anteriormente - como uma forma de institucionalizar relações sociais onde de alguma forma pode-se incluir o afeto, ao mesmo tempo em que o compromisso é limitado e intermediado por organizações, em sua grande maioria já capturadas pelo sistema.

Um lado necessita afeto e ajuda material, ao outro lhe dói ver condições tão aviltantes e, mesmo quando sabe não ser responsabilidade sua, busca ajudar - muitos numa posição a-crítica e baseada apenas na piedade - enquanto um terceiro aplaude, feliz, por ver alguém assumindo para si uma tarefa que seria oficialmente dele.

Nesse caso, a relação não é eletiva, não existe uma escolha livre. Ao mesmo tempo recria a situação de “fraternidade”, mantém a condição social do outro como ser inferior e subalterno. Suprime as singularidades e estigmatiza.

Espero que fique claro que não estou questionando a necessidade de ser responsável com o outro ou os tantos outros que sofrem as mazelas do capitalismo e da globalização. Refiro-me à forma institucionalizada que o neo-liberalismo está dando a essa ajuda, produzindo culpas e responsabilidades individuais e inserindo as pessoas em um processo do qual ele mesmo pode sair de cena e ficar nos bastidores.

São vários os setores sociais chamados de “minorias” e transformados em vítimas, quando em realidade são efeitos dos embates sociais. E, esta vitimização faz com que fiquem vistos como sofredores em potencial, ao mesmo tempo em que isso acaba sendo transformado em sua essência.

Desta forma, existe na atualidade uma grande discussão em setores ditos de esquerda e nos meios acadêmicos de que as políticas compensatórias servem

apenas de base para o discurso moral de que sempre existirão os “sofredores” e “excluídos” e que, hoje, o capitalismo pode dar acesso a outro lugar para uma parcela deles, desde que isso esteja sob controle. Assim, isso poderia, também, abafar as vozes discordantes, deles mesmos e dos que não concordam com tais situações.

O que estamos buscando colocar aqui é que não se trata de piedade cristã, de apenas “ajudar” pessoas em dificuldade porque temos um “bom coração” ou porque “Deus quer assim”. Tampouco estamos entre os que querem fazer algo pelos sofredores ou vitimados porque podem tornar-se uma ameaça ou porque o que queremos é estar em nossas casas seguros e em paz.

Trata-se do fato de que não vivemos sozinhos, o outro sempre nos afeta e, com ele, compartilhamos a mesma Biosfera, da qual somos apenas parte. O outro, que vive nas perversas condições sociais que conhecemos, não pode ser abandonado à sua própria sorte e ser destroçado pelo capitalismo ou qualquer outro tipo de sistema, sem que tomemos algum tipo de atitude porque quem criou tal situação não fomos nós.

Podemos não ser responsáveis individualmente, e a maioria de nós não o é, mas nem por isso temos que dar nosso aval e permissão para que outros o façam. Fazer isso seria compactuar com a banalização do mal no sentido colocado por Arendt⁴⁰. Não nos esqueçamos que nós também produzimos discursos e práticas.

Podemos ser cooptados, capturados? Sim, mas prefiro correr o risco e viver entre ambigüidades do que não fazer nada. As questões de nosso tempo são realmente paradoxais...

Assim, estamos dizendo que não se trata da oposição fazer/não fazer algum tipo de trabalho voluntário e sim de como fazê-lo. Trata-se de estar **com** as pessoas, de forma crítica, questionando a internalização do lugar de vítima como uma das faces do biopoder. Fazendo pactos, vendo o que elas realmente querem para suas vidas e seu bem-estar, a partir de seus próprios questionamentos, porque são seres que podem e devem construir outras formas de existência.

⁴⁰ Quando se refere ao julgamento de um oficial nazista em que o mesmo se defende com o argumento de que apenas seguia ordens, sem se posicionar sobre o que estava ocorrendo.

5.2. Existem possibilidades do fazer conjunto nos dias atuais?



DIFERENTES MOMENTOS NA REALIZAÇÃO DE TRABALHOS CONJUNTOS

A força dos processos de subjetivação hegemônicos é tão grande que em um estudo feito com trabalhadores de cooperativas populares em São Paulo, Gomes e Silva Júnior (2007) constataram que, apesar do cooperativismo ser um ambiente que poderia se configurar como sendo de possível resistência à economia capitalista – já que existe discussão e as decisões são tomadas coletivamente – ainda assim, as pessoas se referem à existência de relações de competição com práticas individualistas, de intrigas, de falta de consideração, de cuidado com o outro e de afastamento social. Por outro lado, continuam existindo a suspeita e a desconfiança generalizadas que são especificidades da era moderna.

Atualmente, só podemos confiar naquilo que está comprovado de alguma forma ou, mais especificamente, naquilo que estiver cientificamente comprovado.

Existe, até, uma busca desenfreada por redefinir cientificamente as nossas subjetividades. A genética mapeia nosso DNA e busca explicações para nossos sentimentos e comportamentos, a psicofarmacologia nos apresenta diariamente novos remédios que combatem a depressão e outros sofrimentos. Segundo um Boletim da Agência FAPESP (2008), pesquisadores estão buscando um medicamento para o “Transtorno do Comprar Compulsivo” (TCC), como se o

consumismo desenfreado se resolvesse apenas com pílulas e não tivesse nenhuma relação com o momento histórico em que vivemos. Porém, nossas subjetividades não são fixas nem imutáveis, assim, buscarão, a genética e a psicofarmacologia, criar formas para que o sujeito se faça responsável por seus atos ou que ele possa se tornar mais atento e tenha sensibilidade e respeito pelos que estão ao seu redor?

Não é objeto deste trabalho entrar na discussão das **necessárias** transformações políticas e econômicas nem da urgência em se repensar as movimentações globais anti-capitalistas; tampouco existe a pretensão de dar respostas a problemas dessa magnitude. O que se pretende é levantar questões, dúvidas e idéias a serem pensadas, particularmente no que diz respeito ao mundo atual e às nossas vidas, já que somos nós quem construímos (ou deixamos que outros construam) essas situações. Dessa forma, repensar os nossos vínculos, insistir na ética, em outro tipo de fazer política, em questões como solidariedade, amizade e respeito é afirmar algum sentido para questões fundamentais na organização política e social da vida.

Como dissemos, neste trabalho partimos da concepção de que não existem fatos que possam ser ditos como exclusivos da vida pública ou da vida privada. Eles têm uma dimensão privada e uma pública em planos horizontais, co-existentes, como por exemplo a questão da família, da educação dos filhos ou da sexualidade. Porém, o problema é que nos dias atuais, o que é público está cada vez mais privatizado.

Também, como já foi dito, estamos de acordo com aqueles que defendem que não existem valores universais com postulados morais *a priori*. Os valores que geralmente vemos como necessários e atemporais são valores da modernidade. Nossas crenças são produtos das ações humanas e algumas imagens do mundo e do humano nos são tão familiares que acabamos considerando-as naturais. Só que esses universais mudam quando mudam as formas de vida. Questões como virtude e autonomia foram introduzidas em nossa linguagem e em nossa prática. Não existem desde sempre.

“É preciso que haja mais atividades em grupo porque esse fazer conjunto aproxima mais as pessoas e ajuda as que têm dificuldade de trabalhar com algum recurso.

Aqui sempre procurei ajudar e me deixar ser ajudado pelos outros porque queria que todos passássemos juntos [prá Universidade] e pudéssemos perpetuar essa amizade” [embora estivessem concorrendo às mesmas vagas]

(Aquiles Diário de Campo 1, 03/12/07)



PAINEL CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE COM O TEMA “TEMPO”

Se o neo-liberalismo produz subjetividades e modos de ser individualistas, torna-se necessário fazer um esforço para fugir à lógica da indiferença e da competição. Nos dias atuais, tendemos a só respeitar o outro se ele possuir algo que nos interessa, seja objeto, posição ou informação. Mesmo nos meios onde teoricamente deveria haver esse respeito, não é essa a realidade. E, desconhecer o outro é desqualificá-lo como alguém capaz de criar e de partilhar suas criações conosco.⁴¹

É preciso abrir espaços e/ou restaurar nossas sensibilidades, permitir implicações mútuas, classificar nossas relações sob outras lógicas, estar abertos às diferenças e reciprocidades.

Podemos e devemos construir histórias de parcerias e coletivos, mesmo que estejamos na contramão dos modelos majoritários. Atos éticos são intencionais.

⁴¹ Que fique claro que não se trata aqui de respeito no sentido do amor cristão e sim no sentido de outro ser que divide conosco um espaço na natureza e que, portanto, tem o mesmo direito que nós de desfrutá-lo e permanecer nele.

E, se atos éticos são intencionais, é possível iluminar nossa existência da forma como nos aponta Arendt (2007): a partir de nossas ações, da nossa capacidade de produzir histórias e nos tornarmos históricos, fugindo do isolamento, do individualismo, criando a possibilidade de realização de interesses comuns, de dar significado à vida a partir da nossa condição de pluralidade e da expressão de nossa singularidade. E o que pode nos ajudar é o exercício de estarmos atentos ao outro, de nos colocarmos em seu lugar antes de desqualificá-lo e afastá-lo.

“... É preciso, a cada instante, passo a passo, confrontar o que se pensa e o que se diz com o que se faz e o que se é”

(Foucault . Ditos e Escritos, vol. III, p.219)

5.3. Amizades e possibilidades

Enquanto disciplinas como a sociologia, geralmente, desqualificam a amizade por considerá-la um assunto privado e a psicologia não se interessa muito pelo tema, Foucault (2001b, 2002) a colocou como possibilidade de invenção de novos modos de vida e existência, com um caráter mais aberto e menos instituído.

Falkembach (2007) apresenta uma instigante experiência disto ao que denomina como criação de uma “forma de vida em movimento” ao relatar a pesquisa feita em um assentamento da Reforma Agrária no Rio Grande do Sul. A autora mostra como trabalhadores rurais sem-terra – excluídos dos processos de acumulação do capital e portadores apenas de ações de súplica a Deus para o fim de seu sofrimento – se transformaram ao movimentarem-se na construção de um coletivo onde houve a criação de outras formas de existência.

A partir do sofrimento, da luta nos acampamentos e da passagem destes para o assentamento, tiveram que conviver com a diversidade, afastar a competitividade

e criar novos tipos de relações, não experimentadas ou conhecidas anteriormente. A necessária convivência e preocupação com o coletivo renovava, dia-a-dia, o contato com o outro, os obrigava a aproveitar as competências individuais e a ajudar-se mutuamente - apesar das tensões e contradições - sem nenhum programa previamente prescrito, o que estimulou a criação, a camaradagem e a amizade. Dessa forma, recusaram e romperam com um passado que era só de sentimentos de exclusão e afirmaram uma forma de vida companheira, plural, ética, com espaço para outros tipos de sociabilidade e amizade.

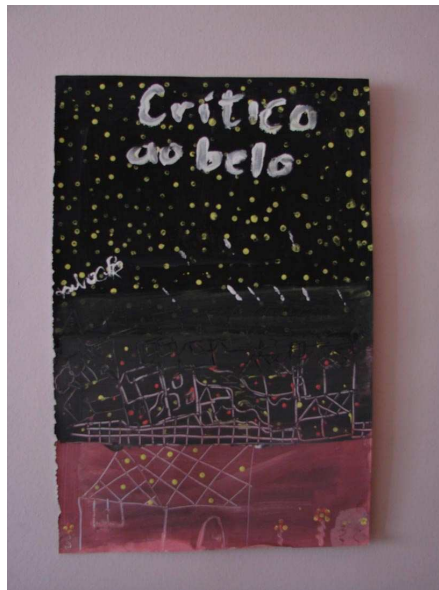
O exemplo acima foi trazido como uma forma de apresentar a amizade como possuidora de uma função sócio-política pois como mostram Foucault (2002) e Ortega (1999) ela pode atravessar a ordem institucional, fugir às convenções sociais e produzir desvios.

Sabemos da força adquirida nos dias atuais pelas igrejas evangélicas entre os segmentos mais pobres de nossa população. Uma experiência interessante que vivi com os jovens do Programa Oficina do Saber foi o caso de uma aluna, que por razões familiares era membro e trabalhava em uma conhecida igreja que, como outras igrejas evangélicas, proíbe qualquer tipo de prazer, discussão ou relações sexuais antes do casamento. Com o aprofundamento de sua relação de amizade com outra aluna, que não freqüentava esse tipo de igreja, passou a questionar sua atividade e em um determinado momento, começou a querer discutir questões relativas à sexualidade, inclusive indo conhecer *sex-shops* e debatendo, em público, pontos relacionados a isso, o que mostra o deslocamento de uma forma de ser anterior para outra muito menos rígida. Hoje não freqüenta mais a igreja e essa relação entre as amigas continua se mantendo.

Na concepção de Arendt (2007) quando se enxerga e se experimenta o mundo através da lente do outro é possível deslocar-se daquilo que é familiar para outro lugar, o que desestabiliza e permite alteração nas ações e pontos de vista. Ao mesmo tempo permite que o outro faça o mesmo a partir de nós.

Assim, essa alternância pode possibilitar rompimento com hábitos e automatismos sociais e novas experiências, inovadoras, mais políticas e coletivas.

5.4. Potência de transgressão



**PINTURA PRODUZIDA POR LUNA A PARTIR DA DINÂMICA
“RELACIONAMENTOS E DIFERENÇAS”**

*“O que posso fazer para melhorar o mundo?
. Não jogar papel no chão
. Respeitar as diferenças
. Criticar e apresentar soluções
. Questionar sempre
. Fazer o que dá prazer”*

(Luna , Diário de Campo 1, 21/11/07)



PERSEU, IMAGENS DA TRANSGRESSÃO⁴²

Porém, embora haja uma política de busca de adaptação, para institucionalizar e regular nossos vínculos, com o intuito de poder seguir controlando, a amizade ainda possui um caráter transgressor frente aos modelos de relações sociais instituídos.

Ortega (1999), baseado em estudos foucaultianos e outros, apresenta várias dimensões para a discussão do tema amizade.

O primeiro que nos interessa apontar é o da intensidade deste tipo de relação. Trata-se de um bom encontro e, enquanto tal, desperta em nós uma paixão alegre que fortalece nossa força de existir enquanto o poder tenta limitá-la. Ao mesmo tempo, é um espaço de possibilidade para experimentações, para imprevistos, para ampliação de nossos afetos e para deslocamentos. O que nos traz transformações e outros modos possíveis de ver, agir e intervir na vida.

Estabelecer relações de amizade com base na livre escolha nos obriga a termos que aprender a nos relacionar com o outro que é diferente, que também é singular. Somos obrigados a respeitá-lo enquanto tal e, ao fazê-lo, estamos entrando no domínio da ética no sentido apontado por Lévinas (2008), de assumirmos a responsabilidade por esse outro, sem indiferença ou interesse de reciprocidade, mas a partir do sensível, daquilo que foi despertado em mim com sua proximidade.

Nossa vida é tão limitada por tudo o que nos é “dado” desde que nascemos, por tudo o que herdamos – da nossa família aos nossos valores – que acabamos por perder a perspectiva de que tipos de questionamentos podemos fazer. Estamos sempre correndo atrás de algum tipo de ideal, um lugar melhor para viver, um relacionamento mais prazeroso, um curso melhor para fazer, um amigo bom e confiante, uma sociedade mais justa... Tudo isso é transcendental e fica muito naturalizado e, mesmo quando buscamos sair do ciclo das naturalizações ficamos, freqüentemente, presos a armadilhas como poeticamente cantou Belchior⁴³.

⁴² A segunda foto foi preparada com os cabelos “emprestados” da amiga Vênus que estava posicionada atrás dele.

⁴³ “Nós ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”. Belchior (2002).

Porém, em uma relação de amizade, muitas vezes temos que contestar as regras sociais vigentes – interiorizadas e vistas como universais e morais – ao invés de ficarmos culpando a nós mesmos, ao outro ou reduzir o mundo ao nosso próprio tamanho.

Nesta relação existe a criação de algo novo, sem códigos ou programas pré-estabelecidos como diz Ortega (1999), é um abrir-se às imprevisibilidades, às experimentações, às tensões, aos desafios, ao que dá prazer, às rupturas. Assim como, aprender ou re-aprender a valorizar o outro. Tornar-se mais ético.

São relações que variam, que nos provocam e nos desafiam continuamente, provocando desigualdades ao invés de verdades. São modos de ação onde há uma diminuição na quantidade de domínio do poder, o que permite a ocupação de espaços abertos com a perda de vínculos e a outras possibilidades de existência.

Passeti (2003) apresenta a amizade, não como um valor universal, um bem ou um ideal, mas como uma relação onde é possível a invenção de existências livres.

Questiona a noção moderna de amizade com suas duas facetas. Uma delas privada – que pressupõe relações igualitárias, com base na intimidade, complementaridade e a busca de uma forma de relacionamento ideal e duradoura. E a outra, pública, relacionada com os laços que unem pessoas, grupos, povos e Estados a partir de negócios e relações amistosas para a preservação da “paz”.

Defende que não existe uma ética da amizade e sim uma ética dos amigos. Para o autor, assim como para Foucault e Ortega, ela está no campo das possibilidades de construção de novas subjetividades e tem um caráter especial frente a outras formas de sociabilidade.

Este caráter especial está dado por diversos elementos: através da amizade é possível expandir a vida, ultrapassando tanto o âmbito privado como o público; não é uma relação fixa e imutável, é um espaço onde pessoas vivem pelas suas diferenças, onde existem tensões, fluxos, choques entre verdades, em um tipo de guerra, sem destruição ou extermínio, onde são permitidos deslocamentos, desvios, subversões, transgressões. É uma relação onde há parcerias (e não hierarquias), onde há experimentações, misturas que possibilitam atravessamentos e possibilidades de criação.

O nosso viver nos faz correr riscos e, lá no meio do caminho, coisas podem produzir desvios, como por exemplo, amigos que atravessam nossas vidas de diferentes formas, tirando aquela estabilidade racional, emocional ou prática.

Às vezes passam como furacões, destruindo imagens e idéias que tínhamos de nós mesmos, do outro ou do mundo e nos obrigam a um processo de reconstrução. Outras vezes nos fazem questionar pontos - privados ou da vida pública -, rever escolhas e assim, deixam marcas. Eles vêm e vão, partem e voltam, mexem e remexem, nos alteram, acabam combatendo nossas estabilidades e nos ajudam a nos produzirmos de outra forma. Isso já mostra a dimensão coletiva da amizade, que nos permite ultrapassar o marco equivocado de uma feitura individual de nós mesmos. Assim tenho visto e vivido várias relações no 'Oficina do Saber'.

Nestas relações onde eu me desestabilizo e desestabilizo o(s) outro(s) tudo pode ser questionado, provocado, discutido, só que de uma forma mais delicada, pois existe uma pré-disposição afetiva. Isso cria um espaço intersticial como diz Ortega (1999), onde podemos reconsiderar tudo, todas as questões que nos atravessam e nos constituem. E abre a possibilidade de reavaliações, não só individualmente, mas da própria relação com o(s) outro(s) e melhor, através da interação com ele(s), fato abominado pelo neo-liberalismo atual onde os vínculos são apenas para consumo imediato.

É possível sustentar uma parceria por longo tempo?

Sim, se houver abertura e disponibilidade para trocas que é o que permite a existência de discussões e confrontos de idéias sem que haja rupturas. Ou seja, neste tipo de relação conseguimos compreender e aceitar a diferença e o diferente, podendo nos capacitar para outras ações no espaço público.

Por isso pode significar uma ameaça à ordem social e a conseqüente reação no sentido de incentivar apenas formas permitidas e institucionalizadas – limitadas ao status social, níveis de instrução e outras – porque com estes limites o controle pode ocorrer com maior facilidade.

Podemos nos perguntar se isso é pouco ou muito.

Um exemplo importante a ser observado é o do modernismo brasileiro quando, através de relações de amizade, foi criado um espaço de indagações

coletivas a partir do qual foram possíveis movimentos também coletivos e transformações. E não apenas entre os que mantiveram aquelas relações.

Velloso (2006) fez um estudo a partir da correspondência entre Mário de Andrade (líder e teórico do movimento modernista) com Prudente de Moraes Netto, um amigo importante e faz referências também ao relacionamento com outros escritores e pensadores do movimento, como Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, seu melhor amigo.

A historiadora relata como Mário de Andrade percebia o alcance coletivo da amizade e buscava voltá-la para o exercício de questionamentos, da sociabilidade e criação de um projeto comum que impulsionou o modernismo naquele momento histórico. Nas cartas, ele compartilha idéias, contradições e riscos, demonstra afetos, enfrenta outras posições, troca xingamentos, marca a necessidade de responsabilidade social e da urgência de se ocupar o espaço público com uma nova concepção artística.

Mário de Andrade trabalha o universo privado das relações de amizade que mantinha, mas o coloca prioritariamente como organizador da vida social, estabelecendo assim, limites à intimidade, pensando e fazendo pensar, buscando, com seus amigos, novos sentidos a questões importantes de sua época. Mais tarde, como sabemos, estes mesmos modernistas se colocaram na posição de oferecer resistência aos defensores da ditadura de Vargas.

Assim, parece realmente possível, em dias de pobreza relacional como os nossos, pensar a amizade como uma possibilidade de novas construções de existência; buscando as próprias e incentivando relações onde possam se dar as “éticas dos amigos”, que permitam levá-los a pensar em pactos e associações que possam se apresentar como alternativas micropolíticas a esta globalização econômica e de relações individualistas e competitivas.



CELEBRANDO OS BONS MOMENTOS DE AMIZADE

VI – APRENDIZAGENS

6.1. *já que sentir é primeiro...*

*“já que sentir é primeiro
quem dá alguma atenção
à sintaxe das coisas
nunca a beijará por inteiro”*

e.e. cummnigs⁴⁴

Aprendemos com Arendt (2007) que o público, isto é, o político, relaciona-se à ação, porém uma ação que rompe com processos automatizados e totalizantes.

⁴⁴ Primeiros versos de Cummings (2007) no poema 9 do livro ‘O tigre de veludo’.

Mas, em nossos dias, política é sinônimo de coisa ruim e competir é parte do cotidiano, seja em aspectos importantes da existência, como ocupar um espaço profissional, seja em questões a que somos induzidos como ter um corpo mais jovem, mais magro ou mais 'sarado'.

Ser individualista, ou seja, ver-nos como alguém que tem que ser melhor e estar acima de todos os outros, sem medir esforços para isso, tornou-se uma norma e um modelo que deve ser seguido. Somos motivados a ser autônomos e capazes de fazer nossas próprias escolhas, mas, cada vez mais, precisamos de algum especialista que nos diga o que é mais adequado em cada situação e momento da vida ou o que pode nos levar ao sucesso. Estes 'experts' vão de profissionais especializados à mídia escrita, falada e televisiva.

São formas diferentes de totalizações e automatizações que agora estão disfarçadas de 'liberdade de escolha' e 'autonomia'. É o encolhimento ainda maior daquilo que é realmente público para a ampliação e publicização da intimidade e da vida privada em algo que é apenas um cenário público.

Podemos saber tudo sobre a intimidade de pessoas importantes e também de desconhecidos, seja pela TV ou pela internet. E também somos incentivados a expor a nossa. Nossos jovens o fazem a cada dia mais. Assim, vamos nos constituindo segundo os modelos que nos são apresentados de acordo com outras conveniências e interesses. Aprendemos como devemos ser e nos comportar através das novelas e programas televisivos. E esta aprendizagem sempre pressupõe soluções privadas e particulares, não coletivas. Intimidade transformada em imagem pública e mercadoria a ser consumida.

E na luta incessante por ser e possuir, sabendo que o que está disponível não existe em quantidade para todos, vamos vendo o outro cada vez menos como "semelhante" e mais como um competidor, um rival que temos que combater, ou, como alguém que se deseja ser.

Estar na companhia do outro ou outros torna-se difícil porque ao nos colocarmos na posição de 'autônomos', nas urgências que a atualidade nos impõe, estamos perdendo coisas importantes que nos capacitam a estar com este outro. Já não vemos, apenas olhamos. Escutamos a superficialidade, não ouvimos. Também tornou-se difícil buscarmos dar outros sentidos à vida.

Mas se podemos estar perdendo estas capacidades, isto não significa não possuí-las mais. Existem possibilidades de inventar outros modos de estar com o outro e em coletividades. Praticar uma real autonomia é buscar modos de ver a nós mesmos, aos outros e ao mundo como passíveis de mudança e não como produtos ou determinações da história, da natureza, das leis divinas ou do mercado capitalista.

A ruptura com estas novas automatizações pode passar tanto pelo nosso imaginário e tempo de maturação de pensamentos como por nossas ações de acolhimento ao outro, ao diferente, em um exercício de generosidade, abertos ao inesperado e ao imprevisível, em uma busca consciente por paixões alegres que nos tornem mais fortes, assim como na construção de coletivos que possam pensar, exigir e praticar outros modos de compromisso, de políticas públicas, de criações e de experimentações.

É necessário um esforço para evitar nossos modos de pensar totalizantes. É preciso questioná-los, assim como nossas práticas.

Política não pode ser definida pelas práticas que culturalmente conhecemos e vivemos hoje com eleições, partidos e outras tantas formas definidas como tal. Política está relacionada a processos que percorrem todo o campo social e não somente as grandes organizações e instituições nacionais e mundiais. Ela está no mesmo plano em que nos situamos no mundo e na vida, nos modos como pensamos e agimos no dia-a-dia.

Todos somos políticos e fazemos política. Ela é intrínseca à nossa existência já que esta não é individual pois tudo o que ocorre no mundo e no coletivo nos perpassa e de diferentes modos traz ressonâncias em nosso viver, sendo que o mesmo ocorre com este coletivo a partir de nossas relações e de nosso agir.

Não existem formas totalizantes e universalizadas que dêem conta das questões da vida embora a criação de parcerias e coletivos podem nos permitir problematizá-las e buscar alternativas para sua autonomia.

Com relação aos jovens com os quais trabalhamos, por exemplo, mesmo não os vendo como potenciais criminosos, várias vezes caímos na armadilha de deixar de perceber que, se chegam com suas experiências de vida atravessadas pelas relações econômicas dominantes, pelos complexos bairros onde vivem, pelas

famílias que possuem, pelos poucos empregos – geralmente informais – que conheceram, pelo incentivo ao consumo, pelas informações recebidas pela mídia sobre como devem ser; também chegam com suas sensibilidades desenvolvidas nas práticas das lutas cotidianas que travam.

Nestas escorregadas, em alguns destes momentos, quando o acontecimento surgiu mais claramente, foi possível ver o erro, pedir desculpas, dialogar sobre ele. Certamente outros passaram despercebidos. Mas houve um, em particular, que não posso deixar de mencionar pois exemplifica o quanto estamos impregnados daquilo que queremos combater.

A partir do comentado por algumas pessoas de que estavam tendo problemas de insônia, e conseqüentemente sentiam-se muito cansados no dia seguinte, propus uma atividade com argila, em que cada um esculpiria um monstro, onde colocaria seus medos, raivas e tudo o que pudesse estar incomodando.

Aceitaram a idéia e, muito compenetrados, passaram a criar seus monstros. Quando todos haviam terminado passamos a discutir sobre eles e todos falaram sobre sua criação. Depois que foram fotografados pedi que cada um destruísse o próprio monstro e construísse algo que pudesse ser considerado bom para substituí-lo.

Eles acharam graça na proposta e recomeçaram o trabalho. Porém, Téia se manifestou dizendo que não queria destruir o seu, pois gostava dele. Após a surpresa inicial pedi que explicasse o porquê e argumentei que destruí-lo era parte da atividade. Ela simplesmente voltou a dizer que gostava dele, mas, ao ver que os demais já o haviam feito, também desmanchou o seu e recomeçou a remodelar.

No momento em que estávamos falando sobre as novas criações ela diz que só destruiu seu monstro porque eu pedi, mas que gostaria de ter continuado com ele. Minha reação foi a de dizer que ela não tinha sido obrigada a fazê-lo e encaminhei a discussão para a questão de que muitas vezes acabamos fazendo coisas só porque alguém ou muitos fazem, sem levar adiante os nossos questionamentos.

Somente quando comecei a trabalhar com o diário de campo para a escritura da dissertação foi que percebi como, mesmo não querendo, nossos discursos e posturas continuam sendo autoritários e terminam por impor, ainda que de forma

sutil, o que queremos que seja feito, desrespeitando o desejo do outro quando afirmamos respeitar as diferenças.

Por isso é tão importante a análise de implicações, que é quando estamos atentos a cada pensamento, a cada diálogo, a cada atitude que temos. Só assim conseguimos resistir às sutilezas e às acachapadas do biopoder, abrindo-nos às sensibilidades que permitem os bons encontros que nos trarão alegria e conseqüentemente a potência e força para viver e agir.

6.2. Classes perigosas? Não, sonhadores!

“Eu tenho uma espécie de dever, dever de sonhar, de sonhar sempre, pois sendo mais do que um espetáculo de mim mesmo, eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso. E, assim, me construo a ouro e sedas, em salas supostas, invento palco, cenário para viver o meu sonho entre luzes brandas e músicas invisíveis.”

Fernando Pessoa

Os discursos que nos são apresentados como conhecimento, carregam consigo sutilezas ou grandes informações cobertas de enganos e fraudes e nós, acabamos por retransmiti-los.

O capital é globalizado, as informações são globalizadas e uma parte da população tem acesso a uma boa vida globalizada, já que pode viajar e apropriar-se de parte dos avanços tecnológicos. Porém, já foi dito por algum sábio, que a maioria da população continua “localizada”, isto é, cada vez mais confinada aos seus pobres bairros enquanto conhece pela mídia e pela ‘lan house’ todas as maravilhas do mundo contemporâneo sonhando em conquistar o seu lugar ao sol.

À juventude, de modo geral ficam reservados modelos de existir contaminados com o germe do individualismo e da competição, disfarçados sob tons de modernidade e liberdade de escolha, ao mesmo tempo em que é induzida e cobrada a responsabilizar-se por um futuro sem as mazelas dos dias atuais. Algumas

rebeldias legitimadas podem até ser toleradas desde que não fujam aos padrões estabelecidos.

Porém, aos jovens pobres já resta apenas a posição de subalternidade em relação à economia, trabalho, moradia, educação, lazer e tantas outras. E esta posição em tempos de escassez torna-se mais complicada, pois tende a levá-los à condição de inutilidade.

Neste momento em que o Estado é chamado a abandonar definitivamente as antigas funções sociais, para estabelecer-se como um Estado Penal, estes jovens, já rejeitados e marginalizados pelo sistema, acabam sendo alçados à condição de criminosos em potencial. Confundidos com assaltantes, traficantes e seqüestradores, podem ser abordados, presos e mortos mesmo que não exista nenhum indício de que tenham participado de atividades ditas ilegais.

A visão hegemônica que foi construída a respeito deles não se conjuga com os jovens que conheço a cada ano no Programa Oficina do Saber. Os que conformaram o grupo mostraram, como pode ser observado ao longo deste trabalho, que embora imersos nas condições que lhes foram reservadas pelo neoliberalismo – e de estarem construídos por processos de subjetivação que imprimem os modelos discutidos – são sensíveis, cheios de vida e abertos a outros modos de ver e de existir.

Ao serem chamados a discutir um projeto de mestrado e a decidir como ele deveria ser feito, surgiu a possibilidade de pensar mais profundamente sobre o mundo em que vivem, as escolhas que fazem, seus planos e ações para o futuro e a ética envolvida nestes e outros aspectos.

A continuidade e o desenrolar do trabalho permitiu observar que seus projetos – assim como os de todos nós – são construídos em função de seus desejos e experiências, mas que estes desejos e experiências estão em grande parte sob o domínio de um poder que se ramifica por toda a existência levando a que na maioria das vezes pensemos, falemos e tenhamos atitudes influenciadas por estas forças.

Mostraram que querem e podem ser atores de suas próprias vidas. Que são competentes para discutir e avaliar questões que dizem respeito a si e à sociedade

como um todo. Que conseguem propor e implementar atividades que expressam seus desejos e necessidades. Que onde houver espaço para sua participação, lá estarão eles, cheios de disposição para agir. E onde não houver este espaço, creio que entenderam que é possível abri-lo e conquistá-lo.

6.3. Coletivos são possíveis

Se não fizermos a opção pela vida de eremita sempre estaremos cercados por outras pessoas. Queiramos ou não. E mesmo que façamos essa opção, somos obrigados a admitir que estamos em relação com as coisas da vida.

Respiramos o mesmo ar que alguns bilhões de outros, tomamos as mesmas águas que se reciclam em suas variações de estado. Nos alimentamos de plantas que nascem e crescem em relação com as diferentes temperaturas que por sua vez se relacionam com as diferentes estações do ano. De algum modo alguém se relacionou com alguém para que pudéssemos existir e assim continuamos nos relacionando com.

Está claro que muitas vezes nos esquecemos disto, principalmente com o “enfraquecimento” destas memórias incentivado pelo biopoder. Mas também pode ser observado como a vida escorre por entre os dedos e vive se mostrando aqui e acolá fazendo com que os próprios poderes instituídos estejam tendo que rever ações como no caso do aquecimento global e da preservação da natureza.

Viver em relação com o outro ou outros é um paradoxo, como já apontava Arendt (2007). Somos singulares em meio a uma infinidade de outros singulares, o que gera imprevisibilidades e também a necessidade de relações de respeito, cuidado e cooperação. Muito mais ainda no sistema neoliberal e globalizado.

Também por isso faz-se necessária a afirmação de uma dimensão coletiva da existência. Não com o sentido dado pelos discursos hegemônicos dos últimos séculos, isto é, como designação de quantidade, de soma de indivíduos, de agrupamentos ou de povos. É preciso repensar estes discursos, criar outros sentidos, buscar o que pode ser construído em comum, por e entre diferentes.

Podemos não saber muito bem, hoje, que sentidos podem ser estes, mas temos que estar abertos a buscar construí-los, a experimentá-los, a ser parte de processos onde esta construção pode estar em marcha.

Múltiplas são as condições de existir em cada um e em todos nós. Por isso temos a possibilidade de fazer escolhas – não entre as pré-fabricadas que andam soltas por aí – mas escolhas por modos mais cooperativos, mais alegres, por bons encontros com o outro singular, com novas idéias, com outras grupariedades, com o mundo enfim.

Acreditar que resistências e transformações apenas podem ocorrer através de amplos setores sociais organizados de uma forma determinada gera tanto empobrecimento em nossa visão e em nossas ações quanto crer na inevitabilidade e na eterna permanência do atual modelo econômico, político e social.

Ficarmos apegados a idéias e modelos já ultrapassados pela experiência encerra em nós o germe do autoritarismo e nos impede de buscar o novo.

Foi possível aprender com os jovens, que no mesmo plano do sofrimento e das dificuldades estão a alegria e as possibilidades de criação. Ao lado do incentivado individualismo está a solidariedade. Simultâneos à competição estimulada estão a cooperação e a amizade que são alguns dos elementos que permitem criar um coletivo.

A singularidade não gera mais individualismo, pelo contrário, gera respeito às diferenças. Permite a aprendizagem do solicitar um fazer comum e de buscar praticar este mesmo fazer. Cuidando de si sem se descuidar do cuidado com o outro e com as coisas em comum. Construir outros elos. E pontes para novos caminhos; vias passíveis de serem transitadas em nossas idas e vindas.

O grupo ao qual fizemos referência durante todo este trabalho não pode ser visto apenas como um grupo ou como o grupo já que ele teve diferentes momentos e passou por diferentes formas, rupturas e reencontros. Pessoas iam e vinham e a cada volta traziam outros elementos e dimensões, ao mesmo tempo em que podiam observar transformações nos que haviam ficado e nos modos de funcionamento do próprio grupo.

Houve momentos de cristalizações, de fechamento, de relações de dependência. Com eles também aprendemos algo.

Porém, mais que tudo houve a possibilidade de compreendermos que somos necessários e necessitamos do outro; que bons encontros realmente trazem alegria e aumentam nossa força de viver e agir; que movimentos coletivos podem ser criados se nos abirmos às sensibilidades e se apostarmos em sua construção.

Primavera não escolhe jardim, não tem fronteiras, apenas se apresenta e abre perspectivas para outras germinações.

A intensidade da vida que existe em nós também permite a abertura de possibilidades e de criação de outros sentidos que não os pré-fabricados que nos são oferecidos pelos dias atuais.



Scaevola aemula⁴⁵

como ririan
os pontos cardeais
se fossem cinco

MARIO BENEDETTI⁴⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁴⁵ Foto publicada por Maria Carvalho no site <http://dias-com-árvores.blogspot.com>

⁴⁶ Benedetti, M (1999). **Rincón de haikus**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. Tradução minha.

ABREU, M.R.M. & COIMBRA, C.M.B. (2008). **Corrupção: para além do julgamento aprisionador da vida**. Em GONÇALVES, M.A. & MAGELA DE FÁTIMA, G. (Orgs.). *Outros olhares: debates contemporâneos*. Belo Horizonte: Ed. Leiditathi.

AGAMBEN, G. (2007). **Profanações**. São Paulo: Ed. Boitempo.

AGÊNCIA FAPESP (2008). **Compras sem controle**. Órgão eletrônico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Publicado em 01/08/08. Disponível em [HTTP//www.fapesp.org.br](http://www.fapesp.org.br).

_____ (2009). **Seminário Crise Econômica Mundial: Impactos na América Latina**. Órgão eletrônico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Publicado em 27/03/09. Disponível em [HTTP//www.fapesp.org.br](http://www.fapesp.org.br).

AGUIAR, A. A. (2003). **Entre as Ciências da Vida e a Medicalização da Existência: Uma Cartografia da Psiquiatria Contemporânea**. Rio de Janeiro. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial. Disponível em http://www.estadosgerais.org/mundial_rj. Acessado em Julho/2008.

ALMEIDA, A. A. (2008). **“Do you Love me?” – uma cartografia do outro**. Revista História, imagem e narrativas, n. 7, ano 3. Disponível em [HTTP://www.historiaimagem.com.br](http://www.historiaimagem.com.br). Acessado em 12/12/2008.

AMARAL, E. & HECKERT, A. L. C. (2007). **HIP HOP – Exercício de Resistência?** Em Anais da I Jornada de Análise Institucional. Vitória/ES
Disponível em www.petpsicologiaufes.com

ANDRADE, L. A. B.; SILVA, E.P. & PASSOS, E. (2007). **O que é ser humano?** *Ciências & Cognição*; Ano 04, vol. 12.
Disponível em www.cienciasecognicao.org

- ARANTES, E. M. M. (2003). **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora DPA
- ARENDT, H. (2007). **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. RJ: Forense Universitária. 10ª Ed.
- BAUMAN, Z. (1998). **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar
- _____ (2001). **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar
- _____ (2007). **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar
- BENJAMIN, W. (1986). **Sobre o Conceito de História**. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense.
- CARVALHO, J.F. (2008). **O conceito de resistência na obra de Michel Foucault: considerações para a prática de produção de conhecimento e para a ética**. Monografia apresentada para aprovação na graduação do Curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói/RJ. Cópia digitalizada.
- CASTEL, R. (1994). **Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional**. Em LANCETTI, A. (Org.). *Saúde e loucura 4: grupos e coletivos*. São Paulo: HUCITEC, 1994. p. 21-48
- CASTRO, L.R. (2008). **Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum**. Revista Sociologia e Política, v. 16, n.30, p. 253-268.
- CÍCERO, M. T. (2001). **Diálogo sobre a amizade**. Em Lélío de Amicitia. SP: Cultrix
- CLEMENTE, C. C. (2005) **Analisando territórios e laços sociais de pessoas que**

vivem em mobilidade internacional. Em: IV Encontro Nacional sobre Migração, 2005, Rio de Janeiro. Textos do Nucleo de Estudos Populacionais – NEPO.

COIMBRA, C. M. B. (2001). **Operação Rio.** Rio de Janeiro: Oficina do Autor e Intertexto

_____ (2008). **Fascistização do cotidiano.** Entrevista dada à Classe: Revista de Política e Cultura da ADUFF, ano 1, n.2, p.36-40.
Disponível em <http://www.aduff.org.br/publicacoes/2008>.

COIMBRA, C.M.B.; NASCIMENTO, M.L. (2004). **Ser jovem, ser pobre é ser perigoso ?** Disponível em: <http://www.slab.uff.br/exibetexto2>

CONFÚCIO (2005). **Os Analectos.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes. 2ª edição.

CUMMINGS, E. E. (2007). **O tigre de veludo (alguns poemas).** Brasília: Editora UNB. Tradução Adalberto Müller.

DAMASCENO, F.J.G. (2007). **As cidades da juventude de Fortaleza.** Revista Brasileira de História, v. 27 n.53

DEJOURS, C. (2001). **A banalização da injustiça social.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 4ª. ed.

DELEUZE, G. (1990). **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle.** Em: Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____ (1999). **O ato de criação.** Publicado no jornal Folha de São Paulo em 27/06/1999. Tradução José Marcos Macedo.

DELEUZE, G (2007). **Lógica do sentido.** São Paulo: Perspectiva. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes

DELEUZE, G & GUATTARI, F. (1977). **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago

FALKEMBACK, E.M.F. (2007). **MST, “escola da vida em movimento”**. Caderno CEDES, v.27 n.72

FERREIRA, A. (2006). **Amor capital**. Disponível em <http://escolanomade.org>. Acessado em julho/2008.

FOUCAULT, M. (1984). **Uma entrevista: sexo, poder e políticas de identidade**. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982. Em: *The Advocate*, n.400, p. 26-30 e 58. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>

_____ (1986). **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____ (1987). **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes

_____ (1992). **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (1994). **Anti-édipo: uma introdução à vida não fascista**. Ditos e escritos, vol. III (1976-1979). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____ (2001 a). **História da Sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber**. RJ: Graal. 14 ed.

_____ (2001 b). **História da Sexualidade. Vol. 2: O uso dos prazeres**. RJ: Graal. 9ª Ed.

_____ (2002). **História da Sexualidade. Vol. 3: O cuidado de si**. RJ: Graal. 7ª Ed.

FREIRE, P. (1988). **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez. 22ª Ed.

FUGANTI, L. (2006). **A Ética como potência e a Moral como servidão**. Disponível em <http://escolanomade.org>. Acessado em julho/2008.

_____ (2007). **Política e Ética**. Palestra proferida na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, Moçambique no dia 02/08/2005. Disponível em <http://escolanomade.org>. Acessado em julho/2008.

GOMES, L.G.N. & SILVA JÚNIOR, N. (2007). **Sobre a amizade em tempos de solidão**. Revista Psicologia e Sociedade, v. 19, n. 2, p. 57-64

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. (2005). **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes 7ª Ed.

HATHERLY, A. (2006). **463 Tisanas**. Lisboa: Ed. Quimera

HECKERT, A.L.C. (2004). **Narrativas de resistências: educação e política**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense. Disponível em www.uff.br

IBGE. **Censo Demográfico 2000**.

Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. 11/06/2000

JUNGBLUT, A.L. (2007). **A salvação pelo Rock: sobre a “cena underground” dos jovens evangélicos no Brasil**. Revista Religião e Sociedade, v. 27, n.2, p.144-162.

KIRST, P.G.; GIACOMEL, A.E.; RIBEIRO, C.J.S.R.; COSTA, L.A. & ANDREOLI, G.S (2003). **Conhecimento e Cartografia: tempestade de**

possíveis. Em: FONSECA, T.M.G.; KIRST, P.G. (org). *Cartografia e Devires, a construção do presente.* Porto Alegre: Editora da UFRGS.

LÉVINAS, E. (2008). **Totalidade e Infinito.** Lisboa: Edições 70.

LAO TZU (1978). **Tao-te King.** Tradução Margit Martinic. SP: Ed. Pensamento.

LOBO, L.F.; LIMA, L.S; KUHL, A.S.B; BARBOSA, B.B; YAMADA, L. ; RODRIGUES, P ; TAVARES, R. & RODRIGUES, T.O. (2002). *Trabalho Voluntário: uma luta apolítica?*. Em: Anais do V Encontro Clio Psyché , Rio de Janeiro 2002.

LOURAU, R. (1990). **Implicação e sobreimplicação.** Revue Du MAUSS (mouvement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales), n. 10, 4º trimestre. Tradução Ana Paula Jesus de Melo.

MACHADO, R. (1999). **Nietzsche e a verdade.** Rio de Janeiro: Graal

MALINI, F. (2007). **O comunismo das redes – sistema midiático p2p, colaboração em redes e novas políticas de comunicação na internet.** Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO, 2007 Xi, 333p.

MARX, K. (1971). **O Capital.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira

MATURANA, H.R.; VARELA, F.J. (2003). **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Ed. Palas Athena.

MELO NETO, J.C. (1994). **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

_____ (1966). **A educação pela pedra.** Rio de Janeiro: Editora do Autor.

MORAES, T. D. & NASCIMENTO, M. L. (2002). **Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades**

contemporâneas. Rev. Psicol. Estudo, v.7, n.1, p. 91-102.

NEGRI, A. (2003). **Cinco lições sobre 'Império'**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A .

_____ (2005). **A constituição do comum.** Conferência Inaugural do II Seminário “Economia do Conhecimento e a Constituição do Comum. Rio de Janeiro, 24 e 25 de outubro de 2005.

NEGRI, A.; LAZZARATO, M. (2001) **Trabalho Imaterial – formas de vida e produção de subjetividade.** Rio de Janeiro: Ed. DP&A.

NEGRI, A; HARDT, M. (2000). **Império.** Rio de Janeiro: Ed. Record.

NIETZSCHE, F. (1978). **Sobre o niilismo e o eterno retorno.** Em “Os Pensadores”, 2ª Ed. São Paulo: Ed Abril.

_____ (2005a). **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução Paulo César de Souza. SP: Companhia das Letras.

_____ (2005b). **Ecce Homo.** Tradução Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Ed. Rideel.

_____ (2007). **A Gaia Ciência.** Tradução Jean Melville. SP: Martin Claret.

_____ (2007a). **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Ed. Companhia das Letras.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (1999) . Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

ORTEGA, F. (1999). **Amizade e estética da existência em Foucault.** RJ: Graal.

_____ (2002). **Genealogias da amizade.** SP: Iluminuras

- PASSETTI, E. (2003). **Ética dos amigos: invenções libertárias da vida**.
SP: Imaginário
- RAGO, M. (1993). **Políticas da (In)Diferença: Individualismo e Esfera Pública na Sociedade Contemporânea**. Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política do Departamento de Psicologia da UFF, ano II, v. II.
- ROCHA, J. M. (2007) **Os múltiplos nós que nos constituem: o afeto na constituição dos processos emotivos e cognitivos**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Acessível em http://teses.ufrj.br/ip_d/jerusamachadorocha.pdf
- RODRIGUES, R. C. (2008). **O Estado Penal e a Sociedade de Controle: O Programa Delegacia Legal Como Dispositivo de Análise**. Dissertação de Mestrado. Disponível em www.slalb.uff.br
- ROLNIK, S. (2001). **Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer...** Rev. São Paulo em Perspectiva, v. 15, n.3, pp. 03-09. Fundação SEADE.
- _____ (2007). **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS
- SENNETT, R. (1988). **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras
- _____ (1999). **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- SPINOZA, B. (1979). **Ética**. Livros I a V. Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Ed. Abril

VELLOSO, M.P. (2006). **Razão e sensibilidade: o tema da amizade na escrita modernista**. Rev. Nuevo mundo Mundos nuevos, n.6.
Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1919.html>

WACQUANT, L. (2001). **As prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

_____ (2008). **A segurança criminal como espetáculo para ocultar a insegurança social**. Entrevista feita por Fernanda Bocco, Cecília Coimbra e Maria Livia Nascimento. Fractal Revista de Psicologia, v. 20 n.1 p.319-330.

Sites de figuras: <http://images.google.com.br>
[babyonlinetrends.files.wordpress.com/2009
downloads.open4group.com/wallpath](http://babyonlinetrends.files.wordpress.com/2009/downloads.open4group.com/wallpath)
www.abril.com.br/noticias
www.karnivoras.com

Discografia: BELCHIOR (2002). **Como nossos pais**. CD nº 8 da Enciclopédia Musical Brasileira.

BROWN JR., C (2003). Acústico-MTV. Gravadora EMI Brasil

RODRIGUEZ, S.; MILANES, P. (1991). CD **“En vivo en Argentina”**.
Gravadora Polygram

SEIXAS, R. (1982). CD **“O baú do Raul”**. Gravadora Polygram

SOSA, M. (1971). CD "**Homenaje a Violeta Parra**". Gravadora Philips

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)